

Juventudes e Conexões

Educação

3ª edição

Telefônica
FUNDAÇÃO | vivo



IBOPE
inteligência

Idealização e coordenação

Fundação Telefônica Vivo

Americo Mattar – Diretor-Presidente
Odair Barros – Gerente de Estratégia e Gestão
Luanda de Lima – Gerente de Comunicação e Voluntariado
Nayara Romero – Consultora de Projetos Sociais
Luciana Novaes – Consultora de Comunicação
Tatiana Gimenes Pereira – Analista Sênior de Comunicação

Coordenação e realização

Rede Conhecimento Social

Marisa de Castro Villi – Diretora Executiva
Harika Merisse Maia – Diretora de Projetos
Ana Lucia Lima – Consultora Institucional
Rodrigo Fernandes Cardozo – Diretor Geral
Fabiana de Freitas Nascimento – Assessora
Priscila Ratnieks – Consultora de Projetos

Realização

IBOPE Inteligência

Tony Perrella – Diretor de Consumo e Serviços
Fernanda Aguiar – Gerente de Atendimento e Planejamento
Alexandre Carvalhaes – Analista de Atendimento e Planejamento
Érika Melo – Analista de Atendimento e Planejamento
Carina Bolgheroni Martins – Moderadora de Pesquisa Qualitativa
Bruna Suzzara – Gerente de Estatística

Consultoria

Tatiana Klix Pereira – Consultora Temática de Educação
Lílian da Silva Botelho – Consultora Temática de Empreendedorismo
Helena Wendel Abramo – Consultora Temática de Comportamento
Rita de Cássia Alves Oliveira – Consultora Temática de Participação Social

Publicação

Texto e edição

Juliane Albuquerque, Harika Merisse Maia
e Marisa de Castro Villi

Projeto gráfico

DPZ&T

Agência Zatar

Diretor de Criação – João el Helou
Diretora de Arte – Bruna Mariano
Diagramação – Bruna Mariano,
Eduardo Graciano, Marina Kikuchi
e Renan Porto

Revisão

Fabiana Colturato Aidar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaborado por Francisco Lopes de Aguiar - CRB8ª-7856, São Paulo, Brasil

J98
2019
Juventudes e Conexões / Fundação Telefônica Vivo; Rede Conhecimento Social;
IBOPE Inteligência; 3.ed. --- São Paulo: Fundação Telefônica Vivo, 2019.
272 p.; 21 cm x 29, 7 cm.

Inclui Bibliografia
ISBN 978-85-60195-63-3

1. Jovens. 2. Juventude. 3. Tecnologia educacional. 4. Inovação educacional.
5. Estudantes - Brasil. 6. Internet. I. Fundação Telefônica Vivo. II. Rede Conhecimento
Social. III. IBOPE Inteligência. Título.

CDD 370.8
CDU 37:62



Prefácio



O fascículo **Educação** é uma versão resumida da publicação **Juventudes e Conexões**, que você encontra na íntegra para download em fundacaotelefonica.org.br/juventudeseconexoes

Em 2019, a Fundação Telefônica Vivo comemora 20 anos de atuação no Brasil! Nessa trajetória, escolhemos a **Inovação Educativa** como uma forma de abrir caminhos inspiradores por meio da educação, da tecnologia e do acesso ao conhecimento, contribuindo assim para construir um futuro melhor e com mais oportunidades para todos.

Acreditamos que, para grandes mudanças acontecerem, precisamos de pessoas e da capacidade que elas têm de trabalhar em conjunto. Pensando nisso, investimos em projetos e estudos que promovem a tecnologia como estímulo ao desenvolvimento social e à mobilização de debates essenciais para as transformações que queremos ver no mundo.

Atentos aos movimentos do mundo atual, desde 2013 realizamos a pesquisa Juventude Conectada com o objetivo de compreender hábitos de jovens na era digital. Desde então, as multiplicidades em nossa sociedade têm se potencializado: não se trata mais de buscar uma unidade para a juventude, mas sim enxergar suas diversidades; os conteúdos e relações não mais se separam entre online e offline, pois essas dimensões se extrapolam e interagem entre si. Motivados por esse dinamismo e buscando melhor expressar essa complexidade, a terceira edição do estudo ganha um novo nome: **Juventudes e Conexões**.

Idealizado pela **Fundação Telefônica Vivo** e realizado pela **Rede Conhecimento Social** em parceria com o **IBOPE Inteligência**, este estudo é norteado por pressupostos de colaboração, multiplicidade de olhares e cocriação. Procuramos conduzir um processo que favoreceu trocas entre uma pluralidade de vozes que dialogam com e sobre as juventudes. Mais do que ter jovens como foco da pesquisa, tivemos um grupo deles ao nosso lado, construindo conosco o conhecimento que aqui compartilhamos, participando desde a definição das perguntas até as análises e produção de conteúdos.

Além disso, contamos com a colaboração de **especialistas** nas leituras aqui apresentadas e de quatro **consultoras** que aportaram conteúdos e pontos de vista a partir de suas experiências nas temáticas do estudo.

Esperamos que a imersão nessas reflexões e descobertas dialogue com suas experiências cotidianas e com as conexões das quais você faz parte. Que os dados e questionamentos trazidos aqui inspirem ações possíveis para avançarmos nas transformações positivas que as juventudes querem (e já nos ajudam a) construir para a sociedade.

Boa leitura!

Americo Mattar
Diretor-Presidente da Fundação Telefônica Vivo

Sumário

1	Histórico do Juventudes e Conexões	11
2	Etapas do estudo.....	21
3	Quem participou do estudo e seu perfil	27
4	Acesso e atividades conectadas	49
5	Referências e habilidades para um mundo conectado	69
6	Educação – Dados da pesquisa	85
7	Educação – Como tornar a internet parceira para jovens aprenderem mais	107
8	Referências bibliográficas.....	121
9	Anexo: Questionário	125





1



Histórico do Juventudes e Conexões

Para um estudo ser relevante ao longo do tempo, ele deve ter a capacidade de observar e se manter conectado com as evoluções do contexto que investiga, além de ter abertura para se adaptar frente a desafios que se imponham durante sua realização.

Com este estudo, buscamos refletir e compreender como jovens se relacionam com a internet, as tecnologias digitais e as múltiplas formas de conexão. Mas como nasceu a pesquisa Juventudes e Conexões? Quais foram os acontecimentos em sua trajetória, que se iniciou em 2013, até chegarmos a esta publicação, em 2019? Quais foram as escolhas e decisões que a caracterizaram?

Inserido em um contexto em que novos usos das tecnologias digitais surgem constantemente e moldam e são moldados pela forma como a sociedade se organiza, o Juventudes e Conexões tem procurado, a cada nova edição, traduzir essa dinâmica de mudanças, adaptando metodologias e se desenvolvendo junto com o próprio público jovem. Conheça nas próximas páginas um resumo desse longo caminho.

Histórico do Juventudes e Conexões

Muitos são os potenciais e os desafios de uma sociedade globalizada e imersa em tecnologias digitais. Atenta a essas demandas e possibilidades, a Fundação Telefônica Vivo decidiu investir no desenvolvimento de uma pesquisa complexa e inovadora para conhecer os usos e hábitos de jovens brasileiros conectados, em busca de desvendar tanto padrões como tendências e especificidades, com foco nas áreas de educação, empreendedorismo, comportamento e participação social. Assim nasceu a pesquisa Juventude Conectada, iniciada em 2013 e publicada em 2014, em parceria com o IBOPE Inteligência, o Instituto Paulo Montenegro e a Escola do Futuro da Universidade de São Paulo (USP). Enquanto a pesquisa era realizada, o país vivenciou as manifestações de junho de 2013, que promoveram usos intensos da internet como forma de organização e reforço da visibilidade de jovens como atores políticos.

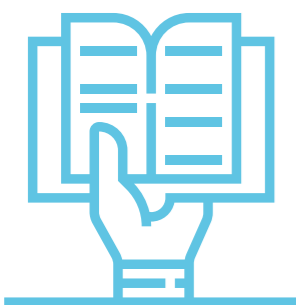
2013-2014
1ª edição

2015
Documentário

2015-2016
2ª edição

2017-2018
Edição especial
Empreendedorismo

2018-2019
3ª edição



Os inúmeros aprendizados da primeira edição fortaleceram a ideia de que valia a pena seguir buscando formas de produzir e compartilhar conhecimento sobre e com jovens e suas experiências de uso da internet. Ficou claro também que, para se manter relevante ao longo do tempo, o estudo deveria ter como um de seus fios condutores a abertura para observar e se adaptar frente aos desafios que mudanças de contexto trazem consigo.

Iniciamos a segunda edição em 2015, ano posterior a um processo eleitoral nacional turbulento e polarizado, que, na visão de jovens participantes da pesquisa, influenciou o crescimento da agressividade nas redes sociais e induziu ao tensionamento de relacionamentos. Em busca de multiplicar olhares e aprofundar perspectivas diversas e especializadas nos eixos do estudo, agregamos ao time de trabalho da Fundação Telefônica Vivo, do Instituto Paulo Montenegro e do IBOPE Inteligência quatro consultores, cujos artigos compuseram, junto aos dados e análises, a publicação lançada em 2016. Uma das principais mudanças captadas nesse período foi o fortalecimento do celular como principal aparelho para a conexão, moldando os hábitos e as atividades de jovens para um acesso cada vez mais móvel à internet.

Buscando ampliar o debate e experimentar outras linguagens para o compartilhamento dos principais achados do estudo, no mesmo período foi produzida a série documental Juventude Conectada, que em quatro episódios (“Ativismo”, “Comunicação Democrática”, “Empreendedorismo” e “Educação”) conta sobre experiências e iniciativas protagonizadas por jovens que exploram potencialidades das tecnologias digitais para defender territórios, fortalecer causas, promover negócios criativos e incentivar novas formas de aprendizagem.

Assista aos quatro episódios da série no link: fundacaotelefonica.org.br/juventudeconectada

Em 2017, quatro anos após a primeira edição, o contexto era propício à realização de uma edição especial, focada exclusivamente no eixo de empreendedorismo, tendo em vista o período de contração econômica e elevado desemprego no país. Mais uma vez juntos, Fundação Telefônica Vivo, Rede Conhecimento Social¹ e IBOPE Inteligência, lançamos, em 2018, o Juventude Conectada – edição especial Empreendedorismo, construído ao lado de cinco **jovens consultores**. O material e o processo colaborativo foram importantes para atualizar a compreensão sobre um ecossistema que cada vez mais transborda e se integra com os campos da educação, da participação social e do comportamento das juventudes.

Finalmente, em 2018, ano em que o Brasil vivenciou mais um processo eleitoral polarizado e pautado em campanhas organizadas por meio de redes sociais, iniciamos a terceira edição. Os dados inéditos que disponibilizamos nesta publicação, agora denominada Juventudes e Conexões, trazem consigo um conjunto de atualizações que remontam a aprendizados e tendências apontados nas produções anteriores, bem como novas perspectivas alinhadas com a conjuntura, as práticas de jovens e seus usos das tecnologias digitais.

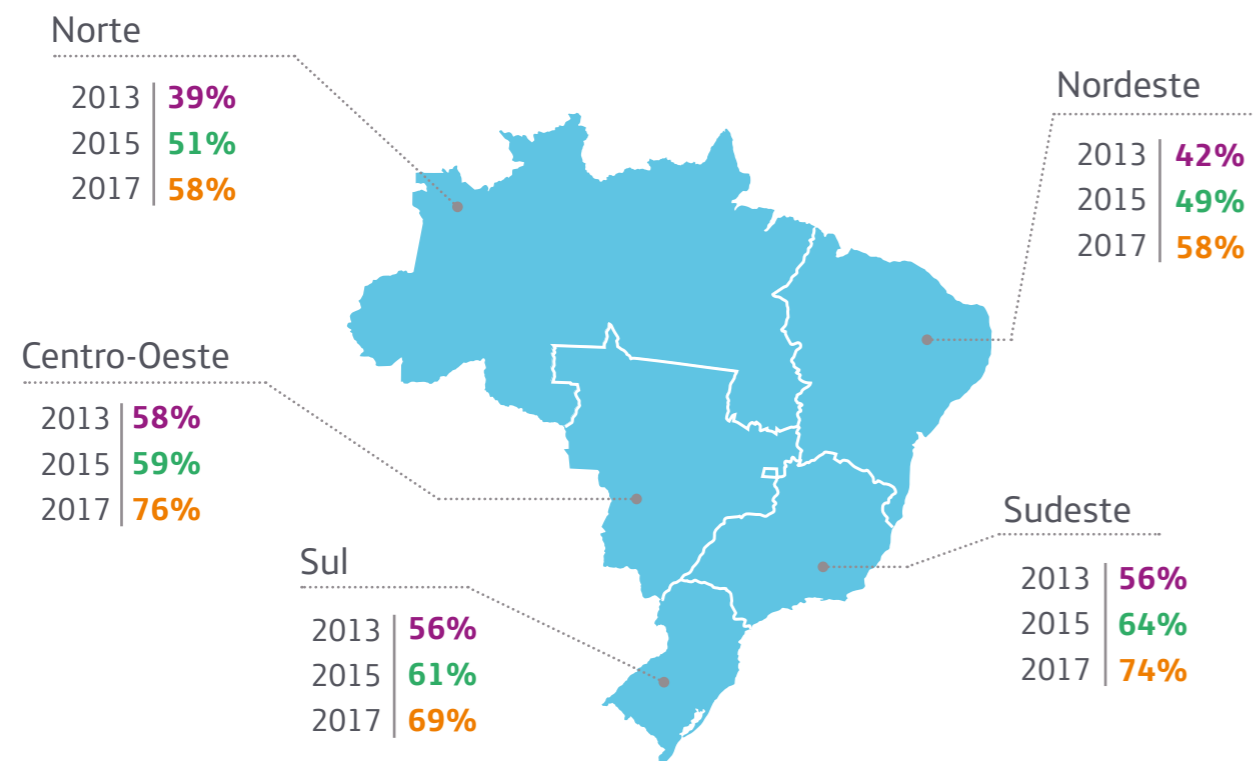
¹ Organização sem fins lucrativos que dá continuidade às ações do Instituto Paulo Montenegro.

Contexto brasileiro de acesso à internet

Para além dos acontecimentos políticos e econômicos simultâneos à realização das edições do estudo, é importante localizar algumas das transformações do contexto brasileiro no que diz respeito ao acesso à internet. A *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros* (TIC Domicílios) tem revelado, ao longo dos anos, o crescimento dos acessos entre toda a população do país, dos quais destacamos alguns segmentos.

Para conhecer mais dados da pesquisa, acesse <https://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/>

Indivíduos conectados no Brasil – por região



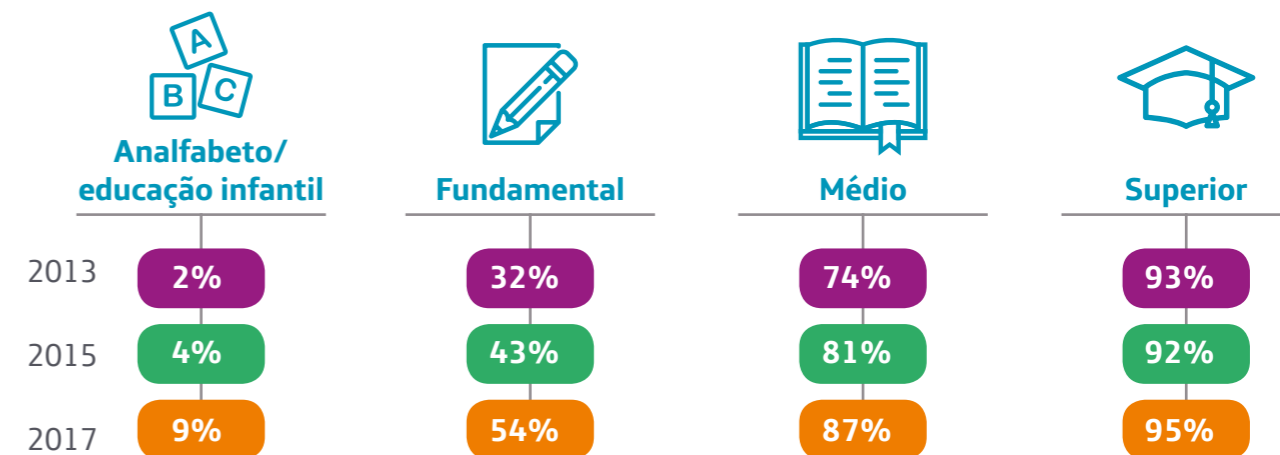
Fonte: CGI.br/NIC.br, Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2013, 2015 e 2017.



Nos dados da pesquisa TIC Domicílios, entendemos por indivíduos conectados aqueles que declararam ter acessado a internet nos últimos três meses.

Quando observamos por região do país, notamos que o acesso à internet ainda não é igualmente distribuído, mas é possível perceber um crescimento geral na proporção de pessoas que se conectaram nos últimos três anos: nas regiões Norte e Nordeste, avançaram de quatro a cada dez pessoas em 2013 para seis a cada dez em 2017.

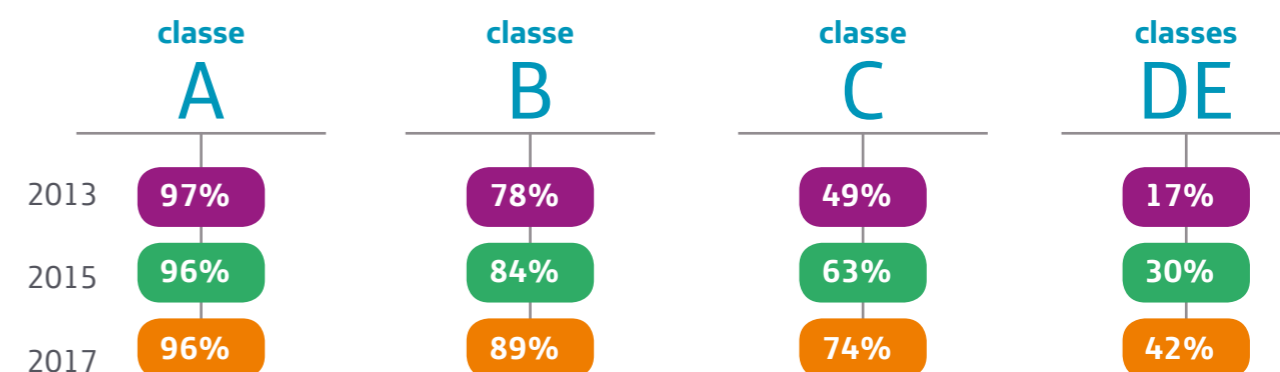
Indivíduos conectados no Brasil – por grau de instrução



Fonte: CGI.br/NIC.br, Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2013, 2015 e 2017.

Ao considerar o acesso da população por grau de instrução, também notamos uma tendência à democratização: em 2013, três de cada dez pessoas com ensino fundamental eram conectadas; em 2017, passaram a ser cinco de cada dez.

Indivíduos conectados no Brasil – por classe social



Fonte: CGI.br/NIC.br, Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2013, 2015 e 2017.

Verificamos que, em um período de cinco anos, houve um grande aumento do acesso à internet nas classes DE, passando de dois a cada dez indivíduos conectados para quatro a cada dez.

Em resumo, o contexto brasileiro ao longo desses cinco anos foi de movimentação para a ampliação do acesso à internet entre determinados segmentos da população. E esse alargamento precisava ser trazido para a nova edição do Juventudes e Conexões.

Ampliação do público da pesquisa

Para acompanhar essas transformações socioeconômicas e tecnológicas que impactam a vida da população brasileira (e do mundo), em especial o público jovem, que é cada vez mais plural e conectado, buscamos formas de manter o estudo dinâmico e articulado com o espírito do tempo.

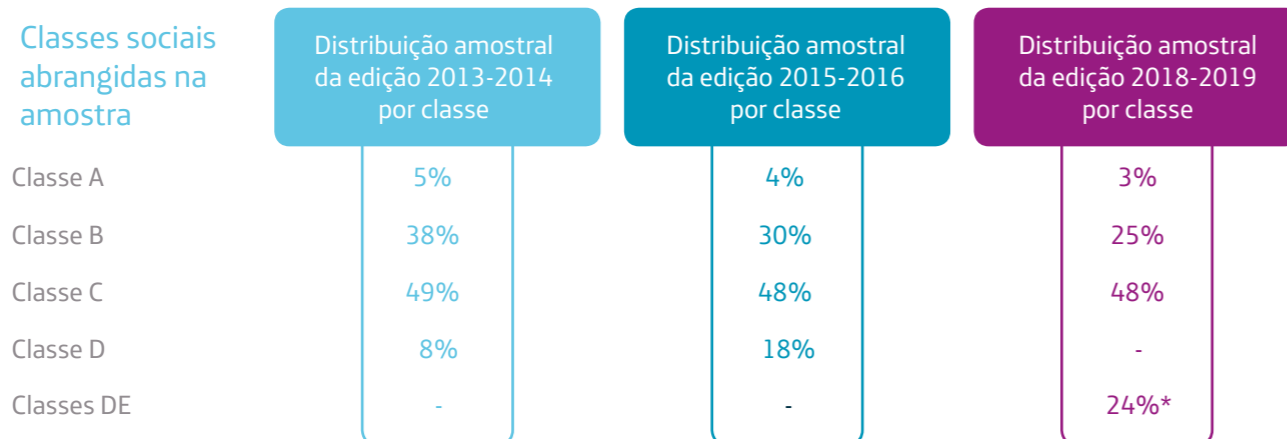
Esse movimento já esteve presente entre a primeira (2013-2014) e a segunda edição (2015-2016), quando mudamos a faixa etária de jovens abrangidos pela pesquisa, estendendo de 16 a 24 anos para 15 a 29 anos, considerando a aprovação do Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013). Essa mudança alinhou o estudo a um debate mais amplo na sociedade brasileira sobre juventudes. Além disso, permitiu um alargamento da abrangência da investigação, ainda que o recorte de público para jovens conectados não garanta representatividade de toda a população jovem brasileira.

Considerando que a pesquisa, desde sua primeira edição, já abrangia um olhar para todas as regiões do país e que a escolaridade é relativamente homogênea na faixa etária investigada, fazia sentido, nesta terceira edição, acompanhar a evolução do acesso a partir de uma atualização das classes sociais abrangidas pelo estudo.

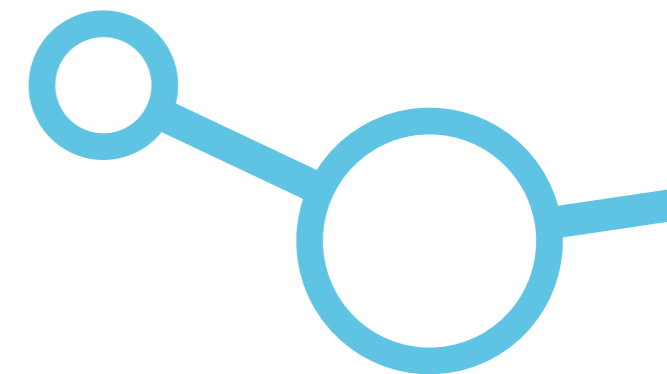
Como vimos nos dados da TIC Domicílios, em 2013, quando o estudo foi concebido, a quantidade de jovens conectados de classes DE era pequena se comparada às demais classes. Isso fez com que a amostra do Juventude Conectada fosse dividida entre as classes A, B, C e D, sem contemplar a classe E. Em 2018, tendo em vista esse movimento de inclusão, não era mais possível produzir uma pesquisa nacional amostral sem incluir a classe E como público pesquisado. Assim, a amostra do Juventudes e Conexões passou a contemplar as classes A, B, C, DE*.

Veja nas páginas 14 e 15 deste mesmo capítulo.

Distribuição da amostra da etapa quantitativa do Juventudes e Conexões – por classe social



*As classes sociais, em pesquisas de opinião pública e de mercado, costumam ser identificadas a partir do Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. Nessa categorização, os estratos socioeconômicos consideram sempre como uma categoria única as classes D e E. Conheça mais sobre o CCEB: <http://www.abep.org/criterio-brasil>.



Escolhas metodológicas

Ainda com a intenção de acompanhar as mudanças nos usos das tecnologias por jovens ao longo dos anos, vimos a necessidade de alterar e/ou adaptar alguns caminhos metodológicos do estudo.

Monitoramento da navegação

Um dos métodos que perdeu sua relevância no percurso do trabalho foi o *e-meter*. Em 2013-2014, o então inovador medidor do IBOPE Inteligência – que pela primeira vez era utilizado em uma pesquisa do setor social – monitorava os sites e os tempos de navegação de dez jovens a partir de uma extensão no navegador de computadores (notebook ou desktop). Ao repetir esse método em 2015-2016, já no início da segunda edição, percebemos uma mudança: tivemos dificuldade de encontrar jovens que tinham a maior parte das suas atividades realizadas no computador. Isso foi demonstrado, posteriormente, pelos dados da pesquisa daquele ano, que apontava o celular como principal aparelho para usar a internet (94%).

Como resultado dessa tendência, que só cresceu nos últimos anos, decidimos não usar mais o *e-meter*, que rapidamente ficou obsoleto para o tipo de dado que nosso estudo busca construir. Afinal, se queremos traçar um panorama representativo da população jovem do Brasil, não faz mais sentido nos apegarmos a um método que não dialoga com o contexto atual de conectividade móvel.

Esse processo nos levou a mudar também uma importante perspectiva da pesquisa: em vez de saber por onde navegam e por quanto tempo, agora buscamos saber o que estas conexões têm gerado para esses jovens.

Participação dos jovens no estudo

Outra perspectiva metodológica que foi revista nesta edição diz respeito à inclusão de jovens com papel mais ativo no estudo. Na primeira edição, a pesquisa seguiu um perfil tradicional de produção de conhecimento, dividindo-se entre pesquisadores e público pesquisado. É comum que estudos não considerem o público pesquisado nem mesmo entre os consumidores dos dados, menos ainda como produtores do conhecimento. Porém, ao longo da linha do tempo do estudo, buscamos cada vez mais construir um trabalho que tivesse sentido para jovens, e principalmente em conjunto com eles próprios. Para nós, esse princípio se concretizou na criação de espaços de participação ativa deles no próprio desenvolvimento da pesquisa, com métodos de construção coletiva.

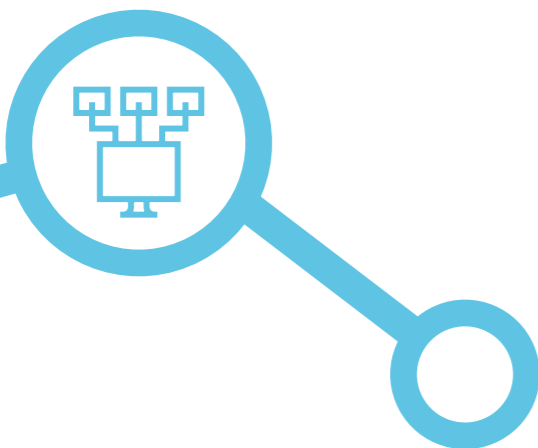
A preocupação com a presença de jovens como produtores de conhecimento na pesquisa passou a ser uma premissa do estudo na segunda edição, quando incluímos a metodologia de PerguntAção. Em 2015-2016, um grupo de jovens pôde desenvolver sua própria consulta participativa de opinião, investigando quem seria o que chamávamos de “hiperconectados”. Esse processo ocorreu paralelamente aos levantamentos quantitativos e qualitativos realizados pelo IBOPE Inteligência e pelo Instituto Paulo Montenegro.

Para a presente edição, colocamos para nós mesmos o desafio de contemplar a participação de jovens em todo o processo da pesquisa, mais uma vez a partir de uma PerguntAção. Por meio de chamada pública nas redes sociais e com o apoio dos parceiros, constituímos um grupo bastante heterogêneo, com jovens de sotaques, orientações sexuais, identidades de gênero, áreas de interesse, idades e grau de instrução diferentes, representando as cinco regiões do país. Chamamos esses participantes ativos de **jovens consultores**.

Eles encontraram-se presencialmente, mantiveram contato por redes sociais, debateram seus pontos de vistas com **consultoras e especialistas**, ajudaram em nossas decisões sobre os direcionamentos da pesquisa, apoiaram a construção de instrumentais, analisaram conjuntamente os resultados de cada etapa e pensaram estratégias de divulgação do estudo para as juventudes. O olhar desses **jovens consultores** foi essencial não só para trazer mais legitimidade e relevância ao projeto, mas também para a compreensão mais ampla dos resultados por parte das instituições e pessoas envolvidas. Eles mudaram a forma como analisamos os dados e nos nortearam sobre como divulgar os resultados desta edição.

Assim, de uma participação pontual e focada em uma etapa paralela, ampliamos a inserção da participação de jovens ao longo do corpo central da pesquisa, culminando nesta edição que foi construída de forma totalmente colaborativa em todas as suas etapas.

Entenda mais sobre a metodologia no capítulo 2, página 22.



Novo nome: Juventudes e Conexões

Um dos principais desdobramentos desse processo de ampliação de escuta (alargamento da faixa etária e inclusão da classe E na amostra) e participação (com a presença constante de **jovens consultores e especialistas**) foi a necessidade de rever o próprio nome do estudo.

Inicialmente chamado de Juventude Conectada, a cada nova edição observávamos o aumento da necessidade de um nome que fosse mais abrangente. A mudança do nome partiu de uma demanda que surgiu nas discussões entre os diferentes atores que contribuíram com a construção coletiva deste estudo, já desde a segunda edição e que se fortaleceu nesta terceira. As análises nos levavam constantemente à conclusão de que era impossível se referir a jovens como uma unidade no singular, “Juventude”, pois não refletia a pluralidade de jovens, “Juventudes”, portanto.

Jovens também trouxeram a reflexão de que a palavra “conectado” deveria ganhar um sentido mais amplo do que uma forma de acessar a internet. Para eles, deveriam ser consideradas no estudo todas as formas de conexão que estão disponíveis para essa geração, fossem elas online ou offline. A conectividade deveria ser referenciada como algo muito mais amplo, o que nos permitiria compreender que a internet já é parte das vidas dessa geração e intermedeia as relações pessoais, profissionais, com serviços, mesmo em contextos com acesso mais restrito. Por isso o termo “conexões” faria mais sentido dentro deste olhar.

Aliando esses dois conceitos na busca de melhor traduzir nosso foco de estudo, e o universo amplo e diverso do público jovem, foi escolhido coletivamente o novo nome deste estudo, que a partir desta terceira edição passa a se chamar: Juventudes e Conexões.

Série histórica

Apesar de todas essas mudanças, nós nos preocupamos em manter uma linha comum entre todas as edições, para que seja possível fazer comparativos dos resultados ao longo do tempo.

Algumas perguntas têm sido mantidas desde 2013 até 2018, permitindo uma leitura longitudinal de determinados hábitos e percepções de jovens sobre os usos da internet e das tecnologias digitais. Assim, a cada atualização do estudo não produzimos uma edição que começa do zero, mas sim uma continuidade histórica das produções anteriores, revisadas e com processos metodológicos adequados ao contexto.

Além de apresentar os resultados comparativos ao longo dos próximos capítulos, no final desta publicação, anexamos o questionário utilizado, apontando quais foram as alterações e acréscimos em relação à edição anterior.



2



Etapas do estudo

No estudo Juventudes e Conexões, combinamos múltiplas metodologias para mapear comportamentos, atitudes e percepções de jovens que vivem no Brasil em relação à internet e às tecnologias digitais. Conheça o passo a passo de construção desta edição, que foi realizada entre julho de 2018 e junho de 2019.

Etapas do estudo

Julho de 2018

Workshop de criação coletiva

Convidamos 12 **especialistas** para colaborarem com o desenho do estudo, ao lado das quatro **consultoras** e equipes de pesquisa. Em um encontro de oito horas, todos refletiram e problematizaram o contexto brasileiro, tendo em vista os avanços e desafios das áreas de tecnologia, juventudes, educação, empreendedorismo, comportamento e participação social, desde a segunda edição do estudo (2015-2016) até a data do workshop. A partir das discussões, sugeriram abordagens para esta edição, sabendo que a síntese do workshop seria analisada posteriormente por um grupo de jovens.

Novembro de 2018

Grupos de discussão

Na etapa qualitativa da pesquisa, realizamos dez grupos de discussão, com oito a 12 jovens de 15 a 29 anos cada. Mediados por uma moderadora e com o roteiro de questões indicadas por **especialistas** e **jovens consultores**, eles dialogaram sobre a relação que têm com as tecnologias digitais, trazendo seus argumentos sobre influências e práticas. Para representar todas as regiões do Brasil, os grupos de discussão foram realizados em cinco capitais, sendo cinco deles presenciais, com jovens de classes C e DE e cinco online, com jovens de classes A e B.

Setembro de 2018

Oficina inicial de PerguntAção

Reunimos 19 **jovens consultores**, de 15 a 29 anos, vindos de todas as regiões do Brasil, em uma oficina de PerguntAção, uma metodologia que promove a construção participativa de pesquisas de opinião e une pessoas de diferentes perfis para produzir conhecimento e criar ações para seus contextos. Com o objetivo de envolver o próprio público do estudo no desenho de suas etapas, mediamos oito horas de discussões desses jovens para aprofundar as reflexões em torno dos quatro eixos, validar as abordagens sugeridas pelos **especialistas**, indicar as temáticas com mais sentido para o universo jovem e criar coletivamente as perguntas.

Novembro e dezembro de 2018

Pesquisa quantitativa amostral

Entrevistamos 1.440 jovens de 15 a 29 anos, das classes A, B, C, DE e internautas, ou seja, que acessaram internet nos últimos três meses, semanalmente. Para identificar e medir a frequência de determinados comportamentos, atitudes e motivações, produzimos um questionário a partir das sugestões de **especialistas** e **jovens consultores**, que foi aplicado por meio de um tablet, em que os participantes respondiam por autopreenchimento com apoio de um entrevistador profissional.

Abril de 2019

Oficina final de PerguntAção

Com resultados das etapas quantitativa e qualitativa em mãos, reunimos novamente os 19 **jovens consultores**, em uma oficina de oito horas, para produzir uma análise coletiva dos dados e percepções representativas de jovens de todo o país. As leituras realizadas agregaram ao estudo a visão das próprias juventudes sobre as descobertas da pesquisa.



Fevereiro de 2019

Entrevistas em profundidade

Após concluídas as etapas de pesquisa com jovens, compilamos os dados qualitativos e quantitativos e apresentamos individualmente aos **especialistas** os principais resultados. Abrimos o diálogo para que contribuíssem, a partir de suas experiências e perspectivas, com as análises e leituras dos resultados revelados pela pesquisa com o público jovem.

Abril de 2019

Workshop de encerramento

Promovemos um último encontro de oito horas, colocando em diálogo **especialistas, jovens consultores, consultoras** e as equipes de pesquisa. Conversamos, trocamos impressões, analisamos coletivamente algumas conclusões do estudo e fizemos projeções de oportunidades e desafios para o futuro da cultura digital entre jovens no Brasil.

3



Quem participou do estudo e seu perfil

Como um estudo composto por diversas etapas de construção coletiva e métodos mistos, várias pessoas foram atuantes ao longo do planejamento, desenvolvimento e análise do Juventudes e Conexões. Convidamos para colaborarem com essa produção de conhecimento, além das **consultoras** temáticas, um conjunto de **especialistas** vinculados às áreas de juventudes e tecnologias e um grupo de **jovens consultores**, cujas trajetórias apresentamos a seguir.

Aqui também incluímos informações sobre os perfis de jovens que participaram das etapas quantitativa e qualitativa de pesquisa, cujas percepções estão analisadas ao longo desta publicação.

Quem participou do estudo e seu perfil

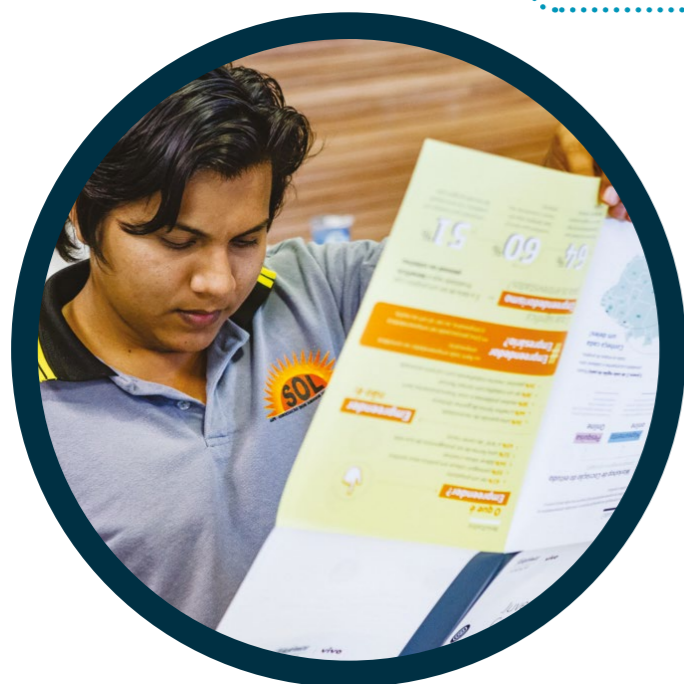
Etapas de construção coletiva

Nesta terceira edição, todo o processo de realização do estudo foi acompanhado de perto por pessoas com experiências nas áreas de educação, empreendedorismo, comportamento ou participação social, além de juventudes e/ou tecnologias digitais. Contamos com três perfis de colaboração:

Veja todas as etapas percorridas no capítulo 2, página 22.

Consultoras

- 4 mulheres com experiências nos eixos do estudo
- **Contribuições:** construção das áreas de abordagem da pesquisa, dos instrumentais de coleta de dados quantitativos e qualitativos, apoio às análises e escrita de artigo na publicação
- **Etapas:** workshops de criação coletiva e de encerramento; oficinas inicial e final de PerguntAção; reuniões de aprendizagem entre equipes



Jovens consultores

- 19 jovens (2 ou 3 representantes por região do país)
- **Contribuições:** aprofundamento sobre experiências com o mundo digital, validação de instrumentais de coleta de dados, apoio às análises e sugestões sobre pertinência do estudo a outros jovens
- **Etapas:** oficinas inicial e final de PerguntAção; workshop de encerramento; conversas por grupo de WhatsApp
- **Ao longo de toda a publicação** as falas deles estarão representadas por []



Especialistas

- 12 profissionais ou ativistas que atuam nos temas do estudo
- **Contribuições:** leitura crítica do contexto, indicações de abordagens, apoio às análises e sugestões sobre pertinência do estudo aos seus campos de atuação
- **Etapas:** workshops de criação coletiva e de encerramento; entrevistas em profundidade
- **Ao longo de toda a publicação** as falas deles estarão representadas por []



Consultoras

As **consultoras** foram responsáveis pela escrita dos artigos que acompanham os capítulos com os dados do estudo. Para construir esse conhecimento, participaram de todas as etapas que constituem essa pesquisa e mantiveram contato contínuo com as equipes da Rede Conhecimento Social, IBOPE Inteligência e Fundação Telefônica Vivo.

Conheça as **consultoras** da terceira edição do Juventudes e Conexões:



Eixo: Educação Tatiana Klix Pereira

Jornalista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Tatiana já atuou como repórter e editora no Grupo RBS e editora de educação no portal iG. Atualmente, é diretora do Porvir (porvir.org), iniciativa de comunicação e mobilização que realiza mapeamento e difusão de referências sobre tendências em educação. Com a missão de inspirar inovações para a educação brasileira, Tatiana cria estratégias de comunicação e mobilização social para a causa, facilita conversas e oficinas e produz conteúdos sobre o tema. Também é cofundadora do Quero na Escola, uma plataforma que conecta a sociedade à escola, dando protagonismo para estudantes escolherem o que querem aprender além do currículo. Além disso, é colaboradora do Canal Futura e integrante do conselho da Jeduca (Associação de Jornalistas de Educação).



Eixo: Empreendedorismo Lílian da Silva Botelho

Pedagoga formada pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e especialista em Elaboração em Projetos pela Fundação Dom Cabral, Lílian atualmente é mestranda em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Coordena o Centro [Sebrae de Referência em Educação Empreendedora \(CER\)](#), uma iniciativa do Sebrae para fomentar a Educação Empreendedora a partir de produção e compartilhamento de estudos, pesquisas e ferramentas. A partir de eventos, grupos, comunidades de prática e outras formas de compartilhar conhecimento, o CER pretende ser uma ponte entre o universo acadêmico e o mercado. Lílian também atua no “Sebrae DELAS”, programa de aceleração de ideias e negócios liderados por mulheres.



Eixo: Comportamento Helena Wendel Abramo

Graduada em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), Helena tem prestado assessoria e consultoria no tema da juventude para grupos, movimentos sociais, organizações da sociedade civil e órgãos públicos, bem como participado de pesquisas sobre o universo juvenil há mais de 30 anos. Trabalha desde 1991 na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, já foi Assessora da Comissão Extraordinária Permanente da Juventude na Câmara Municipal de São Paulo, além de Coordenadora-geral de Políticas Setoriais na Secretaria Nacional de Juventude. Entre as publicações estão os livros: *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano* (1994), *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional* (2005), *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças* (2016) e, recentemente, *O trabalho juvenil na agenda pública brasileira: avanços, tensões, limites* (2018).



Eixo: Participação social Rita de Cássia Alves Oliveira

Doutora em Antropologia, Rita faz parte do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e do Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Fez pós-doutorado no Programa Postdoctoral de Investigación en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) e participa da rede internacional de pesquisadores do grupo técnico do CLACSO “Juventudes, infancias: políticas, culturas y instituciones sociales en América Latina”, por meio do projeto de pesquisa “Genocídio juvenil”. Rita também integra os grupos de pesquisa “Imagens, metrópole e culturas juvenis” do CNPq e “Jovens/juventudes: políticas públicas e formas de participação cultural, política e comunicacional”. Rita estuda, na Antropologia Visual, a fotografia e a arte do ponto de vista da cultura e do cotidiano. Dedicar-se também à docência e pesquisa sobre a cultura digital e os usos das tecnologias digitais de comunicação.

Jovens consultores

O processo de seleção desses jovens aconteceu por meio de uma campanha aberta de inscrição pelas redes sociais e indicações de instituições parceiras. Para compor um grupo diverso, usamos como critérios: região de residência, idade, raça/cor, orientação sexual, temas de interesse e média de conectividade - que medimos por meio de algumas perguntas simples sobre suas rotinas.

Conheça os e as **jovens consultores** que participaram desta edição:



Norte



Rael Marinho Ferreira

Macapá/AP

"Tenho 26 anos e moro na comunidade Campina de São Benedito, na zona rural do município de Macapá, capital do Amapá. Sou professor formado em Pedagogia e pós-graduando em Educação Especial e Inclusiva. Gosto muito de ler e sou voluntário há 10 anos na ONG Vagalume. Amo minha comunidade e amo fazer parte de projetos sociais e tudo que está relacionado à educação."



Rafael Maciel

Santarém/PA

"Sou de Santarém, cidade no oeste do Pará, e tenho orgulho de ser amazônica. O lugar onde cresci é o meu diferencial, o fato de ter passado pelo Projeto Sol e todas as pessoas que pude conhecer lá e as experiências que o projeto me proporcionou me ajudaram a ser quem sou."



Miguel das Mercês

Ananindeua/PA

"Tenho 24 anos, sou de Ananindeua, município da região metropolitana de Belém do Pará. Estou quase me formando em Engenharia Cartográfica e de Agrimensura pela Universidade Federal Rural da Amazônia. Sou também Gestor de Projetos e de Comunicação na instituição Junior Achievement Pará e, ainda, Consultor Trainee em Planejamento Estratégico Institucional na Tzu Consultoria. Eu me orgulho de trabalhar com educação empreendedora para jovens estudantes de escolas públicas, compartilhando os meus conhecimentos e contribuindo para que tenham um futuro melhor."

Nordeste



Alice Bezerra

São Sebastião do Umbuzeiro/PB

"Tenho 18 anos e nasci em Brasília (DF). Atualmente moro no interior da Paraíba, em uma cidade chamada São Sebastião do Umbuzeiro. Sou estudante, participo de projetos sociais como voluntária e integro o projeto NUCA (Núcleo de Cidadania dos Adolescentes), do selo UNICEF."



Leonardo Ventura de Figueiredo

Recife/PE

"Nasci em Arcoverde (PE), mas há alguns anos moro em Recife. Tenho 27 anos, formado em Direito e já atuo como advogado. Sou articulador do selo UNICEF no município de São Sebastião do Umbuzeiro, na Paraíba."



Mateus Henrique Gonzaga

Fortaleza/CE

"Sou de Fortaleza (CE), tenho 24 anos e sou estudante de Ciências da Computação. Moro no bairro Conjunto Palmeiras, que a Prefeitura de Fortaleza considera o bairro mais pobre da cidade. Sou cofundador do Palmaslab, um laboratório de inovação e pesquisa que se dedica a trabalhar com o desenvolvimento de tecnologias e pesquisa no meu próprio bairro. Como sou apaixonado por tecnologias e trabalho social, tento juntar essas coisas tanto no Palmaslab quanto no meu dia a dia."



Natan Santos

Salvador/BA

"Tenho 19 anos e moro em Salvador, na Bahia. Mas nasci numa cidade pequena chamada Monte Santo (BA). Sou estudante universitário, cursando Publicidade, e trabalho com telemarketing. Atualmente invisto em meu grupo de dança e tenho muito orgulho de ser comunicativo."

Centro-Oeste



João Guilherme Medeiros Leite

Cuiabá/MT

"Tenho 17 anos, moro em Cuiabá (MT) e sou estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso, campus Cuiabá. Graças à minha participação nesta pesquisa, hoje sou um dos pesquisadores do programa "Leaders of Tomorrow", da Universidade de Cambridge."



Hemily Correa

Cáceres/MT

"Nasci e cresci em Cáceres (MT), tenho 22 anos. Sou formada em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado de Mato Grosso e atualmente sou técnica administrativa na própria instituição. Fui bolsista de pesquisa e extensão universitária em Economia Solidária e, posteriormente, participei do programa Células Empreendedoras. Em toda a jornada acadêmica fiz parte do movimento estudantil e permaneço nas lutas sociais pela educação."

Sul



Vita Pau Brasil

Porto Alegre/RS

"Sou uma pessoa transvestigenera de 22 anos, natural de Manaus (AM) e filha do mundo. Criativa, tento me movimentar entre os meus diversos interesses, principalmente em ações e trabalhos que versem sobre raça, gênero, sexualidade e direitos humanos. Durante a pesquisa vivia em Porto Alegre (RS) e atualmente resido em São Paulo, me dedicando à realização de projetos com juventudes e iniciando uma investigação no campo das artes."



Lorian Moreira de Toledo

Florianópolis/SC

"Tenho 25 anos e nasci em São José do Rio Preto (SP). Hoje em dia moro em Florianópolis (SC), trabalho com design gráfico e digital e direção de arte. Estou à frente da iniciativa 'Compro de quem faz das minas Pelotas', uma página de Facebook que incentiva o trabalho autoral feminino e rede de contatos da região. Algo que marcou minha trajetória foi ter conseguido passar pelas dificuldades de sair de uma cidade pequena do interior, fazer faculdade de Design longe e hoje atuar na minha área, provendo meu sustento e vivendo sozinha, sendo realmente uma vitória para mim!"



Willian Barros

Londrina/PR

"Tenho 27 anos e atualmente moro em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. Sou Engenheiro Mecânico de formação e sócio proprietário da SB Consultoria, de Gestão Empresarial. Sou apaixonado pela natureza e pelas novas formas e estudos sobre a regeneração do meio ambiente como a Permacultura e a Agroecologia."

Sudeste



Ana Beatriz Rodrigues Sousa

Belo Horizonte/MG

"Nasci em Minas Novas, cidade no interior de Minas Gerais, mas atualmente moro em Belo Horizonte."

Sou graduanda no curso de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, militante do Movimento de Mulheres Olga Benário e coordenadora da Casa de Referência da Mulher Tina Martins. A coisa de que mais me orgulho são os trabalhos que desenvolvo dentro da Casa Tina Martins, além de desenvolver e coordenar núcleos de discussão sobre feminismo e educação dentro da universidade."



Renata Borges

São Paulo/SP

"Sou de São Paulo (SP) e tenho 29 anos. Sou Psicóloga e professora especializada em Desenvolvimento de Pessoas, com diploma de Master Coach/PNL. Também atuo como Mentora de carreiras e sou pós-graduada em gestão de Recursos Humanos, Gestão de Projetos e Ensino e Aprendizagem na educação de jovens e adultos. Acredito que a educação é capaz de transformar o mundo e tenho muito orgulho em fazer parte disso."



Yasmin de Souza Oliveira

São Paulo/SP

"Tenho 17 anos e sou de São Paulo, capital. Estou no último ano do ensino médio. Algo de que me orgulho é minha forma de sempre buscar o lado bom de todas as situações, independentemente de qual for!"



Flora Beatriz do Patrocínio

São Paulo/SP

"Sou paulistana, tenho 20 anos, pedagoga de formação e estudante de Gestão Pública. Amo estudar, amo me sentir participante ativa na mudança do mundo. Se eu pudesse abraçaria os quatro cantos do mundo e mais um pouco. Adoro estar conectada com pessoas e lutar pelas coisas em que eu acredito!"



Pablo Oliveira Amorim da Silva

São Paulo/SP

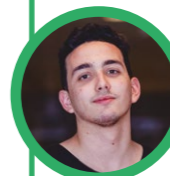
"Tenho 17 anos e sou de São Paulo (SP). Eu sou meio quieto e reservado, mas tenho opiniões consistentes sobre jovens de hoje em dia, em questão de educação e outros temas. Gosto muito de jogar bola e fazer esportes radicais."



Gabriela Conde Ruiz

São Paulo/SP

"Tenho 20 anos e sou moradora da zona leste de São Paulo. Conectada desde que me conheço por gente, com gente daqui e de lá, de vários cantos do Brasil. Qualquer lugar que seja diferente do meu, qualquer lugar e qualquer alguém que tenha algo a acrescentar, seja bom, ruim ou sei lá."



Eduardo de Freitas Toledo Júnior

São Paulo/SP

"Sou natural de São Paulo e tenho 20 anos. Tudo nesse mundão lindo e ligado às expressões artísticas me atrai, desde negócios artísticos inteligentes até um cartaz colado na rua, que paro para olhar. Eu me orgulho de tentar abrir os olhos das pessoas para novas realidades por meio do meu trabalho (desenvolvimento de produto) e dos meus hobbies."

Especialistas

Foram convidados 12 **especialistas** para aprofundar o debate dos eixos desenvolvidos no estudo: educação, empreendedorismo, comportamento e participação social.

Saiba um pouco mais sobre esses **especialistas**:

Eixo: Educação



João Alegria
(Canal Futura)

Doutor em Educação, interessa-se pelos territórios híbridos que conectam a educação e a escola com a comunicação e as tecnologias. Já atuou em todos os níveis do universo da educação, da educação infantil à pós-graduação, sempre com um “pé” na escola e outro na comunicação. É também profissional do audiovisual, tendo sido autor e diretor de muitos programas de TV. Atualmente, João dirige o Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, e leciona no Curso de Design em Mídias Digitais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).



Mariana de Lima
(Conselho Jovem do Porvir)

De Campo Grande (MS), Mariana tem 17 anos e é Conselheira Jovem de educação do Porvir e Líder Jovem reconhecida pela Latin American Leadership Academy (LALA). Sentiu-se honrada em contribuir com um estudo como o Juventudes e Conexões por poder representar jovens do seu estado e incluir a voz deles a partir da sua participação. Acredita que ações assim reforçam o empoderamento juvenil no país, incentivando jovens a lutarem por seus direitos.

Eixo: Empreendedorismo



Danielle Esli
(Infopreta)

Administradora da Infopreta, a primeira empresa de reparos e serviços tecnológicos que conta apenas com mulheres negras, LGBT, transexuais e travestis no Brasil. Formanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo.



Helena Singer
(Ashoka)

É líder da Estratégia de Juventude da Ashoka para a América Latina, colunista da Revista Nova Escola, membro do Conselho Municipal de Educação de São Paulo e do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Sociologia pela USP, com pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



Hugo Kovac
(Projeto Abacaxi e 99jobs)

Formado em Administração pelo Insper, onde inclusive presidiu o Grupo de Ação Social. É também, há 10 anos, professor de Física e Química em projetos de ensino de jovens e adultos. Em 2017, foi eleito um dos 60 homens mais inspiradores do ano pelo Portal Papo de Homem por sua notável atuação social com o Projeto Abacaxi – de apoio ao nano empreendedorismo. Atualmente é sócio da Seed, CFO da 99jobs e membro do Conselho Alumni do Insper.

Eixo: Comportamento



Greta Lopes
(Atriz e produtora cultural)

Mestre em Artes pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) na linha de processos educacionais e artísticos e criadora do Festival Periferia Trans. Foi gestora por oito anos de um Galpão Cultural na região do Grajaú (na capital paulista) e, atualmente, atua como produtora cultural e pesquisadora dos estudos de gêneros e sexualidades.



Gil Marçal
(Instituto Criar de TV)

Gil Marçal é gestor e produtor cultural com experiência em programas e políticas públicas de cidadania cultural. Foi coordenador do Programa VAI (Valorização de Iniciativas Culturais) que apoia projetos culturais de jovens e dirigiu a área de Cidadania Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de SP. Foi chefe da Representação Regional do Ministério da Cultura em São Paulo e diretor de artes na Cidade de Osasco. Atualmente, é gerente de programa no Instituto Criar de TV, cinema e novas mídias.



Mário Volpi
(UNICEF)

Formado em Filosofia e mestre em Políticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB), iniciou sua atividade de educador de crianças e adolescentes em 1984, atuando em diferentes trabalhos com crianças afastadas de convivência familiar e em situação de rua. No Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, trabalhou na mobilização pela aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e foi coordenador nacional por dois mandatos. Foi assessor do Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC) e, desde 1999, é oficial de projetos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) no Brasil, onde coordena o Programa Cidadania dos Adolescentes.

Eixo: Participação social



Marcio Black
(Fundação Tide Setubal)

Produtor cultural, cientista político, coordenador de cultura da Fundação Tide Setubal e integrante da Bancada Ativista, pela qual foi candidato a vereador em 2016. Desde 2002, Marcio realiza festas de rua em São Paulo, o que o levou a produzir grandes eventos públicos como SP na Rua, Carnaval de Rua e Virada Cultural. É fundador do Coletivo Sistema Negro, que promove ações antirracistas na cidade.



Rogério da Costa
(PUC-SP)

Filósofo e Engenheiro de Sistemas. Atualmente, Rogério é coordenador do programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Também é coordenador do Laboratório de Inteligência Coletiva (LINC). É sócio da empresa NOX4Think, que presta consultoria em redes sociais e semiótica aplicada.

Generalistas

(especialistas que transitam pelos 4 eixos)



Natália Neris
(InternetLab)

Doutoranda em Direitos Humanos na Universidade de São Paulo (USP), mestra em Direito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e bacharela em Gestão de Políticas Públicas pela USP. É pesquisadora do Núcleo de Direito e Democracia do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) e do Grupo de Estudos e Pesquisas das Políticas Públicas para a Inclusão Social da USP. Hoje é coordenadora da área Desigualdades e Identidades do Internet Lab. É também coautora do livro *O Corpo é o Código: estratégias jurídicas de enfrentamento ao revenge porn no Brasil* (2016) e autora de *A voz e a palavra do Movimento Negro na Constituinte de 1988* (2018).



Vânia Correia
(Viração)

Jornalista, especialista em Comunicação, Mídias e Educação e mestranda em Políticas Públicas pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Atuou como coordenadora de Projetos na Viração Educomunicação, organização da sociedade civil que trabalha na interface de comunicação e educação, com foco na promoção de direitos humanos de adolescentes e jovens.



Etapas de coleta de dados

Veja todas as etapas percorridas no capítulo 2, página 22.

O processo de construção coletiva foi importante para garantir aprofundamento, consistência e adequação de linguagem às etapas de coleta de dados utilizadas no estudo. Utilizando métodos mistos qualitativos e quantitativos, esta edição do *Juventudes e Conexões* promoveu a escuta de jovens, em todo o território nacional, em busca de conhecer mais sobre suas percepções e hábitos diante de tecnologias digitais. Antes de apresentarmos os resultados da pesquisa, trazemos o perfil de jovens participantes, que responderam às perguntas planejadas em conjunto com nossos diferentes colaboradores.

Método qualitativo: grupos de discussão

Foram realizados dez grupos de discussão com jovens entre 15 e 29 anos, selecionados por meio de recrutamento ativo para seleção aleatória de participantes de cinco capitais brasileiras: Belém, Recife, Brasília, São Paulo e Curitiba.

Subdivididos entre jovens mais novos, na faixa etária dos 15 aos 21 anos, e mais velhos, de 22 a 29 anos, procuramos formas de encontrar especificidades e tendências, tendo em vista as diferenças entre experiências de cada estágio de vida.

5 grupos presenciais com jovens de classes C, D e E, sendo 2 com participantes de 15 a 21 anos e 3 grupos de 22 a 29 anos.

5 grupos online com jovens de classes A e B, sendo 3 com participantes de 15 a 21 anos e 2 com idades de 22 a 29 anos.

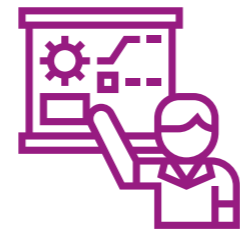


Variações de perfil e estágios de vida



Faixa etária de 15 a 21 anos:

- Maioria de estudantes cursando ensino médio, alguns iniciando a faculdade.
- Poucos trabalham ou já trabalharam, alguns já tiveram experiência de venda de produtos pela internet.
- Majoritariamente são dependentes financeiramente e moram com os pais.



Faixa etária de 22 a 29 anos:

- Maior parte é estudante de nível superior, sendo que alguns já terminaram a faculdade.
- Maioria já trabalha: estágios, trabalhos fixos e alguns fazem bicos como autônomo.
- Grupo com maior concentração de pessoas com filhos e que moram junto com parceiros e/ou são casados.



Método quantitativo: pesquisa amostral nacional

Foram realizadas 1.440 entrevistas com jovens internautas de 15 a 29 anos, das classes A, B, C, D e E, em todas as regiões do Brasil. Consideramos internautas aqueles que acessaram a internet nos últimos três meses, com frequência de acesso semanal.

A amostra foi composta por diferentes perfis de juventudes e buscamos representar estatisticamente a população jovem brasileira, conforme os dados que apresentamos a seguir sobre os jovens entrevistados.

Perfil dos e das jovens respondentes

Quantos anos têm

Faixas de idade

A distribuição de faixas etárias da amostra de jovens participantes da pesquisa segue a proporção da população do país.



Onde vivem

Região	Entrevistados	Capital	Interior
Norte	200	130	70
Nordeste	195	110	85
Centro-Oeste	200	110	90
Sudeste	645	335	310
Sul	200	70	130



As capitais de cada região incluem os municípios de suas áreas metropolitanas, e o interior é representado pelas cidades de grande porte de cada estado.

As amostras desproporcionais são utilizadas quando precisamos ter representatividade de áreas que não teriam amostras suficientes, caso a alocação amostral fosse feita de maneira proporcional. A desproporção é um artifício estatístico que permite aumentar as amostras nas áreas de interesse sem que haja prejuízo para a leitura do total dos resultados. Isso acontece, pois, para a leitura dos totais, são calculados fatores de ponderação que fazem com que cada área, em relação ao total e às outras áreas, volte para a proporção original do universo. Dentro de cada área de interesse, a distribuição das cotas pode ser feita de maneira proporcional ou desproporcional. Apesar de estarmos utilizando uma amostra desproporcional entre áreas, podemos fazer a distribuição das cotas de forma proporcional. Dessa maneira, não é necessária a utilização de um fator de ponderação para corrigir a distribuição das cotas.

Como se definem

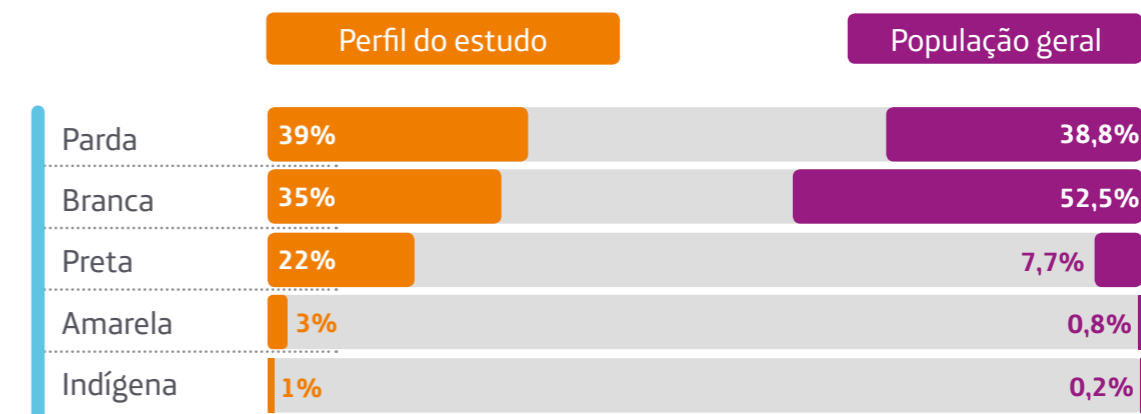
Sexo e gênero

	Sexo	Gênero com que se identifica
Feminino	50%	49%
Masculino	50%	49%
Não binário		2%

Esta é a primeira edição em que se perguntou aos jovens sobre qual sua identidade de gênero. A inclusão desta pergunta seguiu o debate bastante presente entre a população jovem sobre sexo, orientação sexual e identidade de gênero. O primeiro caso trata do sexo biológico, relacionado ao aparelho reprodutor, se feminino ou masculino. Já o segundo, orientação sexual, é sobre a relação afetivo-sexual que a pessoa estabelece com seu par (homo, hetero, bissexual etc.) e, por último, a identidade de gênero, que é como a pessoa se identifica. Há pessoas que se identificam com um gênero masculino ou feminino, mas há outras que não e por isso se consideram “não binárias”.

Raça/cor

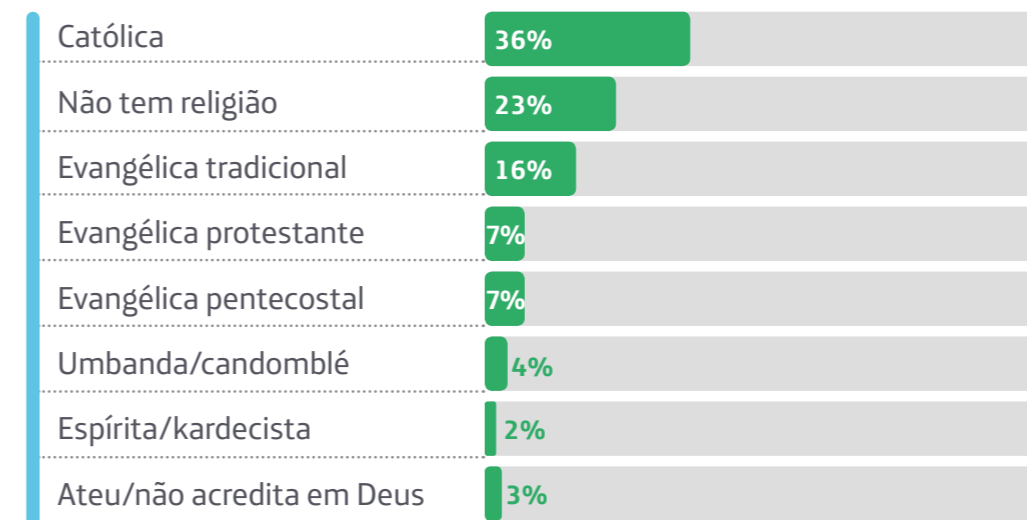
Quando observamos a forma como jovens entrevistados se identificam, vale considerar os dados relativos à raça da população brasileira em geral e da população com perfil semelhante ao do estudo, de jovens de 15 a 29 anos:



Fonte: População Brasileira e População Jovem (15 a 29 anos) internauta - PNADC 2016

A população negra (“preta” e “parda”) representa 61% da amostra, uma quantidade maior do que a população brasileira em geral. Vale notar que um movimento de autoafirmação identitária tem ganhado crescente reverberação entre jovens, que promovem a valorização de trajetórias e, cada vez mais, jovens afrodescendentes declaram-se como pretos ou pardos.

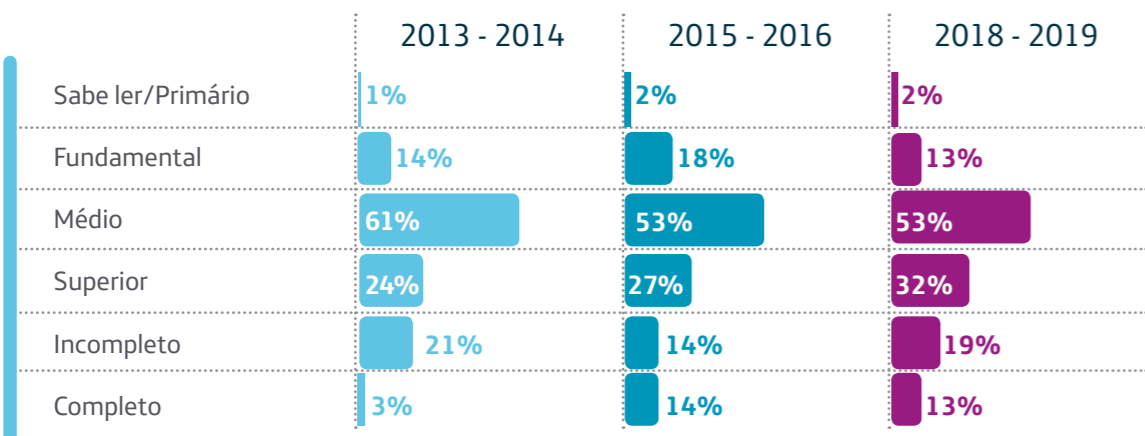
Religião



Em sua maioria declaram-se católicos (36%) e evangélicos (30%). Ao mesmo tempo, 23% dizem não ter religião, o que não significa que são ateus ou que não acreditam em Deus (3%).

O que fazem

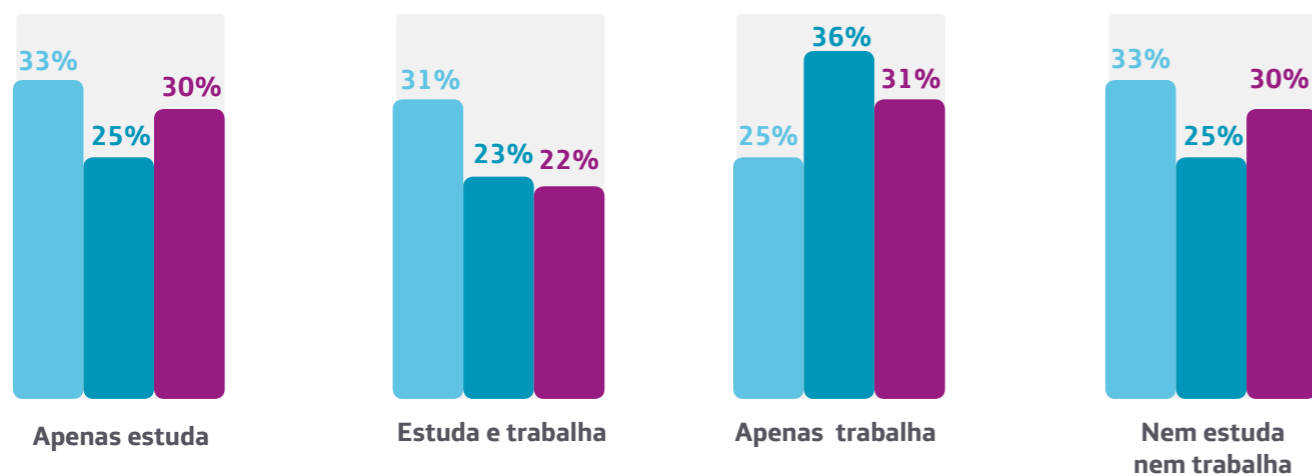
Escolaridade



Ao longo das edições, observa-se uma tendência de aumento de jovens no ensino superior.

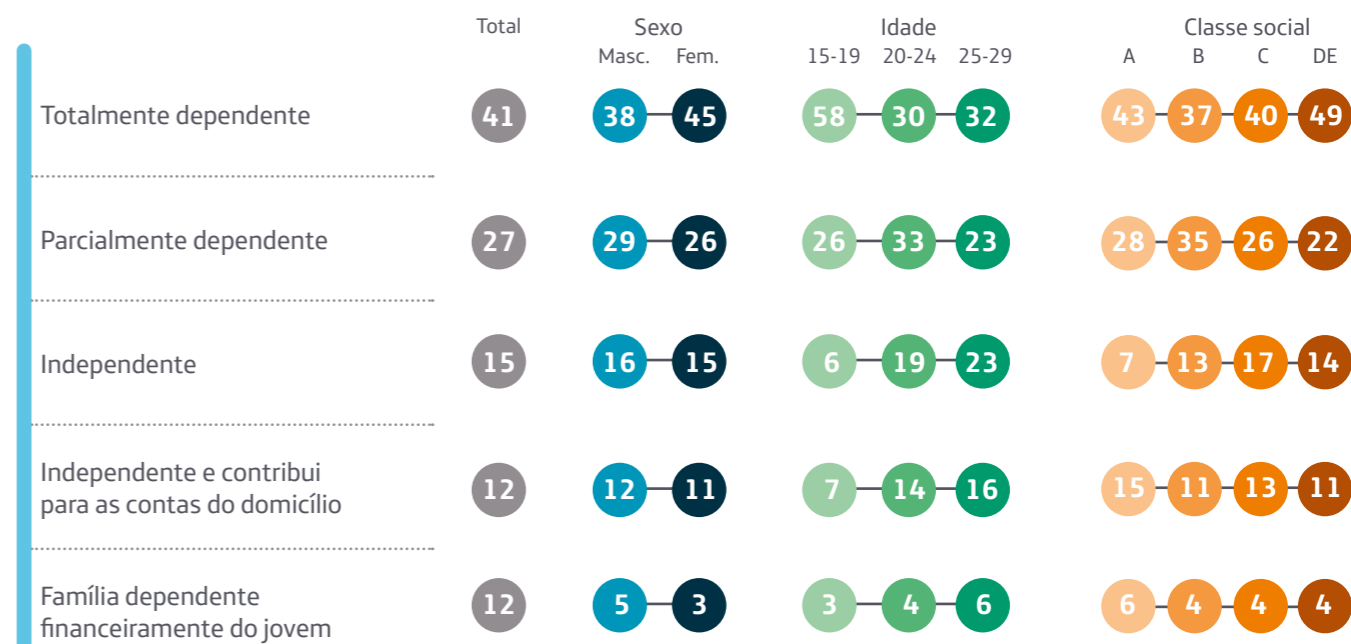
Ocupação

● 2013 - 2014 ● 2015 - 2016 ● 2018 - 2019



De 2015 para 2018 diminuiu o número de jovens que declaravam trabalhar e aumentou o número daqueles que nem estudam nem trabalham.

Participação de jovens na vida econômica do domicílio (%)



Fem. = Feminino | Masc. = Masculino

A maior parte dos jovens ainda não possui total independência financeira. Cerca de um terço deles tem sua própria renda e metade deles contribui com o orçamento do domicílio.

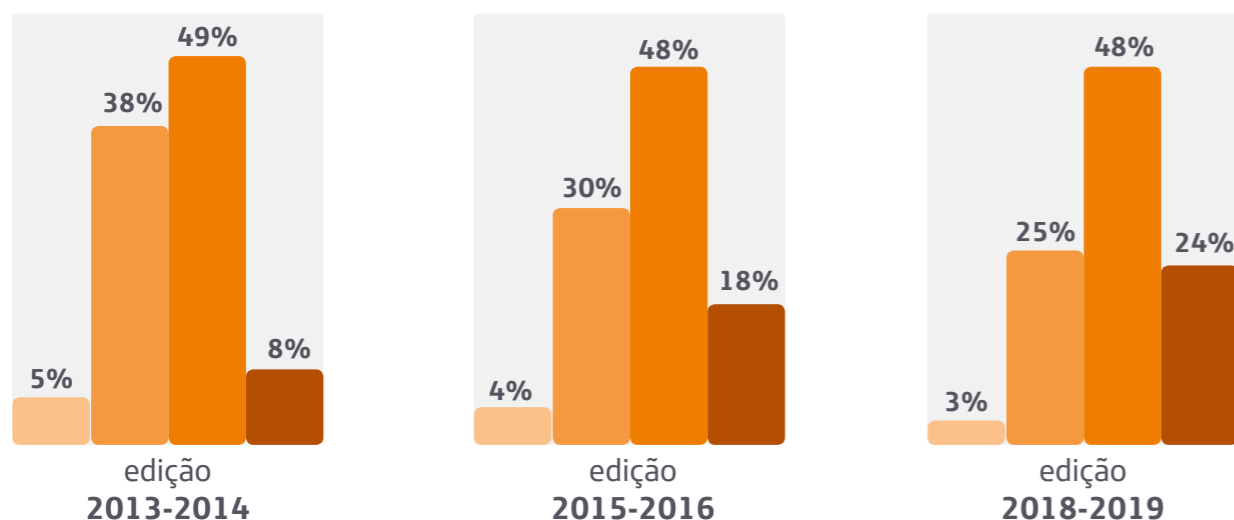
- Mulheres são mais "totalmente dependentes" do que homens.
- Classe C tem o maior número de "Independentes".



Como vivem

Classe socioeconômica

● A ● B ● C ● DE

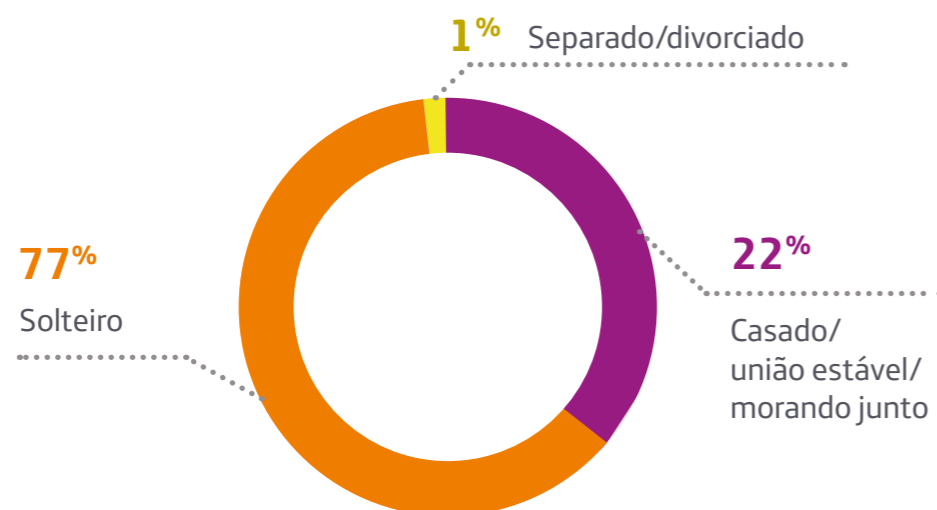


Como mencionado no **capítulo 1**, esta é a primeira edição em que foi possível incluir a classe E na composição da amostra de jovens conectados no Brasil. Na revisão do Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) de 2015, foi observado que a classe E representava uma parcela muito pequena da população. Com o objetivo de dar mais robustez à sua estimativa, foi decidido juntar as classes D e E.

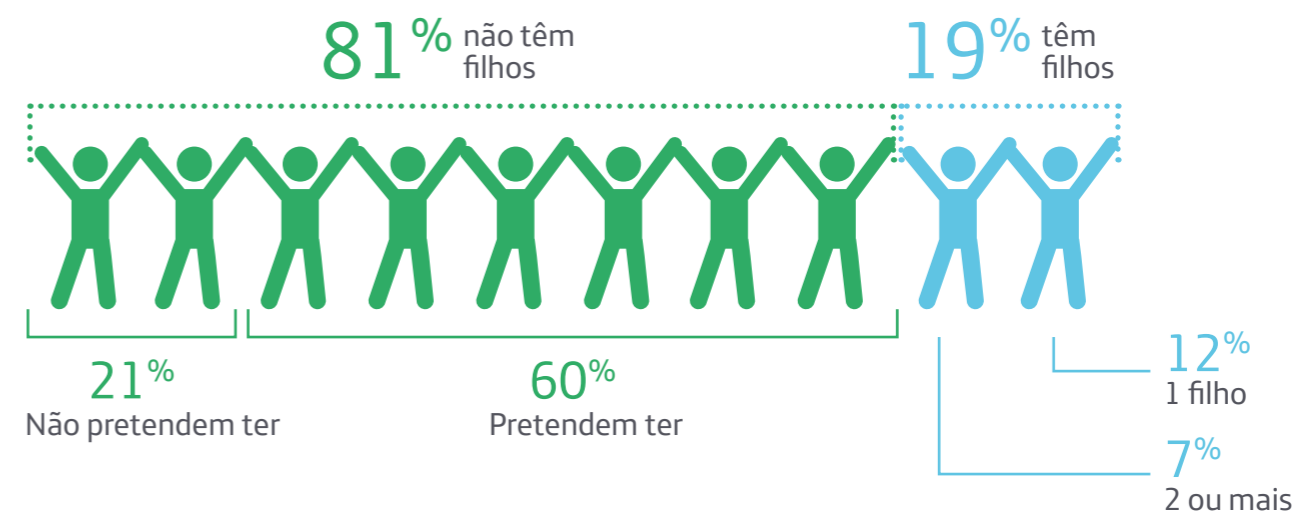
Com quem vivem

Status de relacionamento

Jovens que participaram da pesquisa são em sua maioria solteiros. Além disso, 35% são mães/pais solo (solteiros, divorciados ou viúvos).



Filhos



Jovens com 25 a 29 anos são os que mais têm filhos, assim como aqueles das classes C e DE.

	Total	Idade (%)			Classe socioeconômica (%)			
		15-19	20-24	25-29	A	B	C	DE
Tem filhos	19%	7	19	33	10	14	20	22
Não tem filhos	81%	93	81	67	90	86	80	78

Até aqui foi apresentado o perfil dos jovens participantes deste estudo. Importante ressaltar que nos próximos capítulos os dados trazidos pela pesquisa são proporcionais à população jovem brasileira internauta, ou seja, aquela que tem entre 15 e 29 anos e se conectou ao menos uma vez por semana à internet nos últimos três meses.



4

Acesso e atividades conectadas

O estudo Juventudes e Conexões tem como objetivo principal entender como jovens no Brasil percebem a relação da internet em suas vidas. Para compreender essa perspectiva, procuramos formas de produzir leituras contextualizadas que abordassem uma visão ampla sobre os usos que jovens fazem das tecnologias digitais.

Em um cenário cada vez mais conectado, levantamos quais dispositivos utilizam para acessar a internet, quais são as principais atividades que realizam e com que frequência.



Acesso e atividades conectadas

Buscamos com o Juventudes e Conexões, desde a primeira edição, compreender como jovens usam e se apropriam da internet, entendendo que essa relação é dinâmica e determinada pelo contexto e pelas condições de acesso a ela. Entre 2013 e 2015, verificamos mudanças na frequência de certas práticas, na migração dos aparelhos utilizados e na forma com que jovens se relacionavam com a ideia do que é “estar conectado”. Na segunda edição, aprendemos com jovens que as tecnologias digitais eram parte cada vez mais relevante de suas vidas, funcionando quase como uma extensão do próprio corpo. Em 2018-2019, **jovens consultores** não apenas confirmaram essa presença constante do universo digital em suas vidas, como nos reafirmaram que o online e offline já não são dissociáveis e, mais, não se pode falar em “entrar na internet”, pois não veem como seria possível “não estar dentro dela”.

O que então, para eles, é estar conectado? Propusemos essa reflexão aos **jovens consultores** e percebemos o quão ampla e significativa essa ideia pode ser.



O significado de “estar conectado”

- | | |
|------------------|---|
| Inspiração | Construção de realidades com impactos positivos |
| Interatividade | Equidade (acesso a todos) |
| Novas fronteiras | Defesa de direitos |
| Visão de mundo | |
| Século 21 | |
| Oportunidades | |
| Network | |

Essa abrangência e diversidade de entendimento do que é estar conectado nos provocou a trazer para a pesquisa um novo olhar, que contemplasse diferentes tipos de conexões, que vão além da internet, complementam-se e se integram.

Como jovens acessam a internet

Temos visto ao longo das edições que a migração dos equipamentos utilizados para acessar a internet vem moldando as atividades, as frequências e as interações das pessoas. Por isso, seguimos monitorando a evolução desses usos entre jovens, mantendo a lista de aparelhos atualizada conforme as experiências trazidas pelos **jovens consultores**.

Aparelhos usados para acessar a internet

	2013-2014	2015-2016	2018-2019	População brasileira usuária de internet*
Celular/smartphone	71%	94%	98%	96%
Computador de mesa	62%	37%	36%	30%
Computador portátil (notebook, laptop, netbook)	51%	43%	41%	33%
Tablet	16%	16%	15%	15%
TV	4%	6%	31%	22%
Aparelho tocador de MP3 (iPod)	3%	3%	5%	-
Relógio ou bracelete inteligente (Apple Watch, Smartband etc.)	-	-	2%	-
Videogame (Xbox, Playstation etc.)	-	-	19%	9%

*Fonte: TIC Domicílios 2017



A pergunta apresentou uma lista de equipamentos para que respondentes indicassem em quais deles tinham acessado a internet nos últimos três meses. Nesta edição, foram inseridas as opções “Relógio ou bracelete inteligente” e “videogame”.

Entre a primeira e a segunda edição vimos o crescimento do uso do celular, que hoje alcança quase a totalidade de jovens participantes desta pesquisa. Computadores de mesa, notebooks e tablets seguem estáveis desde o levantamento anterior, assim como se observa na população geral com a pesquisa [TIC Domicílios 2017](#).

O uso da TV aumentou significativamente, passando de 6% para 31% nesta edição, o que pode ser causado pela popularidade dos serviços de transmissão de vídeos, músicas, jogos (*streamings*) instalados nas *Smart TVs*.

Os videogames e relógios aparecem como novos dispositivos de conexão cujas tendências devem ser monitoradas a partir de agora. De acordo com a TIC Domicílios, 9% da população brasileira acessa a internet por videogame. Vale dizer que no Juventudes e Conexões esse dispositivo já surge com uso mais expressivo do que os tablets (19% e 15% respectivamente).

Aparelho que usa com mais frequência

	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Celular/smartphone	42%	85%	91%
Computador de mesa	33%	7%	4%
Computador portátil (notebook, laptop, netbook)	22%	6%	3%
Tablet	3%	1%	0%
TV	-	-	1%
Aparelho tocador de MP3 (iPod)	-	-	0%
Relógio ou bracelete inteligente (Apple Watch, Smartband etc.)	-	-	0%
Videogame (Xbox, Playstation etc.)	-	-	1%

Vemos que a preferência de uso do celular, que já havia dobrado em um período de dois anos, seguiu em crescimento após cinco anos de monitoramento, alcançando os 91%.

Isso significa que, cada vez mais, jovens podem realizar suas atividades nos mais diversos ambientes e a qualquer hora.

Quando cruzamos os resultados do Juventudes e Conexões com dados da TIC Domicílios 2017, observamos que, apesar de terem à sua disposição outros equipamentos em casa, jovens preferem mesmo é ter a internet na palma da mão.

Nas palavras deles, ficar sem o celular produz sentimentos intensos, tais como agonia, ansiedade, solidão, decepção, medo de precisar e não ter.

Segundo a pesquisa, a proporção de domicílios que possuem equipamentos é:

Celular: **92%**
 Computador de mesa: **64%**
 Computador portátil: **49%**
 Tablet: **16%**

“Quando está com celular a gente sabe se vai chover, se vai fazer sol, se aconteceu alguma coisa, se está tudo bem.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes AB

Para outros, ficar sem internet por um período não faz diferença e chega a ser um alívio, desde que não estejam precisando de algo: documento, informação, localização, transporte etc.

Com a criação de mais ferramentas e aplicativos, muitas das atividades que eram realizadas pelo computador hoje podem ser feitas a partir do próprio celular ou outros aparelhos móveis. A programação de sites já é pensada para dar conta de um contexto de múltiplos dispositivos. O acesso a contas bancárias, por exemplo, é cada vez mais condicionado à integração entre aplicativo e site.

Ainda assim, o celular tem funcionalidades mais restritas do que o computador. Por exemplo, é possível editar textos, planilhas e apresentações, mas as ferramentas e a visualização ainda são mais limitadas.

Essa dinâmica de desenvolvimentos tecnológicos não só molda os tipos e frequências de acesso, como também transforma os usos da internet.

“Você vai se reunir, manda uma mensagem, se você não tem [o celular], como você vai saber? Ninguém vai na sua casa, provavelmente nem te liga.”

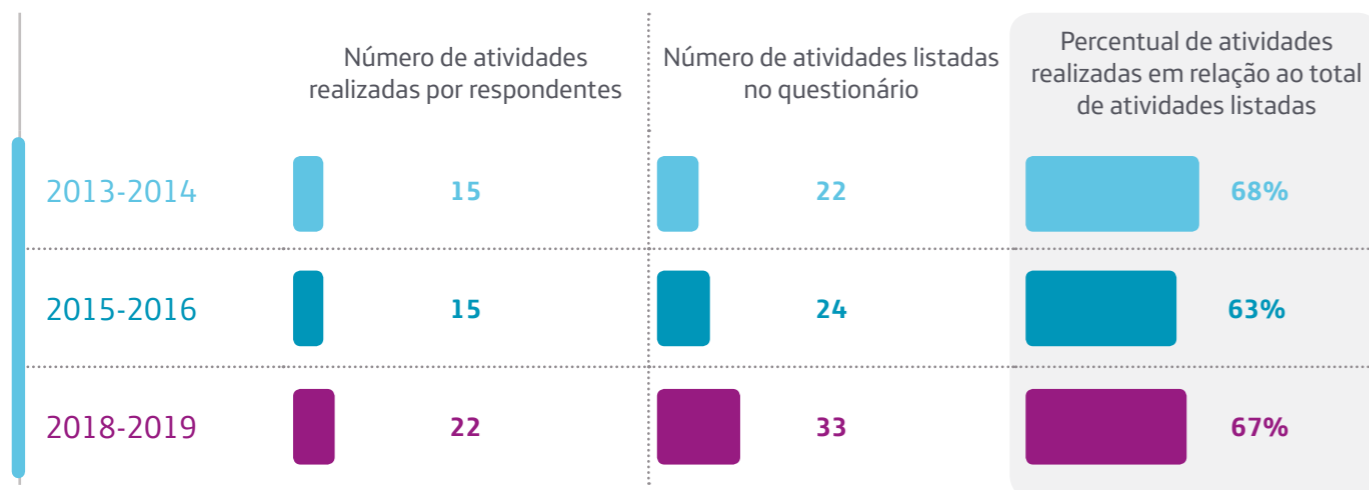
Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes AB



O que fazem na internet

Jovens dizem que só não estão online quando dormem, quando acabam a bateria e os créditos do celular ou, em alguns casos, quando estão estudando ou trabalhando. Essa condição ficou ainda mais evidente quando observamos que a quantidade de atividades que fazem quando estão conectados aumentou com o passar do tempo, com isso sentimos a necessidade de ampliar a lista de itens no questionário.

Multiplicidade de atividades realizadas



Mas, afinal, o que tanto esses jovens fazem na internet?

Tipos de atividades realizadas

Comunicação



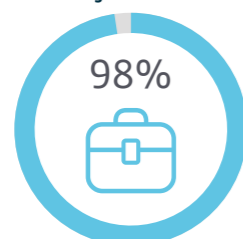
Informações e serviços



Lazer



Capacitação e trabalho



Comércio eletrônico



Unânicos nas respostas desde a primeira edição, todos utilizam a internet para comunicação e lazer. Buscas de “informações e serviços” e “capacitação e trabalho”, apesar de não ter 100% das respostas, também são muito comuns e quase todos fazem.

O comércio eletrônico, que alcança 88%, aparece pela primeira vez em nossas análises como uma categoria em si, uma vez que, nas edições anteriores, estava inserida em “informações e serviços” e, como vemos mais adiante, ganhou mais espaço entre as práticas online de jovens.

Atividades de comunicação

Que jovens gostam de interagir na rede, muita gente já sabe! Mas será que houve alguma mudança nas preferências ou no jeito de se comunicar?

Para responder a essa pergunta, elencamos diversas atividades da área da comunicação, perguntando se costumam praticá-las e com qual frequência.

Comunicação	Realização (percentual de jovens)			Frequência (média dias/semana)		
	2013-2014	2015-2016	2018-2019	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Todas as atividades de comunicação	100%	100%	100%	3,7	3,4	3,2
Conversa por mensagens instantâneas	86%	99%	98%	4,9	6,1	6,2
Acessa ao menos uma rede social	99%	95%	97%	5,9	5,4	5,5
Verifica seu email	96%	88%	88%	4,7	3,9	4,0
Cria/posta conteúdo em redes sociais	81%	77%	80%	3,2	2,6	3,0
Participa de fóruns de discussão	41%	27%	51%	1,2	0,7	1,6
Cria/atualiza blogs e páginas	49%	38%	38%	1,8	1,1	1,0
Cria/atualiza canais de vídeos e podcasts	-	-	35%	-	-	0,9
Outros						
Utiliza app ou programas para edição de imagens, vídeos ou sons	-	-	65%	-	-	2,1

De modo geral, nesta edição a frequência com que realizam todas essas atividades de comunicação se manteve muito próxima à edição anterior, com destaque apenas para a criação e postagem de conteúdos nas redes sociais e a participação em fóruns de discussão, que pode ter a ver com o período eleitoral que antecedeu a coleta de dados.

Para acompanhar o desenvolvimento de novas práticas online entre jovens, nesta edição incluímos um novo item: a “criação e atualização de canais de vídeos e podcasts”, que, de saída, 35% dizem realizar com alguma periodicidade. A publicação de conteúdo é uma prática de grande engajamento nas redes sociais que demanda conhecer as ferramentas e, em alguns casos, saber fazer edição e mesmo coletar informações para produzir texto, vídeo ou áudio. Essa característica de produção autoral também pode ser vista na criação e atualização de blogs e páginas, cuja frequência de uso caiu ao longo do tempo.

Passamos a perguntar nesta edição do estudo sobre a utilização de aplicativos ou programas para edição de imagens, vídeos ou sons, que já se mostrou relevante para 65% dos jovens que dizem utilizá-los em média dois dias por semana.

As redes sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas ganharam destaque na rotina online da grande maioria em 2015 e se mantiveram nesta edição. É curioso notar que, ainda que 97% acessem ao menos uma rede social, 80% dizem que criam ou postam conteúdo nela e outros 17% não.

Interessante lembrar que, na edição anterior, levantamos a hipótese de que uma tendência de queda no uso das redes sociais poderia estar em curso, em paralelo à ascensão dos aplicativos de mensagem instantânea. Porém, nas falas dos grupos de discussão e dos **jovens consultores** desta edição, percebemos que a diversificação das ferramentas disponíveis nestas redes (como os *stories* e os *lives*) ajudaram a manter as plataformas ativas, ao mesmo tempo em que foi muito comum escutarmos jovens chamando o WhatsApp de rede social.

Além disso, nos grupos de discussão, notamos uma clareza por parte desses jovens sobre os tipos de uso e a quais públicos cada rede social se destina.

Principais redes sociais



WhatsApp

Consenso: todos os jovens usam, e muito!

- Principal meio para se relacionar com familiares e amigos (de escola/faculdade, igreja, trabalho, time, coletivo etc.).
- Nos grupos de conversas chegam os memes, as fofocas e os convites para as festas e reuniões.
- Muito utilizado para o trabalho.



Instagram

É o atual queridinho entre jovens

- Boa parte da família e dos colegas indesejados não utilizam ainda.
- As postagens são mais pessoais, dá para ter uma ideia dos gostos e interesses das pessoas.
- Acreditam que podem ficar mais próximos dos ídolos, de pessoas famosas ou mesmo de desconhecidos que têm um perfil interessante.
- Usado como ferramenta para divulgação de trabalhos.



Facebook

Ainda têm perfil porque precisa!

- Muitos familiares e conhecidos estão lá e acabam sendo invasivos nos comentários.
- Não se sentem tão à vontade para postar o que querem e o que pensam.
- Empresas analisam os candidatos pelos seus perfis na rede.
- Acompanham páginas e integram comunidades.



YouTube

Um lugar para aprender o que quiser!

- Fonte de tutoriais e videoaulas sobre qualquer assunto.
- Assistem vídeos (de *YouTubers*), desenhos e filmes.
- Também usam como ferramenta de divulgação de trabalho próprio.

Outros aplicativos citados pelos jovens nos grupos de discussão foram: **Twitter, Netflix, Snapchat, jogos online e Skype.**



“Há 10 anos a gente não tinha tanta ligação com a internet, essas coisas, então a gente falava com o vizinho na vista. Hoje em dia não, a gente fala por ZAP.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

“Facebook está virando que nem Orkut, está morrendo. (...) Minha mãe adora Facebook, ela não gosta do Instagram, a faixa etária é mais velha no Facebook. Já está ficando ultrapassado, é só para ver memes.”

Jovem em grupo de discussão, entre 15 e 21 anos, classes CDE

“Comecei a trabalhar como jovem aprendiz com 17 anos e não sabia nada, eu ia no YouTube, na internet ‘Como faz tal coisa’ e você já vai aprendendo e aplica no trabalho, isso já é positivo.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

Atividades de lazer

Quando jovens estão olhando para alguma tela, nem sempre estão nas redes sociais. Todos disseram que também buscam atividades de lazer na internet.



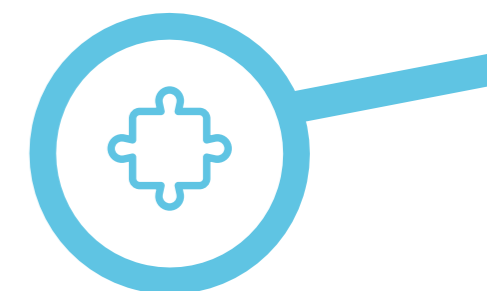
Lazer

	Realização (percentual de jovens)			Frequência (média dias/semana)		
	2013-2014	2015-2016	2018-2019	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Todas as atividades de lazer	100%	100%	100%	2,6	2,0	2,2
Assiste a filmes, séries, programas de televisão e ouve música	90%	87%	96%	3,8	3,4	4,8
Baixa conteúdos	92%	87%	85%	3,6	2,9	3,1
Acessa sites de notícias	83%	70%	72%	3,2	2,4	2,8
Joga games	66%	60%	65%	2,6	2,2	2,5
Baixa e instala softwares e aplicativos	68%	45%	65%	1,9	0,9	1,7
Lê livros digitais	45%	36%	52%	1,3	0,9	1,4
Acessa sites de revistas	45%	30%	34%	1,3	0,8	0,7
Utiliza aplicativos de relacionamento	-	-	27%	-	-	0,7

O uso da internet para assistir a filmes, séries, programas de TV e ouvir música subiu de 87% para 96% nesta edição. Cresceu também o tempo que jovens passam nessas atividades, de 3,4 para 4,8 dias por semana, confirmando assim a popularização de aplicativos de *streaming* que transmitem vídeos e músicas online. Essa pode ser uma das explicações para a queda daqueles que dizem baixar conteúdos da internet.

Vemos um aumento significativo de jovens que dizem ler livros digitais, correspondendo agora a mais da metade de respondentes. Outras atividades que se destacam são jogos e *download* de softwares e aplicativos. Provavelmente esse cenário vem acompanhado de um crescimento na disponibilidade de aplicativos nas lojas virtuais, bem como o fortalecimento de plataformas de *fanfics* e outros acervos.

Pela primeira vez no estudo perguntamos sobre o uso de aplicativos de relacionamento. Apesar de estar em último lugar, teve 27% das respostas e com média de frequência de uso semanal de 0,7 dia. **Jovens consultores** acharam curioso esse dado, pois sentem que mais jovens podem ter perfis nesse tipo de rede do que foi dito.



Atividades de busca de informações e serviços online

A internet tem sido o principal acervo de informações sobre todos os assuntos, de qualquer lugar e a qualquer tempo, dos mais cotidianos aos mais técnicos, desde dicionários online, “faça você mesmo”, busca de preço de produtos e serviços, pesquisa para trabalho escolar etc. Levantamos as principais atividades relacionadas à busca de informações e serviços online que envolvem o dia a dia de jovens.

Informações e serviços	Realização (percentual de jovens)			Frequência (média dias/semana)		
	2013-2014	2015-2016	2018-2019	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Todas as atividades de informações e serviços	99%	97%	99%	2,3	1,8	2,4
Faz pesquisas na web sobre informações em geral	96%	90%	87%	4,3	3,7	4,0
Utiliza serviços de localização (mapas, pesquisa de endereço, trânsito)	80%	76%	81%	2,3	1,9	2,7
Acompanha blogs e canais de YouTube (sobre temas como jogos, moda, decoração, política, saúde etc.)	-	-	80%	-	-	3,5
Utiliza serviços de transporte e mobilidade (Uber, 99, Easy taxi, Moovit)	-	-	77%	-	-	0,9
Utiliza serviços bancários (<i>internet banking</i> , pagamento digital etc.)	-	-	56%	-	-	1,9
Utiliza serviços de governo (Detran, cadastros, companhia de energia e saneamento etc.)	-	-	46%	-	-	1,6

Atividades de “pesquisas sobre informações em geral” têm mostrado uma tendência de queda ao passar das edições. Entre as possibilidades de interpretação desse dado está o uso cada vez mais comum de plataformas como YouTube para fazer buscas pontuais e das redes como fonte de informação. É possível que esses canais não sejam considerados por jovens como ambientes de pesquisa, como seria o Google, por exemplo.

Já os serviços de localização vêm mantendo sua relevância no dia a dia de jovens, ainda mais porque diversos aplicativos condicionam seu uso à ativação do GPS.

Considerando que alguns serviços ganharam cada vez mais importância nas atividades cotidianas, passamos a incluí-los na relação de itens monitorados. E esses novos itens já apresentam resultados consideráveis: 80% acompanham blogs e canais de YouTube, em média 3,5 vezes por semana; 77% usam aplicativos de transporte, quase semanalmente; e mais da metade utiliza serviços bancários online.

Atividades de capacitação e trabalho

Ao falar de capacitação, jogamos luz ao tema da educação de maneira bastante ampla, indo além do conteúdo escolar e pensando nas diferentes formas de aprender e se aprimorar. Quando aliado ao mundo do trabalho, por exemplo, é bastante comum a busca em tutoriais informações sobre como fazer determinada coisa ou mesmo aprender uma nova língua. O tema é bastante amplo e buscamos aqui explorar o que **jovens consultores, especialistas e consultoras** nos apontaram como as práticas mais relevantes para jovens atualmente.

Capacitação e trabalho	Realização (percentual de jovens)			Frequência (média dias/semana)		
	2013-2014	2015-2016	2018-2019	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Todas as atividades de capacitação e trabalho	100%	88%	98%	1,9	1,2	2,2
Busca dicas de como fazer coisas diversas	-	-	82%	-	-	3,2
Pesquisa informações sobre cursos	85%	70%	78%	2,2	1,6	2,4
Acessa conteúdos educativos	-	-	73%	-	-	2,5
Pesquisa sobre capacitação profissional	-	63%	70%	-	1,5	2,1
Procura ou faz pesquisa para a escola ou faculdade	86%	59%	68%	2,9	1,7	2,6
Procura trabalho ou emprego	-	-	65%	-	-	2,1
Utiliza ferramentas interativas para aprender	-	-	59%	-	-	1,9
Faz curso à distância/online	24%	23%	28%	0,6	0,5	0,6

Nessa edição do estudo, novas atividades relacionadas a capacitação e trabalho foram incluídas, acompanhando a evolução do que é oferecido na internet. A elevada frequência com que buscam dicas, procuram trabalho, acessam conteúdos educativos e ferramentas interativas mostra a aderência dessas práticas no dia a dia de jovens.

Corroborando com leituras apontadas nos quadros anteriores, aqui vemos que 82% de jovens fazem buscas por dicas de como fazer coisas diversas em média três dias por semana. O acesso a conteúdos educativos também foi significativo, com 73%, seguido da pesquisa sobre capacitação profissional, que teve aumento de 7% da segunda edição para a atual.

Cursos à distância, apesar de ter percentual baixo, vêm crescendo entre as edições e, nas análises coletivas, **jovens consultores** reforçam que há cada vez mais estímulos para a popularização dessa prática.

Veja mais sobre a relação educação e internet no capítulo 6, página 85.

De maneira geral, a internet mostra-se como um canal para obter conteúdo para aprender mais e localizar melhores oportunidades profissionais ou educacionais.

Atividades de comércio eletrônico

Para muitos, fazer compras ou vendas online ainda é visto como algo arriscado. Mas como jovens percebem essas práticas? Será que eles se sentem à vontade para contratar um serviço, comprar um produto ou ainda fazer suas próprias vendas?

Comércio eletrônico	Realização (percentual de jovens)			Frequência (média dias/semana)		
	2013-2014	2015-2016	2018-2019	2013-2014	2015-2016	2018-2019
Todas as atividades de comércio eletrônico	83%	79%	88%	1,6	1,1	1,3
Pesquisa de preços de produtos e serviços	80%	75%	81%	2,4	1,8	2,3
Compra pela internet de produtos e serviços	46%	46%	63%	0,8	0,4	0,6
Venda de produtos e serviços	-	-	51%	-	-	1,0

Os itens "comércio eletrônico" aparecem como categoria nova no estudo, entretanto, os itens "pesquisa de preço" e "compra pela internet" já eram avaliados anteriormente, mas como integrantes da categoria "informações e serviços".

O que podemos observar no quadro acima é que não só é comum entre jovens a compra de produtos e serviços na internet, como é visível um aumento ao longo das edições, subindo de 46% para 63% em apenas três anos.

A venda, contudo, é um item novo e só poderá ser avaliada qualquer tendência a partir de um próximo levantamento. Porém, já é possível afirmar que mais da metade de jovens diz que vende produtos e serviços online, em média uma vez por semana – e isso não é pouco.

Pesquisas de preços são feitas por 81% e com frequência de mais de duas vezes na semana. Apesar dessa grande parcela de jovens que levantam custos pela internet,

uma parcela menor (63%) concretiza compras. Assim, apesar de ser uma prática comum da maioria, a compra e a venda ainda têm suas limitações entre jovens: seja pela necessidade de fazer transações via cartão de crédito na maioria das vezes, pelo custo e prazo de frete ou pela não entrega do produto em determinados lugares; seja pela desconfiança no sistema de segurança dos aparelhos e da própria rede. Mas é fato que a forma como jovens consomem é cada vez mais mediada pela internet.

Classificação de atividades realizadas

Para nos aprofundarmos no mapeamento de usos de tecnologias digitais por jovens do país, procuramos desde a primeira edição do Juventudes e Conexões construir um indicador que encontrasse diferentes perfis de navegação. À época, definimos a segmentação com base na frequência de realização de atividades, encontrando três perfis: exploradores iniciantes, intermediários e avançados. Eles se distinguem entre si pela intensidade e pela amplitude de repertórios de usos da internet.

Entre 2013 e 2015, com todas as mudanças de acesso que mencionamos anteriormente, percebemos a necessidade de atualizar o indicador, agregando a preferência por realizar atividades conectadas ou desconectadas à frequência. Essa alteração no método do cálculo da segmentação limitou a possibilidade de comparação entre os anos do estudo, mas nos mostrou que, à medida que o repertório de uso da internet se ampliava, crescia também a preferência por fazer atividades de modo conectado.

Em 2018, retomamos os aprendizados da segunda edição, em que jovens apontavam para a integração entre online e offline, em que **especialistas** e **consultoras** traziam reflexões sobre a dinâmica contínua que os avanços tecnológicos trazem para a forma como utilizamos e agregamos a internet ao nosso dia a dia. Essas perspectivas nos provocaram a procurar uma nova estrutura para o indicador, que se mostrou ineficaz.

Entendemos que nesse momento fazia mais sentido saber mais sobre o que os jovens estão fazendo na internet (ou deixando de fazer) e menos sobre em quais categorias eles se enquadram e quantos são (se exploradores avançados, intermediários ou iniciantes).

Assim, apresentamos um quadro com a classificação de todas as atividades anteriormente analisadas, por agrupamentos de frequência de uso.



Classificação de atividades realizadas

O que todos fazem (por 80% ou mais jovens)		
2013-2014	2015-2016	2018-2019
Conversa por mensagens instantâneas	Conversa por mensagens instantâneas	Conversa por mensagens instantâneas
Acessa ao menos uma de sua(s) conta(s) em redes sociais	Acessa ao menos uma de sua(s) conta(s) em redes sociais	Acessa ao menos uma de sua(s) conta(s) em redes sociais
Assiste a filmes, séries, programas de televisão, ouve música pela internet	Assiste a filmes, séries, programas de televisão, ouve música pela internet	Assiste a filmes, séries, programas de televisão, ouve música pela internet
Verifica seu email	Verifica seu email	Verifica seu email
Faz pesquisas na web sobre informações em geral	Faz pesquisas na web sobre informações em geral	Faz pesquisas na web sobre informações em geral
Baixa conteúdos	Baixa conteúdos	Baixa conteúdos
Pesquisa de preços de produtos e serviços		Pesquisa de preços de produtos e serviços
Utiliza serviços de localização		Utiliza serviços de localização
Cria/posta conteúdo nas redes sociais		Cria/posta conteúdo nas redes sociais
Acessa sites de notícias		Acompanha blogs e canais de YouTube
		Busca dicas de como fazer coisas diversas

Item que subiu de uma edição para outra

Item que caiu de uma edição para outra

Item novo

O que poucos fazem (realizadas por 60% ou menos jovens)		
2013-2014	2015-2016	2018-2019
Lê livros digitais	Lê livros digitais	Lê livros digitais
Participa de fóruns ou grupos de discussão temática	Participa de fóruns ou grupos de discussão temática	Participa de fóruns ou grupos de discussão temática
Cria/atualiza blogs, páginas	Cria/atualiza blogs, páginas	Cria/atualiza blogs, páginas
Acessa site de revistas	Acessa site de revistas	Acessa site de revistas
Faz curso à distância e curso online	Faz curso à distância e curso online	Faz curso à distância e curso online
Compra pela internet de produtos e serviços	Compra pela internet de produtos e serviços	Utiliza ferramentas interativas para aprender
	Procura ou faz pesquisa para a escola ou faculdade	Utiliza serviços bancários
	Baixa e instala softwares/programas de computador/aplicativos	Utiliza aplicativos de relacionamento
		Venda de produtos e serviços
		Utiliza serviços de governo
		Cria/atualiza canais de vídeos e podcasts

Item que subiu de uma edição para outra

Item que caiu de uma edição para outra

Item novo

O que alguns fazem (realizadas por menos de 80% e mais de 60% de jovens)		
2013-2014	2015-2016	2018-2019
Pesquisa informações sobre cursos	Pesquisa informações sobre cursos	Pesquisa informações sobre cursos
Joga <i>games</i> /jogos eletrônicos	Joga <i>games</i> /jogos eletrônicos	Joga <i>games</i> /jogos eletrônicos
Procura ou faz pesquisa para a escola ou faculdade	Pesquisa de preços de produtos e serviços	Procura ou faz pesquisa para a escola ou faculdade
Baixa e instala softwares/programas de computador/aplicativos	Utiliza serviços de localização	Baixa e instala softwares/programas de computador/aplicativos
	Acessa sites de notícias	Acessa sites de notícias
	Pesquisa sobre capacitação profissional	Pesquisa sobre capacitação profissional
	Cria/posta conteúdo nas redes sociais	Compra pela internet de produtos e serviços
		Acessa conteúdos educativos
		Procura trabalho ou emprego
		Utiliza app ou programas para edição de imagens, vídeos ou sons
		Utiliza serviços de transporte e mobilidade

Item que subiu de uma edição para outra

Item que caiu de uma edição para outra

Item novo

Consideramos como atividades que “todos fazem” aquelas mencionadas por 80% ou mais jovens. Desde 2013-2014 até 2018-2019, vemos que elas giram em torno de mensagens, redes sociais, pesquisa e acompanhamento de conteúdos preexistentes.

Já as que “alguns fazem” são atividades realizadas por menos de 80% e mais de 60% de jovens. Em 2013-2014, vimos que eram poucas práticas que se concentravam nessa faixa, sendo principalmente focadas em busca por informação, jogos e *downloads*. Agora, em 2018-2019, percebemos um aumento na quantidade de práticas, que passaram a abranger capacitações e mais diversidade de contratação de serviços. Interessante notar que o acesso a sites de notícias deixou de ser uma atividade das mais realizadas e passou para essa faixa intermediária.

Por fim, as atividades que “poucos fazem” são aquelas menos frequentes, utilizadas por 60% ou menos. Também observamos um alargamento nesse grupo, que é marcado, desde 2013, por ter práticas que exigem mais protagonismo. Em 2018, vemos que o repertório é ainda maior: vender, discutir em fóruns, interagir com o governo e criar conteúdos.

Interessante notar que os itens incluídos em 2018 estão localizados principalmente nas faixas do que é realizado por alguns ou poucos jovens. Isso nos mostra que essas atividades que entraram em nosso radar, a partir de aprendizados de 2015-2016 e contribuições de **jovens consultores** desta edição, podem estar começando a ser exploradas mais significativamente entre jovens.

Principais aprendizados



Vimos como o celular se consolidou como principal meio para acessar a internet e como isso influencia nas atividades cotidianas. A conexão com o mundo está cada vez mais comprimida em um único aparelho e ele é acessado por uma parcela alta de jovens no Brasil.

A TV também teve destaque entre os aparelhos conectados, muito por conta da popularização das *Smart TVs* e da possibilidade de reproduzir vídeos e músicas online (*streamings*).

Observamos também que jovens têm feito, de modo geral, mais atividades online do que nas edições anteriores, mostrando uma diversificação maior de repertório. Continuam interagindo nas redes sociais e nos aplicativos de mensagens instantâneas, fazendo buscas e utilizando serviços de localização com bastante intensidade, ao mesmo tempo que vemos aumentar a quantidade daqueles que fazem compras e vendas pela internet, gerenciam contas bancárias, acessam conteúdo educativo e leem livros digitais.





Referências e habilidades para um mundo conectado

Desde a primeira edição do Juventudes e Conexões, observamos como jovens se relacionam com o contexto digital a partir de quatro eixos temáticos: educação, empreendedorismo, comportamento e participação social. Mas, pela primeira vez, buscamos identificar o que há de comum na forma como as juventudes se conectam com essas áreas, por meio de um mapeamento inédito de quais são as instituições, pessoas e fontes de informação consideradas por eles como suas principais referências. Para compor esse panorama, levantamos quais habilidades jovens consideram mais importantes para aprender, empreender, definir suas identidades e participar na sociedade.

Referências e habilidades para um mundo conectado

Para compreender quais são as principais conexões e parâmetros das juventudes, organizamos diferentes referências em três grupos: instituições (organizações, grupos ou fundamentos), pessoas (personalidades, lideranças ou pessoas do cotidiano) e fontes (páginas, redes, materiais ou impresso). Além disso, em diálogo com as **consultoras** e **jovens consultores** do estudo, selecionamos um conjunto de habilidades ou competências que seriam relevantes para uma pessoa se desenvolver em um mundo dinâmico e cada vez mais conectado.

Dada a complexidade dessas dimensões, procuramos levantar quais são as referências e habilidades identificadas como fundamentais para jovens em cada um dos eixos temáticos abordados na pesquisa, que foram representados pelas seguintes ideias:

- ✓ Educação > aprender
- ✓ Empreendedorismo > empreender
- ✓ Comportamento > decidir quem quer ser
- ✓ Participação social > participar na sociedade

As principais referências para jovens

Em quem jovens se inspiram e confiam? Quais são as instituições que os ancoram e orientam? Onde buscam informações, diretrizes e conhecimento?

Verificamos que, para jovens participantes da pesquisa, a instituição mais importante, considerando diferentes dimensões da vida, é a escola.



Instituições mais importantes

	Para aprender	Para empreender	Para decidir quem quer ser	Para participar na sociedade
Escola/faculdade	60%	44%	56%	47%
Espaços e atividades culturais (saraus, bibliotecas, centros culturais etc.)	26%	18%	21%	25%
Organizações e projetos sociais	20%	25%	19%	24%
Grupos ou coletivos culturais, políticos ou sociais	17%	18%	19%	22%
Mídias e veículos de comunicação diversos (TV, rádio, jornais etc.)	16%	26%	16%	16%
Igreja ou espaço religioso	12%	8%	12%	14%
Partidos políticos	7%	8%	7%	9%
Nenhum deles	3%	4%	4%	3%
Não sei/não quero responder	3%	7%	6%	4%



Jovens participantes eram apresentados a uma lista e podiam escolher até duas opções. Os itens vinham indicados em ordem aleatória, mudando a cada entrevista.

De todos os eixos abordados, a escola ou a faculdade aparecem como referências institucionais mais importantes para jovens no Brasil, ainda mais quando o que está em jogo é aprender (60%) e decidir quem quer ser (56%).

Esses dados revelam o quão importantes são os vínculos e relações estabelecidas a partir dos ambientes educacionais. **Jovens consultores** explicam que a escola é uma grande referência para eles, que vai muito além da educação. Ela é vista como principal espaço de sociabilidade, onde podem experimentar maior grau de autonomia de comportamento, especialmente na faculdade. E, em alguns casos, é naquele espaço que passam a se envolver em questões sociais e políticas, participando de grêmios, chapas, centros acadêmicos, dialogando com gestores e outros, tanto na educação básica como na superior.

“Vejo a escola como espaço de convivência, participação, criação de projetos comuns, empreendimentos etc.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

“A escola é o primeiro lugar que, no coletivo, você começa a se revoltar e querer lutar por alguma coisa.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

“Nossa socialização se dá fora da escola também, mas é difícil gerar essa participação e socialização quando você não está no mesmo espaço que frequenta diariamente.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção



Para **especialistas**, a escola cumpre uma função social complexa, que vai além do papel tradicionalmente atribuído a ela, focado no aprendizado. Trata-se de:

- ✓ Um lugar do encontro, para estar com amigos, namorados, que compartilham e sonham juntos.
- ✓ Uma porta para informação e cultura.
- ✓ Uma alternativa para sair do ambiente doméstico, por vezes problemático.
- ✓ Um dos poucos locais de acesso a determinados recursos, diante de tantas exclusões, principalmente das classes sociais mais vulneráveis, que incluem refeições, materiais, uniforme, livros... e internet.

Os espaços e atividades culturais, ao lado de organizações e projetos sociais, e grupos ou coletivos também são instituições vistas com grande relevância nas experiências juvenis. Ganham especial importância quando se considera a participação social. Todos esses são ambientes de socialização, de organização em torno de ideias e troca de conhecimentos, são igualmente relevantes quando jovens consideram a construção de quem querem ser ou a formação de suas identidades.

No âmbito do empreendedorismo, além das instituições educacionais, as mídias e veículos de comunicação aparecem com grande relevância, ao lado de organizações e projetos sociais. Essa valorização de espaços de propagação de conhecimento e informação é corroborada por falas de jovens nos grupos de discussão e de **jovens consultores**, que indicam buscar espaços de contato e de qualificação sobre o tema.

“O que não encontro na escola eu busco nas organizações e projetos sociais.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Pessoas mais importantes

	Para aprender	Para empreender	Para decidir quem quer ser	Para participar na sociedade
Professor/educador/orientador	61%	45%	45%	40%
Família/familiares (pai, mãe, tios, avós, irmã(o) etc.)	47%	37%	49%	43%
Amigos e colegas	17%	19%	18%	31%
Psicólogo, terapeuta ou assistente social	13%	10%	16%	14%
YouTubers e outros influenciadores digitais	12%	18%	9%	11%
Lideranças políticas (de partidos ou movimentos culturais, sociais, de bairro)	10%	15%	9%	14%
Líderes religiosos	7%	6%	6%	8%
Artistas e pessoas famosas (músicos, atores, escritores, empresários)	6%	11%	9%	7%
Nenhum deles	2%	4%	5%	3%
Não sei/não quero responder	3%	6%	5%	4%



Jovens participantes eram apresentados a uma lista e podiam escolher até duas opções. Os itens vinham indicados em ordem aleatória, mudando a cada entrevista.

Entre as pessoas de maior referência para jovens, professores e familiares são as referências fundamentais em todos os eixos. Para o aprendizado e o empreendedorismo, educadores são as pessoas mais importantes (61% e 45%, respectivamente), enquanto, para decidir quem quer ser e participar na sociedade, a família é mais indicada como principal (43% e 49%, respectivamente). Quando falam desses personagens, **jovens consultores** deixam claro que têm em mente principalmente as interações presenciais, ainda que alguns dos contatos com essas pessoas possam se dar em ambientes digitais.

“A gente não perdeu aquele contato físico presencial, deixando que a internet interfira em tudo. É importante você perguntar e ter um protagonista dentro da sua sala de aula, ter essa conexão com a pessoa que está te ensinando e isso a internet não te proporciona.”

Mariana Gomes de Lima, Conselho Jovem do Porvir

“Por mais que haja professores que acrescentam pouco na vida, sempre existem uns professores que são motivadores, que alegram o ambiente quando tudo vai mal... Há pessoas geniais aí que estão salvando vidas.”

João Alegria, Canal Futura

Para **especialistas**, a relevância da interação e da função social da escola – como vimos nos dados ao lado – é a principal hipótese para que o professor seja uma das grandes referências para o aprendizado.

Os dados também nos mostraram que jovens estão procurando apoio além do núcleo familiar e de seus amigos, valorizando contato com outros profissionais que não sejam os professores, como psicólogos, assistentes sociais e outros terapeutas. **Jovens consultores, especialistas e consultoras** entendem que o debate sobre saúde mental tem crescido no país e que essa é uma geração que percebe (por força das circunstâncias ou por sensibilização) que precisa trabalhar suas questões internas.

Interessante notar que educadores e familiares seguem como dois principais personagens de orientação e inspiração para jovens, muito mais mencionados que quaisquer outros. Nos grupos de discussão, os poucos jovens que falavam sobre empreendedorismo traziam as experiências familiares, em que pessoas já tiveram algum negócio próprio, como referência mais citada. Entretanto, quando o assunto é participação social, amigos e colegas ganham destaque por serem pessoas próximas e que trazem experiências de outros convívios.



“O núcleo de escolas e os núcleos familiares também são importantes mais pela questão de valores culturais do que por questões técnicas de se empreender. Então eu fico contente que estes dois pontos venham antes de influências de *YouTubers*, porque eu acho que há grande parte de aproveitadores que jogam um personagem e que acabam liderando muita gente e frustrando essas pessoas.”

Hugo Kovac, projeto Abacaxi

Curioso notar que, apesar dos holofotes, *YouTubers* e influenciadores digitais não são considerados as principais referências entre jovens nas quatro dimensões do estudo. Na visão de **jovens consultores**, essa é uma referência centralizada no contexto das metrópoles. Nos grupos de discussão, jovens explicaram como *YouTubers* e artistas podem ser referências que incentivam (direta ou indiretamente) esta geração a participar de questões na sociedade. Entre as pessoas famosas, citaram alguns cantores, atores, filósofos, ativistas políticos, sociais e ambientais como indivíduos que podem incentivá-los, mesmo que indiretamente, a se importar por assuntos de interesse social e atividades ligadas ao tema. Da mesma forma, pessoas que têm canais de diversas temáticas sociais, principalmente feminismo, questões raciais, política, direitos humanos, direitos dos animais, entre outros, abrem o interesse por temas da sociedade.

Fontes mais importantes

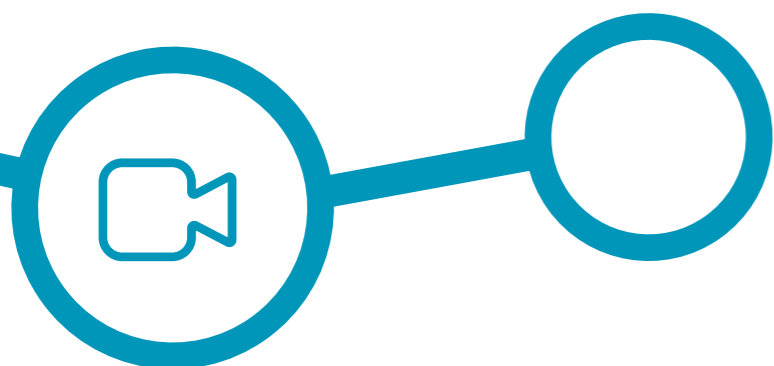
	Para aprender	Para empreender	Para decidir quem quer ser	Para participar na sociedade
Livros didáticos/técnicos ou apostilas	46%	29%	35%	25%
Livros, filmes, peças teatrais ou espetáculos de dança	32%	18%	28%	28%
Sites e plataformas que falam sobre o tema	28%	33%	29%	26%
Vídeos e canais online (YouTube, Vimeo etc.)	19%	20%	15%	17%
Redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram etc.)	15%	25%	17%	32%
Leis ativas no país	13%	13%	12%	16%
Ferramentas virtuais de inteligência artificial (robôs, chatbot), realidade virtual (simuladores) ou realidade aumentada (Pokemon Go etc.)	11%	16%	10%	12%
Jogos eletrônicos	9%	8%	7%	10%
Nenhum deles	2%	4%	8%	3%
Não sei/não quero responder	3%	5%	7%	4%



Jovens participantes eram apresentados a uma lista e podiam escolher até duas opções. Os itens vinham indicados em ordem aleatória, mudando a cada entrevista.

Observamos que livros didáticos ou técnicos e sites ou plataformas temáticas são fontes que atravessam todos os eixos temáticos como importantes referências no universo jovem atual. Produtos culturais (livros, filmes, peças teatrais ou espetáculos de dança) são também priorizados como fontes, ainda que menos presentes quando o assunto é empreender. Ou seja, não se veem apenas ferramentas ou espaços digitais como fontes, mas também materiais analógicos ou desconectados.

Apesar da presença constante dessas fontes, as posições que elas ocupam no ranking de relevância é variável. Para aprender e para decidir quem quer ser, por exemplo, os livros didáticos e técnicos (que podem ser impressos ou digitais) são as maiores referências, seguidos de produtos culturais e sites.



Para a participação social, vemos que as fontes digitais de informação e comunicação ganham mais destaque. As redes sociais são as primeiras colocadas, coincidindo com a percepção de jovens de grupos de discussão, que contaram que as informações chegam principalmente por meio de grupos ou perfis. Entre as redes sociais descrevem os usos da seguinte forma:

Facebook



onde procuram páginas das temáticas que mais se interessam e pela divulgação de eventos

Instagram



onde seguem os perfis de grande parte das pessoas que inspiram

YouTube



buscam temas específicos e seguem perfis de pessoas de referência

WhatsApp



mantêm contato com pessoas e grupos de amigos, comunidade, pessoas que frequentam a mesma igreja, família etc.

Twitter



seguem pessoas de referência

“Sigo os que têm histórias parecidas [com as minhas], que vieram da periferia e fizeram sucesso, que passam uma mensagem que eu também quero passar. A gente admira essas pessoas e escuta o que elas falam porque vai agregando ao que a gente também quer fazer. Acho que as pessoas que a gente admira influenciam bastante também nas coisas que a gente faz.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

Os dados nos mostram que as redes sociais também ganham relevância para jovens empreendedores, ao mesmo tempo em que vídeos e canais online aparecem com tanta relevância quanto produtos culturais. Em complemento a essas fontes, nos grupos de discussão foram mencionadas palestras em empresas e instituições que discutam o tema do empreendedorismo ou do mundo do trabalho ou financeiro.

Interessante notar que ferramentas virtuais de inteligência artificial ou realidade aumentada são também vistas como referências para uma maior parcela quando o tema é o empreendedorismo.

Por fim, produzimos o quadro abaixo para apresentar de forma resumida as três primeiras posições de cada conjunto de referências, vistas pela maior parte de jovens como as mais importantes para aprender, empreender, decidir quem quer ser e participar na sociedade. Procuramos ilustrar quais dessas instituições, pessoas e fontes são essenciais ou parcialmente digitais ou não, para verificar qual o papel da internet e das tecnologias no desenvolvimento de jovens.

Por exemplo, a escola é um ambiente essencialmente presencial e que, embora possa se utilizar de ferramentas digitais, aparece no imaginário da maior parte de jovens como um espaço físico; já amigos ou coletivos podem ter sido originados a partir de ambientes totalmente virtuais, totalmente analógicos ou mistos.



Síntese das referências mais importantes

● São em grande parte digitais ● Podem ser digitais ou não ○ Não são digitais (embora possam atuar com ferramentas digitais)

	Para aprender	Para empreender	Para decidir quem quer ser	Para participar na sociedade
Instituições mais importantes	<p>1º Escola/faculdade (60%)</p> <p>2º Espaços culturais (26%)</p> <p>3º Organizações e projetos sociais (20%)</p>	<p>1º Escola/faculdade (44%)</p> <p>2º Mídias e veículos de comunicação e organizações e projetos sociais (26% e 25%)</p> <p>3º Espaços culturais e grupos ou coletivos (18%)</p>	<p>1º Escola/faculdade (56%)</p> <p>2º Espaços culturais (21%)</p> <p>3º Organizações e projetos sociais e grupos ou coletivos (19%)</p>	<p>1º Escola/faculdade (47%)</p> <p>2º Espaços culturais e organizações e projetos sociais (25% e 24%)</p> <p>3º Grupos ou coletivos (22%)</p>
Pessoas mais importantes	<p>1º Professor (61%)</p> <p>2º Família (47%)</p> <p>3º Amigos e colegas (17%)</p>	<p>1º Professor (45%)</p> <p>2º Família (37%)</p> <p>3º Amigos e colegas; e influenciadores digitais (19% e 18%)</p>	<p>1º Família (49%)</p> <p>2º Professor (45%)</p> <p>3º Amigos e colegas (31%)</p>	<p>1º Família (43%)</p> <p>2º Professor (40%)</p> <p>3º Amigos e colegas (31%)</p>
Fontes mais importantes	<p>1º Livros didáticos ou técnicos (46%)</p> <p>2º Livros, filmes, espetáculos (32%)</p> <p>3º Sites sobre o tema (28%)</p>	<p>1º Sites sobre o tema (33%)</p> <p>2º Livros didáticos ou técnicos (29%)</p> <p>3º Redes sociais (25%)</p>	<p>1º Livros didáticos ou técnicos (35%)</p> <p>2º Livros, filmes, espetáculos e sites sobre o tema (28% e 29%)</p> <p>3º Redes sociais (17%)</p>	<p>1º Redes sociais (32%)</p> <p>2º Livros, filmes, espetáculos, sites sobre o tema e livros didáticos (28%, 26% e 25%)</p> <p>3º Vídeos e canais online e leis ativas no país (17% e 16%)</p>



Observamos que poucas são as referências essencialmente digitais quando jovens pensam no aprendizado e na definição de suas identidades, aparecendo sites ou plataformas sobre os temas como segundo ou terceiro lugar. Vemos que jovens têm como referência e principais influências para seu comportamento e construção identitária as pessoas e os locais que os cercam (famílias, amigos, escola e trabalho).

Mas, ao considerarem a participação social e o empreendedorismo, as referências digitais ganham mais espaço de relevância entre jovens. As redes sociais, os vídeos e canais, bem como influenciadores digitais, passam a ocupar os três primeiros lugares como referências. Ao mesmo tempo, nos grupos de discussão, identificamos que, no campo do empreendedorismo, aqueles que tinham contato com o tema traziam como importantes referências as pessoas do seu círculo pessoal, como familiares que têm negócio próprio, por exemplo.

Com isso, percebemos que há um espaço de intersecção entre as relações que se constroem no universo online e offline, inspirando e existindo a partir de múltiplas conexões, que não são concorrentes entre si, mas complementares, como mostramos nos capítulos de dados de cada um dos quatro eixos do estudo.

Especialistas enfatizam algumas características comuns entre as referências que jovens costumam apontar como importantes para decidir quem querem ser, são elas:

- ✓ Pessoas próximas, como família, amigos e colegas, com quem se identificam e aprendem.
- ✓ Lugares que frequentam, como escola, faculdade e trabalho, que proporcionam novas leituras, novos conhecimentos e o contato com realidades diferentes.
- ✓ Lugares onde vivem, como a periferia ou bairros com maior poder aquisitivo, que influenciam a constituição de gostos, hábitos e sentimento de pertencimento.
- ✓ Forma como a sociedade vê o jovem, com aceitação ou não de certo traço ou escolha com a qual se identificam.
- ✓ Oportunidades na internet, que possibilita acesso a referências que não teriam presencialmente, dando mais opções de conhecimento.

As principais habilidades para jovens

Além de compreender de onde jovens tiram suas inspirações, orientações e informações, procuramos mapear quais são as capacidades ou habilidades que eles próprios consideram mais importantes para aprender, empreender, decidir quem querem ser e participar na sociedade.

Afinal, o que jovens sentem que precisam desenvolver em si mesmos?

Habilidades mais importantes

	Para aprender	Para empreender	Para decidir quem quer ser	Para participar na sociedade
Vontade de aprender sempre	29%	22%	25%	20%
Trabalho em equipe e cooperação	24%	25%	18%	27%
Criatividade	23%	28%	21%	20%
Capacidade de tomar decisão	23%	23%	25%	18%
Empatia (colocar-se no lugar do outro)	20%	11%	15%	25%
Capacidade de resolver problemas	19%	20%	16%	17%
Pensamento crítico	18%	15%	22%	19%
Curiosidade e interesse intelectual	18%	13%	22%	13%
Comunicação e escuta	15%	15%	15%	23%
Conhecimento de tecnologias	15%	19%	12%	13%
Valorização da diversidade	13%	13%	13%	18%
Flexibilidade	12%	14%	13%	13%
Influência pessoal/liderança	11%	17%	13%	11%
Autocuidado e saúde	9%	8%	9%	9%
Autodidatismo (aprender por conta própria)	7%	9%	10%	6%
Nenhum deles	-	1%	1%	1%
Não sei/não quero responder	2%	5%	5%	4%



Jovens participantes eram apresentados a uma lista de 15 itens e podiam escolher até três opções. Os itens vinham indicados em ordem aleatória, mudando a cada entrevista.

De modo geral, as habilidades e competências consideradas mais importantes por jovens se diferem de acordo com o tema avaliado. No eixo de educação, o destaque é a vontade de aprender sempre, seguido por trabalho em equipe e cooperação; esta sendo a habilidade que foi mais indicada como importante em relação à participação social, seguida por empatia e comunicação.

Para empreender, a habilidade mais importante foi a criatividade, com destaque também para cooperação, capacidade de decisão e de resolver problemas e conhecimento de tecnologias. Para decidir quem quer ser, jovens valorizam a vontade de aprender, a capacidade de tomar decisões, o pensamento crítico e a curiosidade e interesse intelectual.

Principais aprendizados



Ao longo da pesquisa, observamos que jovens valorizam muito o professor e a escola como local e fonte para aprender, sendo esse um lugar também entendido como espaço de sociabilidade. A internet e todo o universo digital ocupam espaço importante e relevante no cotidiano dessa geração, mas não se destacam como principal referência para as juventudes. Vemos que as conexões offline ainda compõem a base de referências para estes jovens.

A escola é vista como potência!

Os influenciadores digitais têm sua relevância restrita a temas como empreendedorismo. Essas pessoas ampliam suas referências, mas não definem suas atitudes. No empreendedorismo, é comum que sejam trazidas trajetórias inspiradoras para formação empreendedora, mas, na prática, o núcleo mais próximo (professores e família) segue sendo o mais influente.

A família é uma das grandes referências pessoais para jovens se desenvolverem e participarem socialmente, onde são transmitidos e constituídos saberes comuns, mesmo que a composição familiar seja diversa e não tradicional.

A internet se apresenta como importante ferramenta de busca de informações e de contato com pessoas que têm interesses em comum. Pelas redes sociais, jovens participam de grupos, ficam sabendo de eventos e seguem personalidades ou lideranças ligadas aos temas com que eles se identificam.



6



Educação

Dados da pesquisa

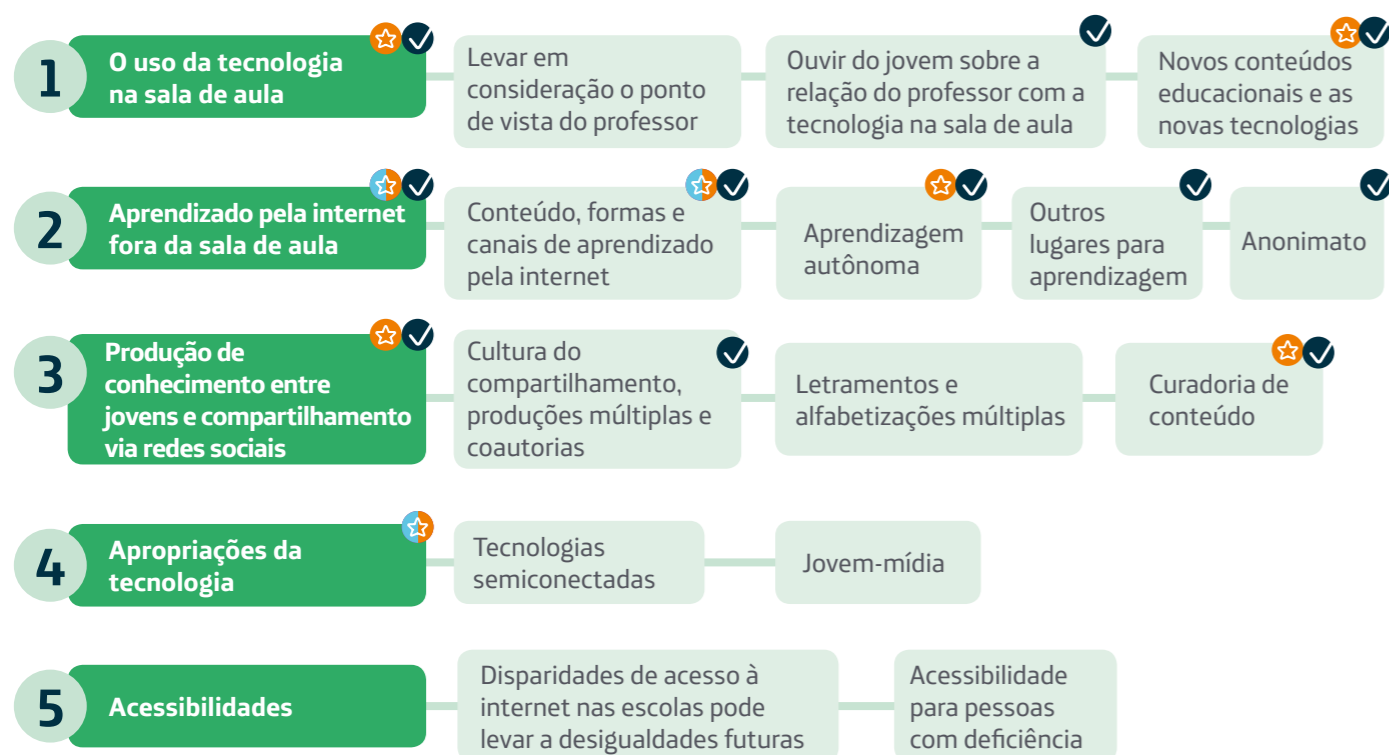
Apresentamos os resultados quantitativos e qualitativos do Juventudes e Conexões focados no eixo temático de educação.

Estudar as relações das tecnologias digitais de informação e comunicação na educação não é tarefa fácil nem inédita. Mas essa área, além de vasta e sensível às constantes mudanças de contexto, tem especial relevância quando o objetivo é buscar aprofundamentos sobre a relação das juventudes com o mundo conectado. Nas próximas páginas, trazemos um panorama de percepções de jovens sobre usos da tecnologia para aprender, dentro e fora das salas de aula.

Educação

Na etapa de construção coletiva, **especialistas** e **jovens consultores** mapearam algumas inquietações, curiosidades e temas relevantes para o momento atual da educação no Brasil, levando em consideração o que já havia sido abordado sobre o tema nas edições anteriores. O cruzamento dos interesses e reflexões de todos os públicos envolvidos na cocriação do estudo gerou um quadro síntese, norteador da pesquisa.

Mapeamento inicial de temas - Educação



☆ Tratado na edição 2013-2014 ☆ Tratado na edição 2015-2016 ☆ Tratado nas edições 2013-2014 e 2015-2016 ✓ Abordado na edição 2018-2019

A partir dos debates em torno de cada um dos pontos, **jovens consultores** tiveram o papel de validar aqueles que comporiam os instrumentos de coleta e, ainda, levantar suas hipóteses. Para eles, trabalhar as questões da educação sem incluir a relação com os professores seria insuficiente, especialmente quando o foco das perguntas eram os usos das tecnologias na sala de aula e sua influência na dinâmica do ensino-aprendizagem. Essa era a oportunidade de fazer a escuta a partir da percepção de jovens.

“Se precisamos ouvir o professor detentor do conhecimento, por que não o aluno também?”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção



Ao pensar no ambiente escolar, logo já se remetiam a estratégias, conteúdos, canais de estudo e formas de aprender, anônima ou coletivamente, que pudessem ser acessadas via internet. O desafio, para esses **jovens consultores**, estava em entender que lugar as tecnologias digitais ocupam na educação: complementar ou concorrente?

“Não vejo mais como fazer trabalhos sem se criar um grupo de WhatsApp.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Para eles, a maneira como sua geração vê a produção de conhecimento acaba quebrando uma relação hierárquica e as construções estariam mais horizontais. Isso mudaria também a forma como jovens se relacionam com a busca e o uso de conteúdos disponíveis: se há um bombardeio de informações, é necessário filtrar o tipo e a qualidade do que se quer.

Embora curiosos para aprofundar sobre muitos outros aspectos, essas reflexões foram aquelas em que mais se debruçaram e, por isso, tornaram-se as abordagens da pesquisa neste eixo.

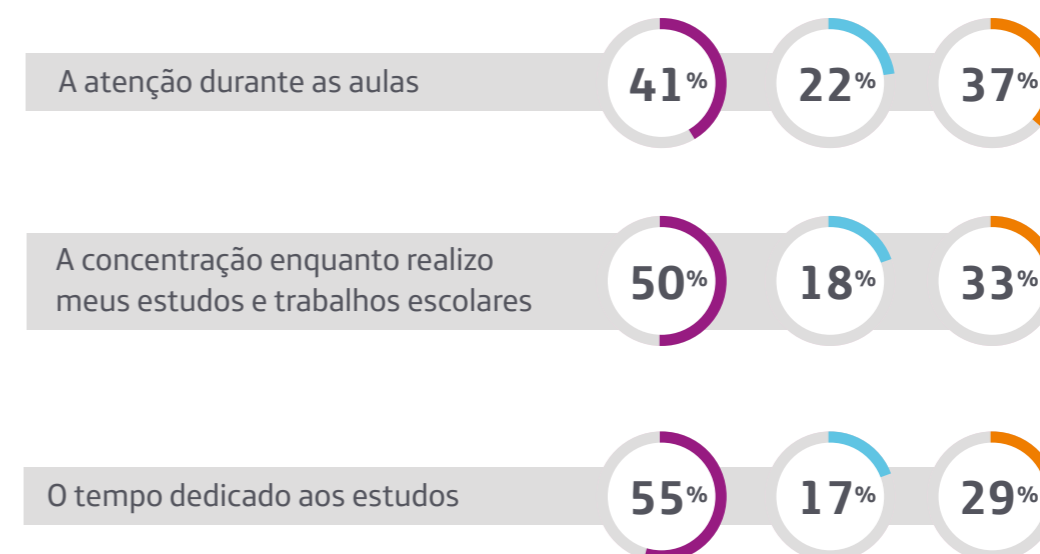


Influências das tecnologias digitais para aprender

Qual será a avaliação de jovens sobre a presença da internet na sua educação? Convidamos os jovens a refletirem sobre o que a internet trouxe de positivo ou negativo em relação ao tempo, à atenção e à concentração que dedicam aos estudos. Será que ela mais ajuda do que atrapalha? Qual será o grau de crítica que eles têm a respeito?

Avaliação da influência da internet nos estudos

● *Influenciou de forma positiva* ● *Não influenciou* ● *Influenciou de forma negativa*



A maior parte dos jovens acredita que a internet influenciou de forma positiva a concentração e o tempo dedicado aos estudos, mas a atenção à aula é o que mais dividiu as opiniões. Assim, é importante notar que, ainda que mais da metade veja com bons olhos o que as tecnologias digitais trazem ao processo de aprendizado, não há uma percepção consensual, especialmente quando são pensados os usos na sala de aula.

Essa discordância foi vista também nos grupos de discussão, em que houve relatos de que a internet pode causar mais distração e, por isso, atrapalhar os estudos.

“Você está vendo um vídeo no YouTube. O YouTube é inteligente, está lá entre os recomendados sempre uma música que você gosta, um vídeo... Daí começa a estudar com um vídeo sério do conteúdo que você precisa. Mas, no meu caso, eu começo a estudar cálculo e quando dá meia hora eu já estou vendo galinha botando ovo.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

Para eles, além de ser difícil organizar o tempo dedicado a cada atividade, não é simples garantir que o conteúdo disponível seja confiável ou que se consiga encontrar aquele com boas referências. Nos grupos de discussão, levantaram ainda como um grande desafio para uma educação conectada a facilidade de dispersão nas redes sociais e a dificuldade que sentem em gerir seu próprio tempo.

Contudo, **especialistas** alertam que as barreiras que jovens encontram nesse contexto podem estar mais relacionadas à falta de conhecimento sobre estratégias de curadoria do que a uma mera distração. Mais ainda, lembram que nem todos têm acesso a bons recursos de aprendizagem, sejam eles digitais ou não, tais como escolas de qualidade, espaços e atividades culturais, faculdade, cursos de línguas, viagens (dentro ou fora do país), internet estável e ilimitada, tecnologias avançadas, entre tantos outros.



“Aprender não é resultado da trajetória do herói, aprender é resultado da oferta de oportunidades iguais de educação e de qualidade para todos. Ter acesso a uma educação de qualidade é uma questão de cidadania. Tem um problema em não perceber que certos direitos da cidadania são para todos e não são só para alguns. É não ter uma visão de bem comum, não ter uma visão de direito.”

João Alegria, Canal Futura

Nos grupos de discussão, jovens refletiram sobre a influência do uso cada vez maior dos áudios nos aplicativos de conversas e do corretor ortográfico automático, o que para eles pode ser entrave à qualidade da escrita. Contudo, percebem que esse impacto é menos sentido entre os jovens que leem e escrevem com frequência e mais fluência. Segundo eles, o maior obstáculo é a falta de leitura no cotidiano, não necessariamente o uso desses recursos tecnológicos.

“Se você não ler bem, você não vai escrever bem e também não vai falar bem.”

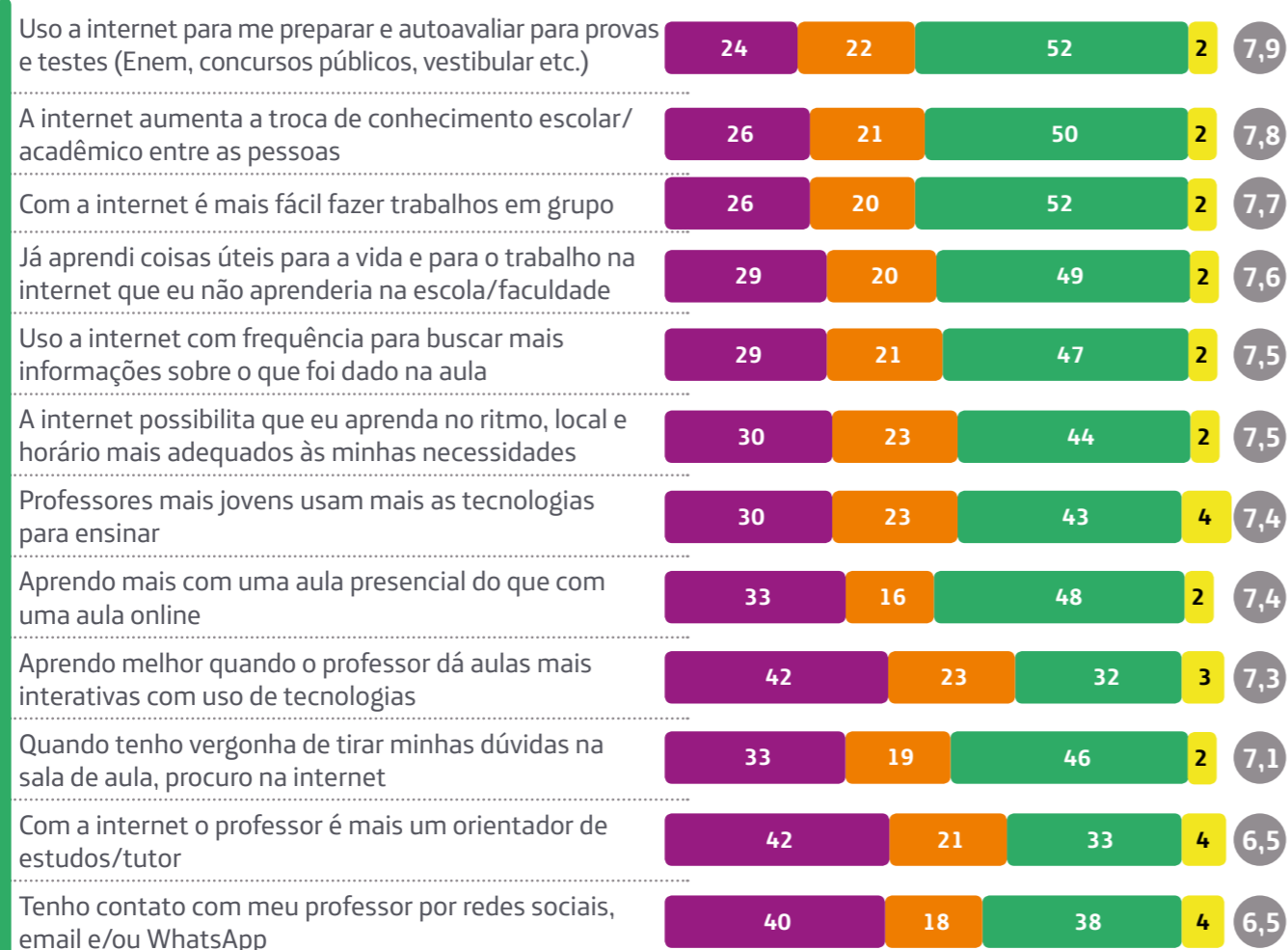
Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

É inegável que as tecnologias digitais estão cada vez mais inseridas nas práticas cotidianas, em especial no processo de construção de conhecimento. Mas será que elas estão incorporadas na rotina de estudantes? Como jovens têm visto suas próprias práticas, atitudes e relações diante do contexto? Será que as percepções são as mesmas entre as diferentes classes, gêneros, faixas de idade?

Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender

0 a 6 discordam (%) 7 e 8 concordam em parte (%) 9 e 10 concordam totalmente (%) Não sabe (%) Média

2018-2019



Entrevistados eram convidados a avaliar afirmativas sobre percepções e atitudes, utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significava discordar totalmente e 10, concordar totalmente. Considera-se um alto nível de concordância quando são atribuídos pontos 10 e 9; e baixo nível de concordância de 6 a 0. Para representar de forma sintética a percepção geral, são apresentadas as pontuações médias do conjunto de respondentes (calculadas por média simples).

De modo geral, jovens revelam alto grau de concordância com aspectos relacionados ao uso da internet para aprender.

Ao avaliarem o que a internet pode proporcionar para aprender dentro e fora da sala de aula, percebemos que questões ligadas a professores são aquelas com menor concordância: a maior parcela discorda que com a internet professores mudam de papel, passando a ser mais orientadores de estudos; questionam se aprendem melhor quando as aulas são mediadas por tecnologias; e se dividem entre aqueles que têm contato com professores por redes sociais ou não. Vale, então, salientar que não é unânime a forma como jovens veem a dinâmica professor-aluno mediada pela tecnologia, sendo que a maior parte concorda que aprende mais em aulas presenciais do que online.



Vantagens das videoaulas segundo jovens consultores

É possível repetir alguma parte e/ou pausar.

Normalmente são curtas e dinâmicas.

Oferecem outras perspectivas sobre os temas.

Complementam o conteúdo passado pelo professor.

Ao mesmo tempo, é visível que sentem que as redes ampliaram as oportunidades de troca entre pares: para produzirem conhecimento acadêmico e para fazerem trabalhos em grupo. E, mais ainda, jovens dizem buscar conteúdos educacionais online, sobretudo como complemento para o estudo presencial, mas também pesquisam sobre qualquer outro tema que tenham interesse fora da escola/faculdade.

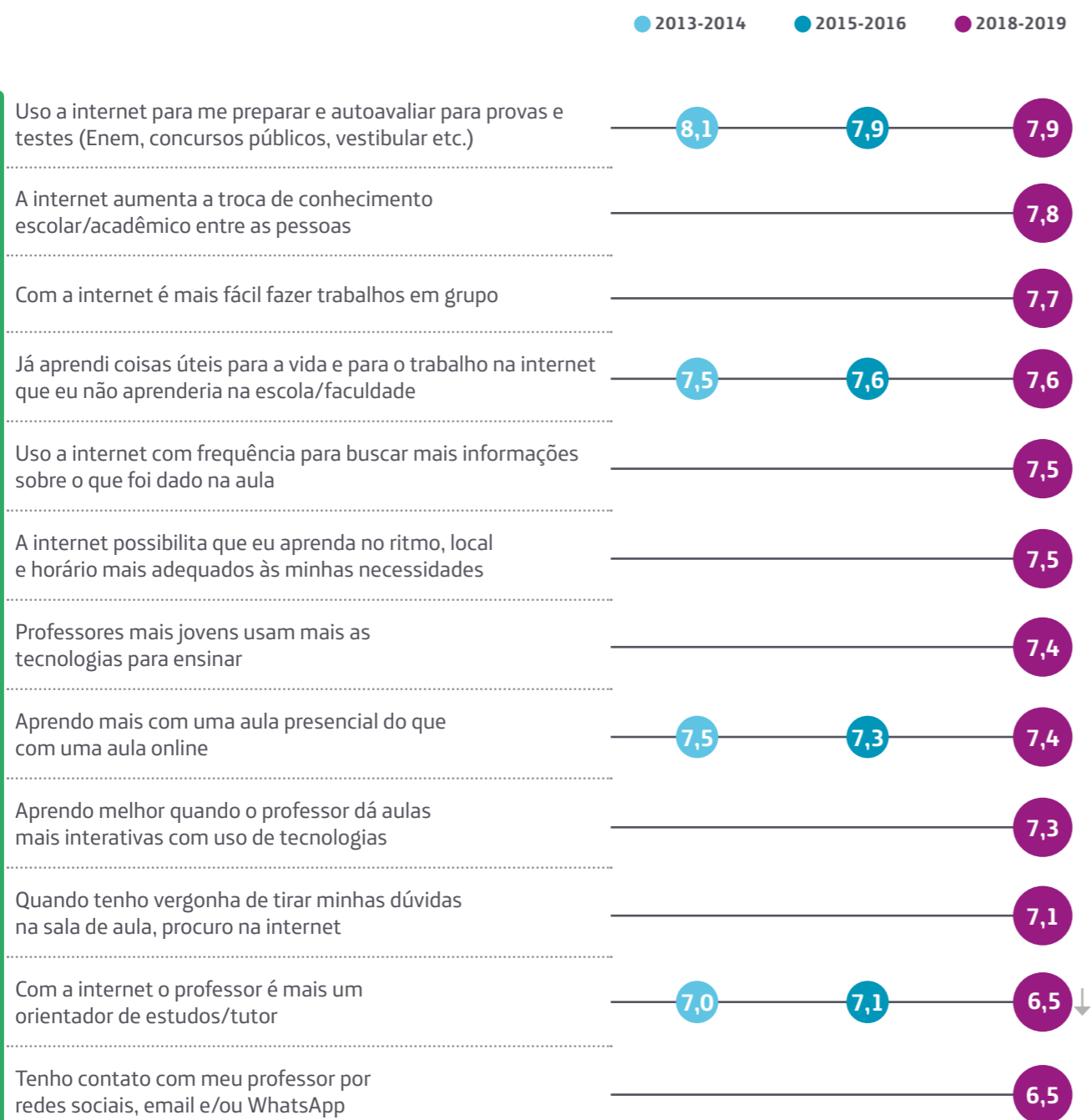
Nos grupos de discussão, participantes demonstravam ter a percepção de que a internet tornou o conhecimento mais acessível e que aquilo que quiserem buscar estará sempre ao alcance das mãos. Para eles, o ambiente digital otimiza pesquisas, permite acessar fontes diversas, é mais atualizado do que a escola, permite aprofundamento de determinado tema e proporciona mais flexibilidade de tempo. Essa percepção se reforça quando 44% concordam totalmente que a internet possibilita aprender no próprio ritmo, horário e local adequados às necessidades.

As videoaulas online, que já na edição 2015-2016 do estudo apareceram como ferramenta popular entre jovens, ainda são vistas como ferramentas de alto potencial para os estudos, ao lado de canais de vídeo e *podcasts* com conteúdos educacionais, parte deles inclusive produzidos por outros jovens.

“A carência da educação afeta muito. Quando você não tem uma boa educação de base, entra na faculdade ou na escola técnica, mas tem que voltar e ver vídeos sobre alguns temas. Aí existem na internet grupos como ‘descomplica’, ‘estuda’ e as pessoas passam a estudar por meio destes canais. A tecnologia possibilita ao jovem ser autodidata.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender – série histórica



Os valores apresentados referem-se à média de pontos dados por todos os respondentes a cada frase. Entre cada edição do estudo, novos itens são incluídos, mas alguns estão presentes desde as edições anteriores, permitindo observar mudanças ao longo do tempo. Consideramos que houve variação entre um ano e outro quando a média aumenta ou diminui pelo menos 0,4 ponto (indicada pelas setas para cima ou para baixo).

Interessante notar que, desde a edição 2013-2014, a aula presencial não perde seu valor como ambiente em que jovens consideram aprender mais. Ao mesmo tempo, parece que menos jovens veem o professor no papel de tutor ou orientador de estudos.

Ao longo dos anos se mantém estável o reconhecimento da internet como importante para preparo para provas e testes ou apoio para buscar informações que não seriam vistas em sala de aula.

Assim, identificamos que as tecnologias digitais estão cada vez mais consolidadas como instrumentos complementares à escola ou faculdade para jovens aprenderem.

“A internet mais ajuda o jovem, se não fosse a internet hoje acho que a gente estaria com índices muito piores de progressão de fluxo na educação básica e nós teríamos resultados muito piores de Enem. O/a jovem tem encontrado na internet uma aliada muito potente no processo educacional.”

João Alegria, Canal Futura

“Eu acho que a educação tem que acompanhar nossa evolução, então a gente tem que acompanhar a tecnologia nessa área. A internet auxilia a gente na hora de fazer uma pesquisa, por exemplo. Te permite ter mais autonomia, ter essa liberdade de ir lá pesquisar, produzir algo, compartilhar.”

Mariana Gomes de Lima, Conselho Jovem do Porvir



Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender – sexo e idade



Fem. = Feminino | Masc. = Masculino



Apresentamos alguns comparativos entre médias para identificar variações de percepção entre jovens de diferentes perfis: sexo masculino e feminino; faixas de idade diferentes; escolaridade e classe social. Consideramos que há percepções distintas quando a média do menor para o maior é de pelo menos 0,4 ponto.

Em comparação aos homens, as mulheres concordam mais com a possibilidade de a internet ajudá-las a tirar dúvidas que surgem na sala de aula, mas que, por conta da timidez, preferem não as sanar com o professor na hora.

Jovens consultores reafirmam que muitas vezes há timidez em expor suas dúvidas no coletivo da escola ou um receio de interromper o professor e que, por isso, recorre-se ao ambiente virtual e ao anonimato para tirar dúvidas.

“Na internet você cria uma conta *fake* ou tira uma foto de perfil para fazer uma pergunta.”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

São também as mulheres que têm mais contato com professores pelas redes sociais e/ou email e que estão mais propensas a vê-los como orientadores dos estudos.

Já em relação à idade, jovens entre 20 e 24 anos são os que mais dizem usar a internet para autoavaliação para provas e testes. Essa faixa etária também é a que mais sente a aula presencial como ambiente para aprender mais, percepção que diminui quando perguntamos aos mais novos.

Vale notar que, quanto mais velhos, jovens tendem a sentir que o uso de tecnologias para ensinar é uma característica de professores mais jovens.



Tecnologias digitais nas práticas de aprendizagem - escolaridade e classe social

	Total	Escolaridade			Classe social			
		EF	EM	ES	A	B	C	DE
Uso a internet para me preparar e autoavaliar para provas e testes (Enem, concursos públicos, vestibular etc.)	7,9	7,4	7,9	8,1	8,4	8,1	8,0	7,5
A internet aumenta a troca de conhecimento escolar/acadêmico entre as pessoas	7,8	7,5	7,7	8,1	7,3	8,2	7,9	7,2
Com a internet é mais fácil fazer trabalhos em grupo	7,7	7,6	7,7	7,7	7,3	7,8	7,9	7,4
Já aprendi coisas úteis para a vida e para o trabalho na internet que eu não aprenderia na escola/faculdade	7,6	7,5	7,6	7,7	7,4	8,1	7,6	7,1
Uso a internet com frequência para buscar mais informações sobre o que foi dado na aula	7,5	7,0	7,5	7,9	7,2	7,7	7,7	7,1
A internet possibilita que eu aprenda no ritmo, local e horário mais adequados às minhas necessidades	7,5	7,1	7,4	7,8	7,5	8,1	7,5	6,9
Professores mais jovens usam mais as tecnologias para ensinar	7,4	7,0	7,3	7,8	6,4	7,5	7,5	7,1
Aprendo mais com uma aula presencial do que com uma aula online	7,4	6,9	7,2	7,7	7,9	7,4	7,5	6,9
Aprendo melhor quando o professor dá aulas mais interativas com uso de tecnologias	7,3	7,0	7,3	7,5	6,7	7,6	7,5	6,9
Quando tenho vergonha de tirar minhas dúvidas na sala de aula, procuro na internet	7,1	7,0	7,1	7,1	6,0	7,6	7,1	6,8
Com a internet o professor é mais um orientador de estudos/tutor	6,5	6,7	6,5	6,4	5,2	6,8	6,4	6,4
Tenho contato com meu professor por redes sociais, email e/ou WhatsApp	6,5	5,3	6,3	7,3	5,7	7,0	6,7	5,5

EF = Ensino fundamental | EM = Ensino médio | ES = Ensino superior

Não identificamos variações relevantes de percepção entre jovens que declararam estar estudando e os que não. Mas, quando observamos a escolaridade, surgem alguns pontos de vista diferentes: quanto maior o nível de estudo, maior é a concordância sobre as possibilidades de complementação entre educação escolar ou acadêmica e uso da internet.

Jovens de classes DE parecem ser aqueles que, apesar de terem conquistado algum acesso ao mundo conectado, ainda não estão tão próximos quanto jovens de classes B e C, que demonstram utilizar e valorizar mais a internet no processo de aprendizado.



Peculiaridades regionais

Região Norte

São aqueles que menos concordam que a internet possibilita aprender no ritmo, local e horário mais adequados às necessidades.



São os que menos concordam que com a internet é mais fácil fazer trabalhos em grupo.



Região Nordeste

Tendem a ser mais favoráveis ao uso de tecnologias digitais para aprender, apresentando os maiores níveis de concordância para questões de educação.

São os que mais dizem que procuram na internet porque sentem vergonha de tirar dúvidas na sala de aula.



São, ao lado de jovens do Norte, aqueles que mais usam a internet com frequência para buscar mais informações sobre o que foi dado na aula.



Região Centro-Oeste

São os que menos concordam com as questões que trazem a internet para o processo de aprendizagem.

São os que menos sentem já ter aprendido coisas úteis para a vida e para o trabalho na internet que não aprenderiam na escola.



São os que menos concordam que aprendem melhor quando o professor dá aulas mais interativas com uso de tecnologias.



Região Sudeste

São os que menos veem que com a internet o professor é mais um orientador de estudos/tutor.



Região Sul

São os que mais concordam que professores mais jovens usam mais tecnologia.



São os que mais sentem que aprendem na internet para além do que aprendem na escola.



Internet e escola como complementares

Como visto anteriormente, jovens elegeram a escola e a internet como os dois melhores lugares para aprender. Mas o que pensam sobre cada um, pontos altos e baixos, e as possíveis pontes entre eles? O que os tornam tão essenciais? Com isso, pedimos que apontassem caminhos de melhoria na educação por meio da convergência entre internet e escola.

“A gente não pode aprender tudo sozinho. Eu sempre tentei ser um pouco autodidata, sempre busquei sozinha meu conhecimento usando bastante a internet. Mesmo assim, quando eu chegava numa roda de amigos para conversar, eu descobria que ainda tinha muito o que aprender.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

Contribuições e barreiras da escola e da internet

- + Pontos positivos
- Pontos negativos

Escola



- + Distrai menos do que a internet
- + Direciona melhor a aprendizagem
- + O aprendizado é mais profundo e fixa mais
- + Aprendizado no coletivo, com diálogo, contato
- + Professor tem mais legitimidade do que a internet, estudou a fundo o que ensina (alguns)
- Parece uma prisão
- Desatualizada
- Aulas cansativas

Internet



- + Conteúdo além da sala de aula
- + Flexibilidade de ver onde e quando quiser
- + Linguagem mais jovem
- + Explicação mais didática
- + Repete várias vezes até entender
- + Mais focado, resumido, mais rápido
- + Mais prático, não precisa carregar livros enormes
- + Informações mais atualizadas do que o professor (data de artigos)
- + Vídeos que demonstram técnicas de vários ângulos
- Nem sempre confiável
- Falta embasamento
- Informações desencontradas

Quando olham de forma crítica para a escola e para a internet como ambientes de aprendizagem, jovens reconhecem que a internet não vai substituir a escola, mas sim ajudá-los a explorar elementos novos ou buscar outras formas de explicar aquilo que professores trazem para a sala de aula.

Essa visão é complementada por uma reflexão sobre aquilo que pode melhorar na escola com o auxílio das tecnologias. Jovens identificam mudanças necessárias para as metodologias, que precisam trazer mais debates em sala de aula e estratégias mais dinâmicas. Por outro lado, sentem que professores podem dar aulas mais bem-humoradas e falando uma linguagem mais compreensível para jovens.

Assim como nas edições anteriores do estudo, as tecnologias aparecem com pouca relevância como elemento central na mudança dos modelos de ensino. Nota-se hoje, contudo, uma maior urgência, por parte dos jovens, de rever as metodologias e o conteúdo trabalhado em sala de aula, uma vez que os jovens já têm contato com conteúdo educacional online fora da escola.

Mencionamos anteriormente que, quando o assunto é uso de tecnologias digitais na sala de aula, as opiniões se dividem: parte é a favor, parte é contra. Segundo **especialistas**, isso ocorre principalmente porque a grande maioria dos jovens nunca passou pela experiência de ter internet em sala de aula e não imagina como isso pode ser realizado de forma que não gere distração.



“A gente tem uma diversidade muito grande de aprendizagem. Eu aprendo de uma maneira, o meu colega aprende de outra, você aprende de outra maneira. Então eu acho que essa diversidade é importante, ela é bonita. Mas eu falo que é complicado. A gente acaba conseguindo não contemplar (a todos).”

Mariana Gomes de Lima, Conselho Jovem do Porvir

Mais além, **especialistas** apontam para a necessidade de observar a perpetuação dos processos de exclusão e desigualdades sociais na implementação de tecnologias nas escolas sem cuidados adicionais. Uma forma de exclusão se dá entre jovens que estudam em instituições mais modernas e equipadas e aqueles que estudam em instituições com mais restrições, como boa parte das escolas públicas, em que, mesmo com acesso à internet, ela pode ser de baixa qualidade e os equipamentos disponíveis, obsoletos.

Principais aprendizados



Como vimos ao longo da pesquisa, o **uso da tecnologia na sala de aula** ainda não é tema consensual entre os jovens, ainda que tenha sido comum a percepção de que as tecnologias digitais potencializam o processo educacional como complemento ao que é dado em sala de aula.

50% dos/das jovens entrevistados concordam totalmente que a internet aumenta a troca de conhecimento escolar/acadêmico

A leitura que jovens fazem sobre a internet na escola é bastante crítica, mesmo entre os apoiadores da ideia. Para eles, mais do que a tecnologia em si, é preciso pensar na metodologia da aula e na estrutura da escola.

O **aprendizado pela internet fora da sala de aula** já é uma prática comum: os jovens já complementam os estudos com a internet. Aliás, acham que o conteúdo disponível na rede é mais atualizado e mais abrangente do que aquele dado na escola, mas sentem que nem sempre a fonte é confiável e acham que precisam ter orientações dos professores sobre como e o que estudar na internet.

Destaca-se também a autonomia que jovens têm ganhado no processo de **apropriações das tecnologias**. Por meio das ferramentas disponíveis online, é possível criar, **produzir e compartilhar conhecimento entre os jovens**, com material em formato e linguagem mais jovem, didática, resumida e de fácil e rápida compreensão. Qualquer um pode produzir e consumir.

7



Educação

Como tornar a internet parceira para jovens aprenderem mais

Tatiana Klix Pereira

Sou jornalista e crio conteúdos e projetos na área de educação desde 2010. Foi o envolvimento com esse tema que me aproximou das juventudes e me impulsionou a trabalhar pela causa da transformação da educação a partir da perspectiva dos próprios jovens. Com eles, aprendo sobre as deficiências das escolas e suas dificuldades para construírem seus projetos de vida, mas também me motivo a apoiar as juventudes a se desenvolverem.

Como tornar a internet parceira para jovens aprenderem mais

“Parece que arrancaram uma parte da gente.”

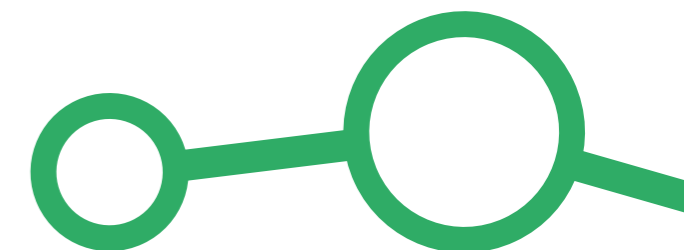
Da agonia ao alívio, as sensações que jovens participantes da pesquisa Juventudes e Conexões relatam ter quando ficam longe de seus celulares indicam que é pouco natural para eles estarem desconectados ou, até mais que isso, é difícil identificar os momentos em que estão online e os que estão offline. Vários desses e dessas jovens, no entanto, quando consultados sobre os benefícios do acesso à internet na escola, dizem preferir que o celular fique do lado de fora ou, pelo menos, que gostariam que alguém limitasse ou orientasse o seu uso na sala de aula.

“Se sem internet já é difícil, imagina com internet... Vira bagunça!”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

As tecnologias digitais na educação: uma parceria possível e transformadora

A incorporação cada vez mais recorrente e diversificada de atividades mediadas por Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) em escolas e seu impacto na educação tem sido alvo de diversos estudos nos últimos anos. Muitos deles conseguem vislumbrar nessa prática uma oportunidade de transformar o modelo industrial e massificado de educação, que foi construído para formar um estudante médio, conforme descreve Todd Rose (2016), diretor do programa Mente, Cérebro e Educação de Harvard, no livro *The End of Average: How We Succeed in a World That Values Sameness* (em tradução livre: Como podemos ser bem-sucedidos em um mundo que valoriza a similaridade) em uma experiência de aprendizagem personalizada, que respeita as características e referências individuais de estudantes (PORVIR, 2019).



José Armando Valente (2015), livre-docente pela Universidade Estadual de Campinas, por exemplo, defende no prefácio do livro *Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação* que a abordagem que combina atividades presenciais e outras realizadas por meio de tecnologias online consegue alterar o modelo centrado no professor e baseado em transmissão de informações e colocar o foco do processo de aprendizagem no aluno.

Em 2018, ano em que foram realizadas as coletas de respostas do Juventudes e Conexões, dois motivos ainda conseguiram ampliar no Brasil esse debate sobre o papel da internet para a educação: a preparação do Ministério da Educação para o Novo Ensino Médio, que permitirá que parte da carga horária seja feita à distância; e a defesa do então candidato à presidência Jair Bolsonaro da implantação dessa modalidade já no ensino fundamental.

Discussões e embates comuns em ambientes educacionais passaram a ocupar novos espaços. Entre as diferentes opiniões que emergiram na sociedade está a de que as relações proporcionadas pela escola são imprescindíveis para as crianças. Alguns pais chegam a engrossar o movimento dos líderes de empresas de tecnologia do Vale do Silício, nos Estados Unidos, que preferem colocar os filhos em escolas desconectadas, conforme relata reportagem do jornal *El País* “Os gurus digitais criam os filhos sem telas” (GUIMÓN, 2019). Outros ainda veem potencial na educação à distância (EAD) para desenvolver a autonomia dos estudantes, conforme defende o professor e diretor da Associação Brasileira de Educação à Distância, João Mattar (2018), no artigo “Não há justificativa para privar o jovem do nível médio da educação a distância”, publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

Nesse contexto, ouvir de alguns jovens que a internet atrapalha na educação torna-se uma oportunidade – até para os mais entusiastas da tecnologia – de realizar novos questionamentos sobre o seu papel na aprendizagem e no desenvolvimento de estudantes. O que a percepção deles nos revela neste estudo é que, mais importante do que analisar se uma videoaula é divertida e eficiente, ou se as ferramentas de busca online favorecem o plágio, é a necessidade de refletir sobre a relação que jovens têm com a conectividade em todas as suas dimensões e como ela influencia suas experiências de aprendizagem dentro e fora da escola. A análise de suas sensações não pode deixar de levar em conta como eles interagem com a tecnologia no ambiente escolar e que tipo de apoio recebem para encarar os desafios que encontram para aprender.

Percepções diversas e contraditórias

Os resultados do Juventudes e Conexões revelam alguns posicionamentos distintos na percepção das juventudes sobre a influência das tecnologias na educação, que carregam em si um cenário bem mais complexo de ser decifrado e que exige um olhar abrangente para os dados para compreender mais sobre o acesso que jovens têm à internet, o uso que fazem dentro da escola, o preparo que têm para lidar com desafios do meio digital como a veracidade das informações que circulam nas redes e a própria segurança, as práticas educacionais promovidas por professores a partir de ferramentas digitais, entre outras.

“Se for para contar o tempo que demoro para copiar e colar, realmente tem influência positiva.” Essa foi a reação de uma jovem consultora ao gráfico da pesquisa que mostra que 55% dos jovens declaram que a internet tem influência positiva no tempo que dedicam aos estudos. “Se a frase fosse postada nas redes sociais, poderia ser acompanhada pela hashtag #contemironia.” Essa jovem está entre aqueles que discordam disso e acham que jovens, quando estão online, gastam o tempo que deveria ser de estudo com outras atividades. O potencial de dispersão das ferramentas digitais, uma preocupação tradicionalmente levantada por professores, aparece nesta pesquisa como um dos pontos que dividiu a opinião de jovens entrevistados: 37% dizem que a internet piora a atenção na aula e 33% admitem que tira a concentração enquanto realizam estudos e trabalhos escolares.

Veja os dados completos no gráfico Avaliação da influência da internet nos estudos, no capítulo 6, página 89.

Veja os dados completos no gráfico Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender, no capítulo 6, página 92.

Embora a desconfiança e percepção de influência negativa não seja consensual, revela uma ambiguidade em relação às visões positivas que jovens também demonstram ter em relação à tecnologia e à educação. A mesma abundância de informações, serviços e atividades que impõe um desafio de autogestão para jovens também é reconhecida por eles como geradora de oportunidades de aprendizagem: para a maioria, a internet ajuda na preparação para provas, complementa o que foi dado nas aulas, ensina coisas úteis que não estão no currículo das escolas, oferece flexibilidade para cada um aprender no seu ritmo, local e horário de preferência, tem uma linguagem mais dinâmica e jovem e deixa as informações mais acessíveis.

“Acho que sempre tem o melhor [na internet]. Por exemplo, eu vejo aula de direito constitucional, tem vários professores no YouTube e tem uma pessoa que você se identifica, que você diz: ‘caramba, com ele eu consigo aprender!’.”

Jovem em grupo de discussão, entre 22 e 29 anos, classes CDE

Veja os dados completos no gráfico Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender, no capítulo 6, página 92.

Com tantas facilidades identificadas, até poderia se imaginar que jovens preferem estudar pela internet. Mas isso não é necessariamente verdade, uma vez que a maior parte diz que aprende mais com aula presencial que online.

Esse dado nos leva a outro ponto importante da pesquisa, a relação das juventudes com o professor. Mesmo que os jovens nos grupos de discussão tenham indicado desejo por mais autonomia nos processos de aprendizagem, queiram aulas mais bem-humoradas e dinâmicas (como veem na internet) e reivindiquem uma mudança na hierarquia dentro da sala de aula, professores ainda são considerados principal referência entre jovens para aprender e empreender. Além disso, seu papel só fica atrás da família em importância para decidirem o que querem ser e como participar da sociedade.

Veja os dados completos no capítulo 5, página 74.

Ao longo do estudo, jovens mostraram a necessidade que sentem de serem orientados sobre conteúdos e conhecimentos que precisam aprender e como valorizam o papel do professor para realizar essa tarefa. Essa demanda é confirmada na consulta Nossa Escola em (Re)Construção, realizada pelo Porvir em parceria com a Rede Conhecimento Social (2019). No questionário online aberto para adolescentes e jovens de 11 a 21 anos, entre 2017 e 2018, eles foram convidados a avaliar quais são as características mais valorizadas em um professor. Entre os quase 20 mil participantes, “saber explicar bem os conteúdos” (54%) e “ter muito conhecimento sobre um assunto” (33%) foram os itens mais escolhidos, indicando que esperam do professor alguém que possa apoiar estudantes em sua construção de conhecimento. A referência que jovens demonstram ter – e valorizar – é a do educador que explica conteúdos em uma sala, ainda que muitas vezes a aula seja considerada chata.

Veja os dados completos no gráfico Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender, no capítulo 6, página 92.

No Juventudes e Conexões, jovens dos grupos de discussão também apontaram que na internet os “conteúdos nem sempre são confiáveis”, “as informações muitas vezes são difusas e descontraídas” e com “pouco embasamento”. Diante da dificuldade que reconhecem ter para filtrar bons conteúdos na rede, não deixa de ser curioso que poucos tenham se identificado com a afirmação de que “com internet, o professor é mais um orientador de estudos/tutor”. A curadoria de informações ou facilitação de uma navegação

mais segura no ambiente online ainda não são percebidas por esses jovens como funções de educadores, provavelmente porque a maior parte das referências que têm de atividades de aprendizagem são de aulas baseadas na transmissão de conteúdos.

Outro fator que conta para a construção da relevância do papel do professor é o quanto as boas relações que estabelece com seus alunos tornam-se marcantes para as juventudes. Uma fala de jovem em grupo de discussão (entre 22 e 29 anos, classes AB) demonstra como a interação presencial e afetiva é fundamental:

“Os professores que mais marcaram minha vida guardavam um tempo da aula para, em vez de dar conteúdo, perguntar como a gente estava, do que a gente precisava, o que a gente esperava. Acho que os professores, quando conseguem perceber que são todos humanos na sala de aula, tudo fica diferente no aprendizado.”

Esse sentimento aponta para mais uma contradição na percepção dos consultados: apesar de a tecnologia mediar muitas das relações humanas das juventudes, ela ainda não tem um papel fundamental nas interações entre professores e alunos. O estudo nos mostra que poucos participantes dizem ter contato com seus professores por meio de redes sociais, email ou WhatsApp, principalmente entre aqueles que estão na educação básica. Esse tipo de interação se torna mais comum entre os estudantes universitários.

Uma leitura rápida desses resultados pode, levemente, relativizar o potencial das tecnologias digitais na educação formal. Mais prudente, no entanto, é usar essas informações para suscitar outros questionamentos: jovens valorizam professores porque eles estão longe das tecnologias? Ou seria a frequência com que convivem presencialmente com educadores que amplia a relevância do seu papel na vida deles? O fato de, tradicionalmente, os professores serem reconhecidos como detentores do saber influencia a imagem que os alunos têm sobre eles? Como avaliar a importância dos mestres para organizar as informações que parecem tão diversas e complexas em outros ambientes? Por fim, os professores têm a oportunidade de promover um desenvolvimento mais significativo dos alunos se incorporarem em suas práticas o uso da internet para aproveitar seus benefícios?

Veja os dados completos no gráfico Tecnologias digitais em práticas e relações para aprender, no capítulo 6, página 92.

Veja os dados completos no capítulo 5, página 71.

A escola e suas múltiplas funções

A reflexão das juventudes sobre a escola é determinante para o aprofundamento da análise das distintas percepções que têm sobre suas conexões e o potencial das tecnologias para sua aprendizagem e desenvolvimento. Para elas, seja para aprender, para participar da sociedade, para empreender e para decidir quem querem ser, a escola, onde está também o valorizado professor, é a instituição declarada mais importante em suas vidas.

Quando **jovens consultores** entraram em contato com os dados do estudo, foi fácil para eles explicarem o porquê a instituição é tão relevante.

“Acho que é o processo de socialização, o ser humano entra em um ambiente totalmente diferente e passa a construir sua pessoa com a interação no meio.”

“Escola é o primeiro lugar coletivo no qual você se revolta, questiona e começa a se organizar.”

“Se não tem escola, não tem sociedade, porque é lá que se aprende a lidar com o outro.”

As declarações traduzem a importância que dão para o aprendizado coletivo e as trocas entre os amigos e colegas, tanto para aprender como para participar e construir sua identidade. A percepção combina com uma série de estudos que reconhecem a escola como um dos mais importantes espaços de socialização e criação de identidade para as juventudes. No texto “A Escola Faz as Juventudes? Reflexões Em Torno da Socialização Juvenil”, o sociólogo Juárez Dayrell (2007) discute como “as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mudanças profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações”. Para o autor, “a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade”.



Nos grupos de discussão do Juventudes e Conexões, participantes apresentaram muitas críticas ao ambiente escolar – “parece uma prisão”, é “desatualizada”, “tem aulas cansativas”, “práticas autoritárias” – e sugeriram mudanças – “mais debates em sala de aula”, “aulas dinâmicas”, “fim da estrutura enfileirada das cadeiras”, “mais prática e escuta dos alunos”, mas não deixaram de reconhecer sua potência.

Uma realidade que contribui para sua valorização é a carência, em determinados territórios, de outros equipamentos públicos, como espaços culturais, centros de assistência social, organizações da sociedade civil, parques e áreas de lazer. Nessas regiões, a instituição de ensino pode ganhar um significado ainda maior, seja porque consegue abrigar experiências que seus estudantes não têm acesso em outros lugares ou, por outro lado, porque acaba falhando em cumprir todas as funções esperadas dela.

O dado quantitativo da pesquisa não dá conta de explicar o quanto desse reconhecimento diz respeito ao que esperam da escola ou o que já encontram nela, segundo analisaram **jovens consultores** do estudo. Em rodas de conversa promovidas pela pesquisa Nossa Escola em (Re)Construção e oficinas de escuta de estudantes do evento Educação 360 Jovem, promovido em 2018 e 2019 no Rio de Janeiro pelo jornal *O Globo*, essa confusão foi confirmada. A avaliação das juventudes é impactada pelas conexões afetivas que estabelecem com a instituição e as pessoas que fazem parte dela. Além disso, as referências de cada um, construídas a partir de experiências dentro e fora da escola, também influenciam suas demandas.

Via de regra, é difícil sonhar com aquilo que não se conhece. São comuns, por exemplo, os depoimentos de jovens que dizem que nunca ouviram falar sobre empreendedorismo ou projeto de vida em suas aulas, mas é verdade que muitos conseguem citar pelo menos um professor que foi determinante para definir alguma escolha sobre o futuro. Os depoimentos de **jovens consultores** confirmam que a escola os ajudou a decidir o que querem ser, mesmo que esse objetivo não estivesse claro em seu currículo, e que entre os estudantes de baixa renda há a expectativa de que a educação os leve a ascender socialmente. E realmente, como foi refletido nas etapas de construção coletiva deste estudo, a escolaridade pode e deveria ter esse impacto, embora muitos indicadores de aprendizagem e ingresso no ensino superior mostrem que as escolas de regiões pobres têm falhado nesta função. Nas reflexões entre **especialistas, consultoras e jovens consultores**, eram trazidos diversos relatos de que jovens, muito frequentemente, também se sentem desrespeitados em suas individualidades pelas regras e relações estabelecidas no ambiente escolar, mas também vivem neste espaço experiências e interações que possibilitam o autoconhecimento e projeções sobre quem eles querem se tornar.

A dualidade e o descompasso entre expectativa e realidade são mais bem representados pela pesquisa Nossa Escola em (Re)Construção. Respostas coletadas em 2017 e 2018 mostram que 49% dos participantes têm acesso a práticas e atividades que desenvolvem corpo e alma na escola, mas 69% dizem que elas não podem faltar. A tendência se repete quando consultados sobre participação (47% têm e 65% dizem que não pode faltar), atividades mão na massa (43% e 63%) e práticas que vão além dos muros (34% e 62%).

Mesmo sem deixar de lado a concepção de que as pessoas não aprendem apenas nos tempos, espaços e com os atores tradicionais da escola, bem como a defesa de uma ampliação da rede de apoio a jovens, as opiniões e vontades expressas pelo estudo Juventudes e Conexões evidenciam a necessidade de a própria escola se reinventar.

Esse ambiente que reúne jovens, professores, funcionários e familiares tem o potencial de se tornar um espaço de múltiplas aprendizagens, que proporciona experiências diversas e se abre a interações com o que acontece do lado de fora de seus muros, seja na realidade presencial ou nas redes virtuais. Isso não deveria acontecer apenas esporadicamente ou acidentalmente, mas precisa se tornar uma construção intencional, que passa por uma reformulação de currículos, práticas, tempos, espaços, papéis, relações, avaliações e recursos pedagógicos.

Os desejos e as angústias expressos pelas juventudes nesta pesquisa se traduzem na demanda por uma educação integral, que não se preocupa apenas em preparar alunos para o vestibular, mas se propõe a desenvolver o ser humano em cinco dimensões: intelectual, emocional, cultural, física e social.

O mesmo desejo é expresso por jovens quando consultados sobre as habilidades que consideram mais importantes para aprender. Vontade de aprender sempre, trabalho em equipe e cooperação, capacidade de tomar decisão, criatividade e empatia ficaram no topo da lista. E eles querem que esse desenvolvimento aconteça dentro da escola. Ainda que reconheçam que a internet também é um espaço de aprendizado, relacionamento e participação social, jovens não abrem mão de ter acesso ao espaço físico e simbólico que proporciona que aprendam conteúdos acadêmicos, socializem, construam sua identidade, conquistem valores, reivindiquem seus direitos e contribuam para a resolução de problemas sociais.

Como a tecnologia ajudará as escolas e os estudantes

Se já está claro para jovens que a internet é útil para aprender coisas que não são possíveis na escola, torna-se crucial entender se – e de que maneira – pode ser positiva na sala de aula. A dúvida apontada por participantes da pesquisa precisa ser interpretada como um alerta das juventudes para educadores e gestores educacionais refletirem de maneira profunda e responsável sobre a presença e o uso da tecnologia e da internet na educação. Embora esse não seja um campo de estudo novo, o fato de os próprios jovens identificarem dificuldades e receios em relação à internet no ambiente escolar é um elemento a mais que deve ser investigado.

Entender as referências dos estudantes brasileiros em relação às TDICs é crucial neste exercício. Dados da TIC Educação 2017 (CGI.BR: 2018) revelam que, dentro das escolas, o acesso à internet por jovens é mais restrito do que fora delas.

Uma das barreiras para a utilização de tecnologias e da internet é de infraestrutura, principalmente em escolas públicas. De acordo com dados levantados entre agosto e dezembro de 2017, 40% das instituições públicas urbanas têm conexões de até 3 Mbps, e apenas 50% disponibilizam o sinal na sala de aula. Entre as rurais, só 36% têm algum tipo de acesso à internet, não necessariamente aberto para os estudantes. Mesmo com tais limitações, o cenário é de evolução na disseminação do uso de tecnologias, tanto entre professores como entre alunos. Segundo a TIC Educação 2017, 99% dos professores são usuários de internet, 82% buscam exemplos de planos de aula pelas redes, 75% buscam formas de aprimorar conhecimentos sobre uso de tecnologias para ensino e aprendizagem, mas só 48% disponibilizam conteúdo na internet para seus alunos. Entre os estudantes, 85% são usuários de internet. Deles, 87% usam a internet para aprender a fazer algo que não sabiam ou que sentiam dificuldade e 57% leram um livro, um resumo ou e-book. No entanto, se consultados sobre o local em que acessaram a rede, somente 39% (50% de escolas particulares e 37% de públicas) citaram a escola.

É interessante cruzar esses dados de acesso com a percepção trazida por Juventudes e Conexões de que a internet é um elemento complementar e exterior à escola, o que representa a realidade conhecida por grande parte das juventudes no Brasil. Mas isso não quer dizer que a preferência dos estudantes seja por não ter conectividade nas escolas, já que muitos sequer têm ou tiveram acesso a instituições com infraestrutura adequada para a promoção de práticas educacionais mediadas por tecnologia. Ainda colaboram para este cenário as carências na formação dos professores em relação ao uso de recursos digitais, conforme mostra o estudo sobre ensino híbrido *“Blended Beyond Borders: A scan of blended learning obstacles and opportunities in Brazil, Malaysia & South Africa”*, do Instituto Clayton Christensen (2017), que mostra que 79,1% dos 110 entrevistados brasileiros que participaram do levantamento apontam o desenvolvimento profissional de alta qualidade para professores como o principal desafio para o uso de tecnologia na educação.

Dados da TIC Educação 2017 sobre o tipo de atividade que os professores

promovem com uso da internet também mostram que, mesmo quando as tecnologias entram na escola, transformam muito pouco a maneira como se ensina e aprende. Apenas 40% dos educadores solicitam que alunos realizem exercícios ou trabalhos em grupo com apoio da tecnologia, 34% pedem que produzam textos, desenhos ou maquetes e só 26% trabalham com jogos educativos. Já as atividades escolares mais realizadas por alunos são pesquisas para a escola (85% na rede pública e 92% na particular), trabalhos (80% e 85%) e pesquisas sobre o que os professores falam na aula (74% e 83%).

Essas atividades de pesquisa e exercícios estão longe de conseguir engajar significativamente os estudantes. No estudo Juventudes e Conexões, a maioria dos e das jovens diz que aprende melhor quando o professor dá aulas mais interativas com uso de tecnologias. Também não ajudam jovens a enfrentarem seus principais desafios para aprender, que, segundo participantes dos grupos de discussão, são: o foco, a concentração, a disciplina e o comprometimento. Se, por um lado, jovens acreditam que existe muita informação disponível e “só não aprende quem não quer”, por outro admitem que precisam desenvolver habilidades para não desviar dos estudos diante de outras ofertas que estão disponíveis no ambiente online.

“Hoje vimos crianças na Pinacoteca treinando a percepção sobre arte desde cedo. Tem que fazer o mesmo em relação à internet. O foco deve ser treinado!”

Jovem consultor em oficina de PerguntAção

Com tudo isso, é possível inferir que o uso restrito das TDICs para fins pedagógicos, aliado aos hábitos das juventudes de estarem sempre conectadas em redes sociais, em nada contribui para que a influência da internet no tempo e na atenção aos estudos seja positiva ou mesmo para que os jovens possam identificar maneiras de utilizar as tecnologias e a internet para colaborar nos estudos. Tampouco os jovens conseguem qualificar o seu uso, aprimorar o senso crítico em relação às informações que circulam na internet e desenvolver habilidades para viver com segurança no ambiente virtual. Principalmente porque a internet está presente em todos os aspectos da sociedade é que não adianta bani-la da escola para resolver o problema da indisciplina e da dispersão dos estudantes.



Por meio da pesquisa Juventudes e Conexões, jovens demonstraram que necessitam de apoio para entender como aproveitar o seu potencial para se concentrar, estudar e aprender mais. Ajudá-los nessa tarefa é uma função que a escola precisa abraçar. O desafio para educadores, portanto, é deixar de encarar as ferramentas digitais apenas como um meio de ensinar outros conteúdos ou automatizar tarefas, mas incorporar as tecnologias digitais como conteúdos a serem ensinados e habilidades a serem desenvolvidas.

Além disso, estudantes também precisam de ajuda para desenvolver senso crítico em relação às informações que circulam no meio digital. Os depoimentos de jovens que participaram de grupos de discussão mostram, por exemplo, que, embora estejam cientes do perigo das notícias falsas, usam filtros pouco confiáveis para acreditar em uma postagem: a proximidade com a pessoa que a compartilhou e a maneira como foi escrita.

Mas como ensinar a lidar com a internet e as novas tecnologias sem deixar que ela entre na escola? Se essa restrição sair da sala de aula será possível entender que o ensino híbrido, aquele que mistura experiências sem o apoio de tecnologias digitais e online com outras práticas mediadas por elas é tanto uma necessidade para a instituição preparar jovens para os desafios da vida contemporânea como uma solução para a escola se reinventar, a partir das demandas dos estudantes.

Projetos como o do professor Raniere Cândido, do Colégio Paraíso (2018), de Juazeiro do Norte (CE), ilustram como isso já acontece na prática. Segundo relatou na seção Diário de Inovações, do site Porvir, após serem provocados a pensar em uma solução que tivesse uma aplicação real, seus alunos criaram um robô com um letreiro digital que exibia a mensagem “libera a faixa [de pedestre]”, quando alguém estacionava no local proibido. Usando materiais reciclados e uma miniplaca programável, durante o processo seus alunos aprenderam, além de lógica, a observar problemas e inventar uma proposta de intervenção, trabalhar em equipe e tomar decisões. Também refletiram sobre sustentabilidade e se movimentaram pela escola e na rua em frente para desenvolver o projeto. Segundo o professor, mantiveram-se engajados e vibrantes durante todo o processo.



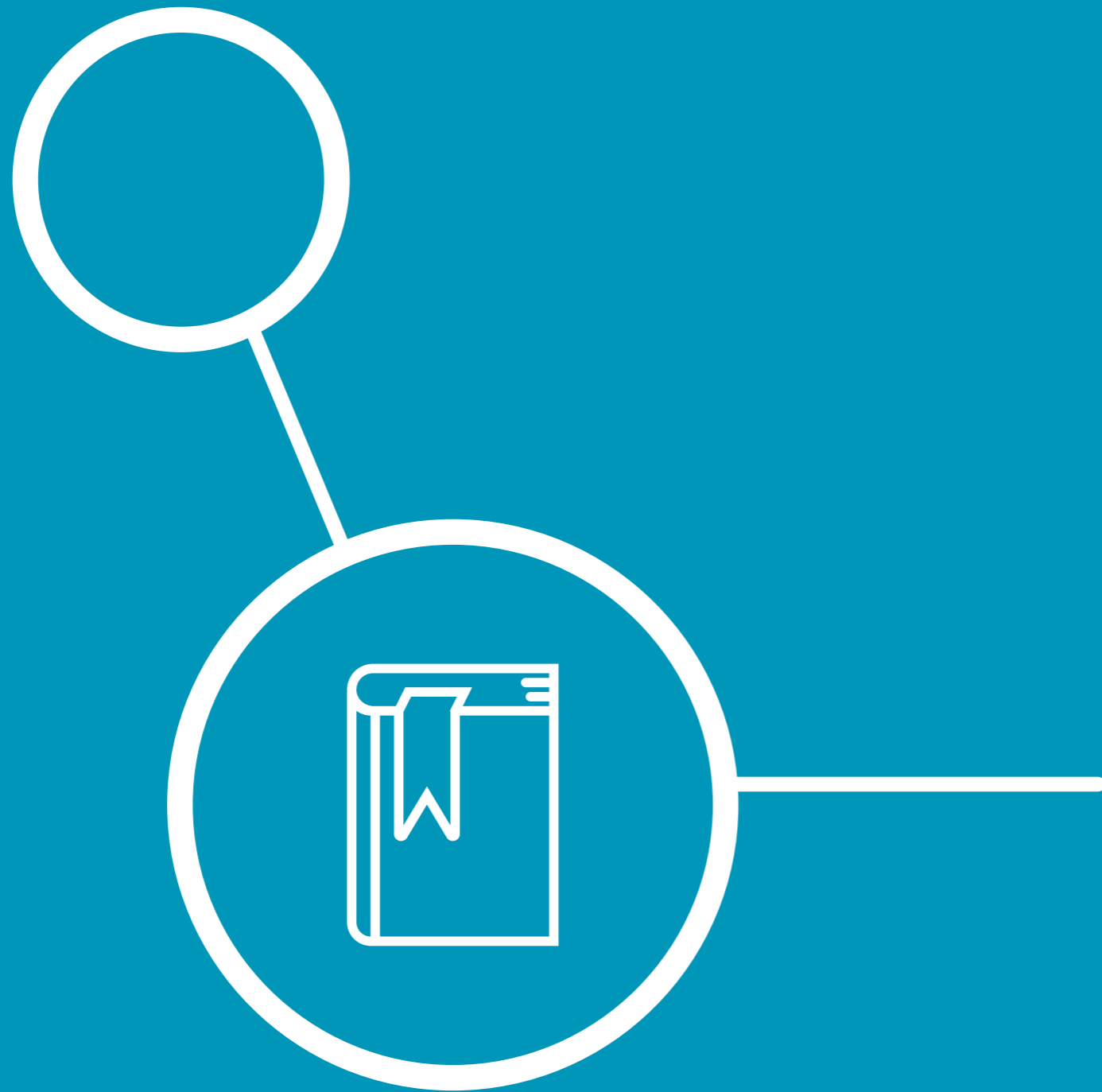
Já na Escola Estadual João XXIII, em Ipatinga (MG), o professor de filosofia Uanderson de Jesus Menezes (2018) criou um canal no YouTube e revolucionou o aprendizado da disciplina. Seus alunos precisavam criar vídeos, em formato de programa de TV, sobre filosofia, incluindo temas, conceitos e discussões realizadas em sala de aula. Segundo relato também publicado no Porvir, além de trabalhar a autonomia e potencial criativo dos alunos, contribuir para sua formação moral, ética, política e cidadã, o projeto construiu um acervo que pode ser usado durante outras aulas como material didático. Também acabou envolvendo as famílias e levando as discussões filosóficas para a comunidade escolar.

Em Santarém (PA), um aplicativo criado pelo Centro de Mídia Cívica do Instituto de Tecnologia de Massachusetts – MIT (PORVIR, 2017) apoiou estudantes de escolas públicas mobilizados para reivindicar que suas merendas fossem de melhor qualidade. Pela ferramenta, eles coletaram dados e fotos da merenda que serviram de base para um material entregue ao Ministério Público. Com a mobilização, passaram a participar do processo de compra dos alimentos e estabeleceram novos fóruns de diálogo com o poder público.

Esses três exemplos de projetos e processos que envolveram a internet e outras ferramentas digitais de maneira inovadora são pistas de como o uso das TDICs nas escolas pode ir além do incentivo a realizar pesquisas. Promover novas práticas pedagógicas e de gestão, além de tornar o estudante protagonista de seus processos de aprendizagem, é muito mais interessante para os educadores e estudantes.

Mais do que complementar a escola quando professores e alunos estão fora dela, integrar a tecnologia nas instituições de ensino é uma maneira de valorizar ainda mais o papel da escola e viabilizar que consiga dar conta de promover a educação integral e atender às expectativas de jovens. Por meio da internet, a escola pode ficar mais atualizada, divertida, criativa, dinâmica e democrática. O professor consegue se empoderar para promover uma aprendizagem mais relevante. E o aluno tem a oportunidade de se sentir acolhido, engajado e preparado para aprender e construir uma vida significativa para si e para o país.

Por fim, conectar escolas brasileiras e promover um uso qualificado da internet é também uma necessidade para garantir equidade a jovens brasileiros. Embora os participantes desta edição do estudo Juventudes e Conexões tenham a percepção de que estão sempre online, a qualidade e o tipo de acesso que realizam ainda é muito desigual no país. Não é justo com os indivíduos, nem construtivo para a sociedade, que nem todos tenham acesso aos benefícios que a tecnologia pode trazer para seus aprendizados. E é a escola que pode e deve impedir que a desigualdade de oportunidades seja ampliada ainda mais.



Referências bibliográficas

Neste capítulo, trazemos as referências bibliográficas utilizadas pela **consultora** deste eixo. São livros, artigos e pesquisas nacionais e internacionais sobre jovens e suas relações com as tecnologias e conexões.

As referências podem contribuir com instituições, educadores, pesquisadores, jovens, professores e interessados em geral pelos temas para explorar de forma mais profunda e detalhada as questões que envolvem este estudo.

CÂNDIDO, Raniere. (2018). *Alunos montam robô para fiscalizar o trânsito em frente à escola*. Disponível em: <http://porvir.org/alunos-montam-roboto-para-fiscalizar-o-transito-em-frente-escola/>

CLAYTON CHRISTENSEN INSTITUTE. (2017) "*Blended Beyond Borders: A scan of blended learning obstacles and opportunities in Brazil, Malaysia & South Africa*". Disponível em: <https://www.christenseninstitute.org/publications/beyondborders/>

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CGI.BR. (2018). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2017*. Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>

DAYRELL, Juarez. (2007). *A Escola Faz as Juventudes? Reflexões Em Torno da Socialização Juvenil*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. (2014). *Juventude Conectada*. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. (2016). *Juventude Conectada 2*. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo.

GUIMÓN, Pablo. (2019). *Os gurus digitais criam os filhos sem telas*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/actualidad/1553105010_527764.html

MATTAR, João. (2018). *Não há justificativa para privar o jovem do nível médio da educação a distância*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/09/nao-ha-justificativa-para-privar-o-jovem-do-nivel-medio-da-educacao-a-distancia.shtml>

MENEZES, Uanderson de Jesus. (2018). *Alunos criam Domingão do Platão para discutir filosofia em canal do YouTube*. Disponível em: <http://porvir.org/alunos-criam-domingao-do-platao-para-discutir-filosofia-em-canal-do-youtube/>

PORVIR. (2014). *Educação Sob Medida*. Disponível em: <http://porvir.org/especiais/personalizacao/>

PORVIR. (2017). Alunos fiscalizam merenda e conseguem garantir direitos. In: *Participação dos Estudantes na Escola*. Disponível em: <http://porvir.org/especiais/participacao/alunos-fiscalizam-merenda-e-conseguem-garantir-direitos/>

PORVIR; REDE CONHECIMENTO SOCIAL. (2019). *Nossa escola em (Re)Construção*. Disponível em: <http://porvir.org/nossaescolarelatorio>

ROSE, Todd. (2016). *The End of Average: How We Succeed in a World That Values Sameness*. USA: Harper Business.

VALENTE, José Armando. (2015). *O Ensino Híbrido Veio para Ficar*. In: *Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação*. Porto Alegre: Penso.



Anexo: Questionário

Com o objetivo de compartilhar mais do que os resultados do estudo, apresentamos o questionário quantitativo utilizado nesta edição do Juventudes e Conexões, com a sinalização de todas as alterações feitas entre a edição 2015-2016 e a 2018-2019. Todas as mudanças e sugestões foram resultantes das etapas de construção coletiva com **especialistas** e **jovens consultores**, bem como das reuniões e discussões com as **consultoras** da pesquisa.



PERFIL

P1. Praça que reside:

P2. Sexo: () Masculino () Feminino

P3. Idade: _____ anos

P4. Dados de classificação econômica - novo critério Brasil 2018

P4a. Vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considerem apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

No domicílio tem...	Não tem	Tem (Quantidade)			
		1	2	3	4 ou +
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular	0	3	5	8	11
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana	0	3	7	10	13
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho	0	2	4	6	6
Quantidade de banheiros	0	3	7	10	14
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel	0	1	3	4	6
Quantidade de geladeiras	0	2	3	5	5
Quantidade de freezers independentes ou parte da geladeira duplex	0	2	4	6	6
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones	0	3	6	8	11
Quantidade de lavadora de louças	0	3	6	6	6
Quantidade de fornos de micro-ondas, incluindo os aparelhos com dupla função (de micro-ondas e forno elétrico)	0	2	4	4	4
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional.	0	1	3	3	3
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca.	0	2	2	2	2

P4b. Qual é o grau de instrução do chefe da família? (pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio)

	Pontuação
Analfabeto/Fundamental I incompleto	0
Fundamental I completo/Fundamental II incompleto	1
Fundamental II completo/Médio incompleto	2
Médio completo/Superior incompleto	4
Superior completo	7

P4c. A água utilizada nesse domicílio é proveniente de:

	Pontuação
A) Rede geral de distribuição	4
B) Poço ou nascente	0
C) Outro meio	0

P4d. Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:

	Pontuação
A) Asfaltada/Pavimentada	2
B) Terra/Cascalho	0

P5. Sabe ler e escrever um bilhete simples?

() Sim	() Não
---------	---------

P6. Qual foi a última série que você completou com aprovação?

Sem escolaridade
Sabe ler/escrever, mas não cursou escola
Fundamental I (1ª até 4ª série)
Fundamental II (5ª a 8ª série)
Ensino médio (1º a 3º ano)
Superior completo
Superior incompleto

P7. Considerando suas atividades, gostaria de saber se atualmente você está estudando. E você está trabalhando? (Quantas opções quiser) *

Estudando	() Sim	() Não
Trabalhando	() Sim	() Não

P8. Você costuma utilizar a internet?

() Sim	Continue
() Não	Encerre

* Mudança de 2015-2016 para 2018-2019 (múltipla resposta na edição atual)

P9. De qual desses equipamentos você acessou a internet nos últimos três meses? (Quantas opções quiser)

P10. E qual deles é o mais frequente? (Apenas uma resposta)

Computador de mesa
Computador portátil (notebook, laptop, netbook)
Tablet
Celular/smartphone
TV
Aparelho tocador de MP3 (iPod)
Relógio ou bracelete inteligente (Apple Watch, Smartband etc.)
Videogame (Xbox, Playstation etc.)

P11. Para cada uma das atividades abaixo, responda qual você realizou nos últimos três meses pela internet. Pense em um período típico (normal), ou seja, não considere período de férias.

	1. Mais de uma vez ao dia	2. Todos os dias ou quase todos os dias	3. Pelo menos uma vez por semana	4. Pelo menos uma vez por mês ou menos	5. Não faz
COMUNICAÇÃO					
Acessa ao menos uma de sua(s) conta(s) em redes sociais (Facebook, Twitter, LinkedIn, Instagram, Pinterest etc.)	1	2	3	4	5
Verifica seu email	1	2	3	4	5
Conversa por mensagens instantâneas (WhatsApp, Skype, Telegram etc.)	1	2	3	4	5
Participa de fóruns ou grupos de discussão temática (inclusive via redes sociais)*	1	2	3	4	5
Cria/atualiza blogs, páginas	1	2	3	4	5
Cria/atualiza canais de vídeos e podcasts*	1	2	3	4	5
Cria/posta conteúdo (música, imagens, vídeo, fotos, filmes etc.) nas redes sociais*	1	2	3	4	5
BUSCA DE INFORMAÇÃO E SERVIÇOS ONLINE					
Faz pesquisas na web sobre informações em geral	1	2	3	4	5
Utiliza serviços de localização (mapas, pesquisa de endereço, trânsito)	1	2	3	4	5
Acompanha blogs e canais de YouTube (sobre temas como jogos, moda, decoração, política, saúde etc.) *	1	2	3	4	5
Utiliza serviços bancários (internet banking, pagamento digital etc.) *	1	2	3	4	5

Utiliza serviços de governo (Detran, cadastros, companhia de energia e saneamento etc.)*	1	2	3	4	5
Utiliza serviços de transporte e mobilidade (Uber, 99, Easy taxi, Moovit) *	1	2	3	4	5
Assiste a filmes, séries, programas de televisão, ouve música pela internet (YouTube, Vimeo, Netflix, Spotify, PopcornTime etc.)	1	2	3	4	5

ATIVIDADES DE LAZER

Baixa conteúdos (download de música, filmes, vídeo, texto e jogos etc.)	1	2	3	4	5
Acessa site de revistas (Capricho, Superinteressante, Trip, TPM etc.)	1	2	3	4	5
Acessa sites de notícias (Uol, G1, CBN etc.)	1	2	3	4	5
Baixa e instala softwares/programas de computador/aplicativos *	1	2	3	4	5
Lê livros digitais (ebooks, eReaders etc.)	1	2	3	4	5
Joga games/jogos eletrônicos	1	2	3	4	5
Utiliza aplicativos de relacionamento (Tinder, Grindr, Happen, Kick off etc.) *	1	2	3	4	5

ATIVIDADES DE TREINAMENTO, EDUCAÇÃO E CAPACITAÇÃO/MERCADO DE TRABALHO

Procura ou faz pesquisa para a escola ou faculdade	1	2	3	4	5
Faz curso à distância e curso online	1	2	3	4	5
Pesquisa informações sobre cursos	1	2	3	4	5
Pesquisa sobre capacitação profissional*	1	2	3	4	5
Procura trabalho ou emprego (fixo ou freelancer/espórado) *	1	2	3	4	5
Busca dicas de como fazer coisas diversas*	1	2	3	4	5
Acessa conteúdos educativos (podcast, vídeos, audiolivros, tira-dúvidas etc.)*	1	2	3	4	5
Utiliza ferramentas interativas para aprender (jogos, aplicativos, simuladores de exercícios)*	1	2	3	4	5

COMÉRCIO ELETRÔNICO

Compra pela internet de produtos e serviços (viagens, roupas, sapatos, passagens, ingressos etc.)	1	2	3	4	5
Pesquisa de preços de produtos e serviços	1	2	3	4	5
Venda de produtos e serviços (olx, mercado livre, elo 7, enjoei etc.)*	1	2	3	4	5

OUTROS

Utiliza app ou programas para edição de imagens, vídeos ou sons*	1	2	3	4	5
--	---	---	---	---	---

Entrevistado deve utilizar pelo menos três atividades com código 1, 2 ou 3 de grupos de atividades diferentes.

* Item ou pergunta novos!

* Mudança de 2015-2016 para 2018-2019 (inclusão de novo trecho; simplificação do item)

* Item criado como desdobramento de um item de 2015-2016 ("utiliza serviços online")

P12. Com qual raça/cor você se identifica? (Apenas uma resposta)*

Branca
Preta/Negra
Parda
Amarela
Indígena

P13. Qual a sua religião? (Apenas uma resposta)*

Católica
Evangélica tradicional
Evangélica protestante
Evangélica pentecostal
Neopentecostal
Judaica
Orientais (budismo etc.)
Islamismo
Umbanda/candomblé
Espírita kardecista
Messiânica
Ateu/não acredita em Deus
Outra. Qual?
Não tem religião

P14. Com qual gênero você se identifica? (Apenas uma resposta)*

Masculino
Feminino
Não binário ou outro

P15. Atualmente, qual é o seu status de relacionamento? (Apenas uma resposta)*

Solteiro(a)
Casado(a)/União estável/Morando junto
Separado(a)/divorciado(a)
Viúvo(a)

P16. Você tem filhos? Se sim, quantos? (Apenas uma resposta)*

Sim - Anote a quantidade exata _____!
Não tenho filhos, mas pretendo ter no futuro
Não tenho filhos e não pretendo ter no futuro

P17. Qual a sua participação na vida econômica do seu domicílio? (Apenas uma resposta)*

Sou totalmente dependente financeiramente da minha família
Sou parcialmente dependente financeiramente da minha família (pago parte das minhas contas)
Pago todas as minhas contas (sou independente da minha família)
Pago todas as minhas contas e contribuo parcialmente para o domicílio
A minha família depende financeiramente de mim

 **EDUCAÇÃO**

Por favor, pense no seu processo de aprendizado, que inclui não só escola ou faculdade, mas também outros espaços educacionais ou de estudo.

P18. Pensando no que você considera importante para o seu processo de aprendizado, gostaria que você avaliasse as frases a seguir utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significa que discorda totalmente e 10 significa que concorda totalmente.

Com a internet é mais fácil fazer trabalhos em grupo *
Professores mais jovens usam mais as tecnologias para ensinar *
Aprendo mais com uma aula presencial do que com uma aula online
Com a internet o professor é mais um orientador de estudos/tutor
Aprendo melhor quando o professor dá aulas mais interativas com uso de tecnologias *
Quando tenho vergonha de tirar minhas dúvidas na sala de aula, procuro na internet *
Uso a internet com frequência para buscar mais informações sobre o que foi dado na aula *
Tenho contato com meu professor por redes sociais, email e/ou WhatsApp *
Já aprendi coisas úteis para a vida e para o trabalho na internet que eu não aprenderia na escola/faculdade
A internet possibilita que eu aprenda no ritmo, local e horário mais adequados às minhas necessidades *
Uso a internet para me preparar e autoavaliar para provas e testes (Enem, concursos públicos, vestibular etc.)
A internet aumenta a troca de conhecimento escolar/acadêmico entre as pessoas *

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica

* Item ou pergunta novos!

P19. Você acha que a internet influencia: (Apenas uma resposta por frase) *

	De forma positiva (melhora)	De forma negativa (piora)	Não influenciou em nada	Não sei/não tenho certeza
O tempo que dedico aos estudos				
A atenção que tenho na aula				
A concentração enquanto realizo meus estudos e trabalhos escolares				



PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Pense agora no seu envolvimento e participação na sociedade, como por exemplo manifestações públicas, protestos, ações de voluntariado, doações etc.

P20. Aqui há uma lista com algumas formas de participação social. Você já se envolveu com alguma delas? (Quantas opções quiser)

Greve
Manifestação de rua/passeata/protesto
Abaixo-assinado/petições
Debate sobre temas de interesse público
Trabalho voluntário/voluntariado/ajuda no seu tempo livre *
Doação não financeira (roupas, alimentos, livros etc.)
Participação em partidos políticos
Compartilhamento de saberes (aulas públicas, oficinas, ensinar e dividir os meus conhecimentos)
Campanhas virtuais com ações presenciais (ex: quem é a favor de alguma coisa, apague as luzes ou pannelaço) *
Boicotes a empresas ou produtos (deixar de consumir) *
Participação em grupos de jovens da igreja/espço religioso que frequenta *
Participação em grêmios estudantil/centro acadêmico e/ou atividades para tomar decisão na escola*
Participação em projetos sociais ou culturais promovidos por instituições*
Participação em grupos/coletivos sociais, políticos ou culturais *
Doação financeira e contribuição em vaquinhas virtuais para causas coletivas ou pessoais*
Participação em sindicatos *
Outra forma (ESPECIFIQUE)
Nenhuma das alternativas

* Item ou pergunta novos!

* Mudança de 2015-2016 para 2018-2019 (inclusão de novo trecho; simplificação do item)

* Mudança de 2015-2016 para 2018-2019: item criado como desdobramento de um item de 2015-2016 ("Participação em movimentos partidários/não associados a partidos políticos"; Junção de dois itens em um - "doação financeira" e "vaquinha virtual"; inclusão da palavra "diversificação" para melhorar entendimento.)

P21. Pensando no que você considera importante para sua participação na sociedade, gostaria que você avaliasse as frases a seguir utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significa que discorda totalmente e 10 significa que concorda totalmente.

A internet é a melhor ferramenta para manifestar a minha opinião
Quando quero saber mais sobre algum assunto político, pesquiso sobre ele na internet *
Política é um assunto que interessa aos jovens *
Jovens se sentem ouvidos e representados nos movimentos e partidos políticos *
É melhor debater política pelas redes sociais do que presencialmente *
A convocação via redes sociais fortalece a participação presencial (em reuniões, debates, manifestações) *
Antes de aceitar um convite feito pela internet para uma atividade de participação social, eu verifico se a fonte é confiável
Prefiro expressar minhas ideias em um grupo que pensa igual a mim *
A internet colabora com o aumento da visão crítica
Ações ou eventos chamam mais minha atenção quando tem uma imagem, gif, meme ou vídeo *
Prefiro não publicar minhas ideias sobre política na internet para não sofrer ameaças ou brigar com alguém
A internet permite a melhor organização das pessoas para enfrentar problemas da sociedade
Procuro aprender sobre causas sociais, ambientais e/ou políticas pela internet
A internet facilita o meu envolvimento em ações solidárias/doações de dinheiro, tempo, trabalho e outros recursos para causas sociais

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica

P22. Você acha que a internet influencia: (Apenas uma resposta por frase)

	De forma positiva (melhora)	De forma negativa (piora)	Não influenciou em nada	Não sei/não tenho certeza
A participação em debates				
O foco dos debates				
A variedade/diversificação das causas *				
A agressividade				
As informações sobre política				
As opiniões radicais				
As opiniões conciliadoras				

P23. Agora temos uma lista de assuntos atuais e gostaríamos de saber, na sua opinião, quais são os mais importantes para o Brasil e para os brasileiros. Por favor, assinie até três respostas.

P24. E com quais desses assuntos você estaria disposto(a) a se envolver? (Até três opções)

Questões raciais e étnicas
LGBTQI+ (diversidade sexual)
Qualidade da educação
Acesso à internet
Direitos trabalhistas
Combate à corrupção
Avanço do agronegócio
Meio ambiente, mudanças climáticas e defesa dos animais
Reforma do ensino médio
Mobilidade urbana e transporte público
Tolerância religiosa
Segurança pública e violência
Direito das mulheres
Fortalecimento da democracia
Direito/Acesso à cultura
Descriminalização da maconha
Sistema de cotas para acesso à universidade
Combate às drogas
Liberdade de expressão e de imprensa
Saúde e alimentação saudável
Outra. Qual?



EMPREENDEDORISMO

Agora, mudando um pouco de assunto, gostaria que pensasse na sua vida profissional futura.

P25. Se pudesse escolher, você preferiria ser: (Apenas uma resposta)

Um empregado/funcionário público ou de uma empresa
Ter um negócio próprio
Nenhum dos dois

P26. Qual a probabilidade de você abrir um negócio próprio nos próximos 5 anos? (Apenas uma resposta)

P26b. E nos próximos 10 anos? (Apenas uma resposta)

Muito provável
Provável
Pouco provável
Nada provável
Não sei

Apenas se provável ou muito provável na P26.

P27. Por que é muito provável ou provável que você abra um negócio nos próximos 5 anos? (Quantas opções quiser)

Para ampliar a minha renda individual
Para explorar minha criatividade
Para colocar em prática os meus sonhos
Não quero/Não gosto de trabalhar para os outros
O cenário econômico será favorável para abrir meu negócio
Seria mais fácil para conciliar minha vida pessoal/familiar
Terei conhecimento/habilidade para gerir um negócio
Terei recursos/condições financeiras
Para ajudar a construir um mundo melhor
Para ter equilíbrio financeiro e espiritual
Algum outro motivo (ESPECIFIQUE)

Apenas se pouco provável ou nada provável na P26.

P28. Porque é pouco provável ou nada provável que você abra um negócio nos próximos 5 anos? (Quantas opções quiser)

Falta de oportunidades de negócio
Falta de ideias para abrir meu negócio
Falta de recursos financeiros (dinheiro) para investir
Falta de conhecimento/habilidade para gerir um negócio/não estarei preparado/ preciso estudar mais
Dificuldades burocráticas/administrativas
Risco de falhar é muito alto/medo de frustração
Seria muito difícil conciliar com minha vida pessoal/familiar
O atual cenário econômico não é favorável para abrir meu negócio
Risco de falir, entrar em dívida, ser processado
Ainda serei muito jovem, não terei idade suficiente
Algum outro motivo (ESPECIFIQUE)

P29. Você se considera uma pessoa empreendedora? (Apenas uma resposta)*

Sim
Não
Não tenho certeza

P30. Pensando no que você considera importante para desenvolver uma atitude empreendedora, gostaria que você avaliasse as frases a seguir utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significa que discorda totalmente e 10 significa que concorda totalmente.

A escola/faculdade é um lugar importante para aprender sobre empreendedorismo *
Os jovens são estimulados a se tornar empreendedores *
Uma pessoa antenada com tecnologias terá mais chance de sucesso como empreendedora *
Eu me preocupo com as mudanças no mercado de trabalho e as profissões do futuro *
Para mim é importante que o trabalho esteja alinhado com meus propósitos de vida *
A internet possibilita a criação de novos serviços/produtos/projetos que não seriam possíveis de outra maneira
Penso em usar a internet para desenvolver meu próprio modelo de empreendimento
A internet permite levantar dinheiro/financiamento para a realização de projetos/novos negócios/startups
A internet estimula a inovação/geração de ideias e novas soluções
A internet possibilita que pessoas com pouco capital tenham seus negócios
A internet favorece o surgimento de negócios que tenham impacto social
Pela internet é possível sustentar negócios que ajudem a melhorar o mundo

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica

P31. Você acha que a internet influencia: (Apenas uma resposta por frase)

	De forma positiva (melhora)	De forma negativa (piora)	Não influenciou em nada	Não sei/não tenho certeza
A colaboração entre empreendedores				
A competição entre empreendedores				
A ideia de que é fácil empreender				
A igualdade de oportunidades				



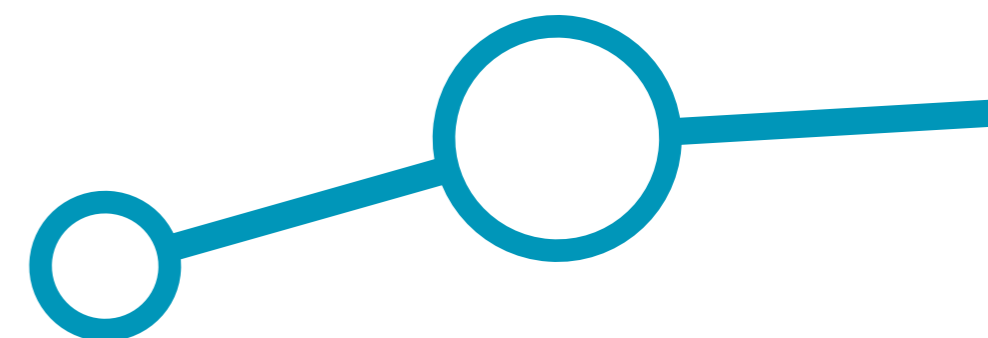
COMPORTAMENTO

Agora gostaria que pensasse no uso de tecnologia no comportamento pessoal, que inclui a comunicação por meio das redes sociais, o compartilhamento de dados, a busca por informações em geral e compras pela internet.

P32. Agora gostaria de saber o quanto você acha que a internet é segura. Por favor, dê uma nota de 0 a 10 em relação a algumas situações comuns de usuários da internet, em que 0 significa que você se sente totalmente INSEGURO(A) em fazer e 10 significa que você se sente totalmente SEGURO(A) em fazer.

Baixar aplicativos gratuitos ou pagos de seu interesse e que considera úteis
Realizar transações bancárias pela internet
Fornecer dados pessoais para a compra de um produto/serviço ou se cadastrar em uma página
Inscrever-se em concursos, provas, disponibilizar seu currículo online
Apoiar alguma causa publicamente *
Emitir opiniões sobre algum assunto atual ou polêmico *
Trocar informações pessoais com desconhecidos
Postar fotos pessoais nas redes sociais *
Fazer check-in nos lugares que frequento *
Escolher um produto ou usar um serviço baseado na avaliação de outras pessoas *

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica



* Item ou pergunta novos!

P33. Pensando no que você considera importante para você e suas relações, gostaria que você avaliasse as frases a seguir utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significa que discorda totalmente e 10 significa que concorda totalmente.

O uso da internet contribui para aproximar as pessoas
Já briguei nas redes sociais com pessoas próximas por expressarem opiniões diferentes da minha *
Tenho cuidado em expressar minhas opiniões na internet, pois posso não ser bem visto
Já passei mais tempo na internet do que pretendia
A internet permite que eu me relacione com pessoas com interesses e identidades semelhantes aos meus *
Na internet as pessoas podem ser quem elas quiserem *
Às vezes a forma como me mostro nas redes sociais é diferente de como sou fora delas *
Uso memes como uma forma de me comunicar *
Fazer uma <i>live</i> (transmissão ao vivo) é uma maneira interessante de mostrar quem sou e o que faço *
Gosto de ter familiares como amigos nas redes sociais *
Fico chateado se minha postagem não tiver a quantidade de <i>likes</i> que desejo *
A relação que tenho comigo mesmo(a) melhorou com alguns conteúdos que vejo na internet (sobre cabelo, corpo, sexualidade, identidade etc.) *

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica

P34. Você acha que a internet influencia: (Apenas uma resposta por frase)

	De forma positiva (melhora)	De forma negativa (piora)	Não influenciou em nada	Não sei/ não tenho certeza
A prática de <i>bullying</i>				
A ocorrência de ansiedade entre jovens				
O isolamento de jovens				
A exposição da intimidade				

* Item ou pergunta novos!

* Mudança de 2015-2016 para 2018-2019: inclusão do trecho "e identidades", para abranger mais do que gostos em comum.

P35. Pensando no seu relacionamento com a informação, gostaria que você avaliasse as frases a seguir utilizando uma escala de 0 a 10, onde 0 significa que discorda totalmente e 10 significa que concorda totalmente.*

O uso da internet estimula a produção de conteúdos de própria autoria
Eu me sinto capaz de selecionar conteúdos confiáveis na internet
Quando recebo uma notícia pelas redes, procuro saber se aquilo é verdadeiro
A maior parte do que leio e escrevo é nas redes sociais
O local onde mais me informo é nas redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram etc.)
Se me interesso por uma notícia que me mandam, costumo abrir o link para ler o texto completo

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	99
Discorda totalmente										Concorda totalmente	Não se aplica



REFERÊNCIAS E HABILIDADES

A seguir há uma lista de INSTITUIÇÕES. *

P36a. Na sua opinião, quais são as mais importantes para um jovem aprender? (Até duas)

P36b. E quais são as mais importantes para um jovem participar na sociedade? (Até duas)

P36c. E quais são as mais importantes para um jovem empreender? (Até duas)

P36d. E quais são as mais importantes para um jovem decidir quem quer ser? (Até duas)

INSTITUIÇÕES
Escola/faculdade
Organizações e projetos sociais
Igreja ou espaço religioso
Partidos políticos
Mídias e veículos de comunicação diversos (TV, rádio, jornais etc.)
Espaços e atividades culturais (saraus, bibliotecas, centros culturais etc.)
Grupos ou coletivos culturais, políticos ou sociais
Nenhum deles
Não sei/não quero responder

A seguir há uma lista de PESSOAS. *

P37a. Na sua opinião, quais são as mais importantes para um jovem aprender? (Até duas)

P37b. E quais são as mais importantes para um jovem participar na sociedade? (Até duas)

P37c. E quais são as mais importantes para um jovem empreender? (Até duas)

P37d. E quais são as mais importantes para um jovem decidir quem quer ser? (Até duas)

PESSOAS

Professor/educador/orientador

Amigos e colegas

Artistas e pessoas famosas (músicos, atores, escritores, empresários)

YouTubers e outros influenciadores digitais

Família/familiares (pai, mãe, tios, avós, irmã(o) etc.)

Líderes religiosos

Lideranças políticas (de partidos ou movimentos culturais, sociais, de bairro)

Psicólogo, terapeuta ou assistente social

Nenhum deles

Não sei/não quero responder

A seguir há uma lista de MATERIAIS E FERRAMENTAS. *

P38a. Na sua opinião, quais são as mais importantes para um jovem aprender? (Até duas)

P38b. E quais são as mais importantes para um jovem participar na sociedade? (Até duas)

P38c. E quais são as mais importantes para um jovem empreender? (Até duas)

P38d. E quais são as mais importantes para um jovem decidir quem quer ser? (Até duas)

MATERIAIS E FERRAMENTAS

Redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram etc.)

Sites e plataformas que falam sobre o tema

Livros, filmes, peças teatrais ou espetáculos de dança

Livros didáticos/técnicos ou apostilas

Vídeos e canais online (YouTube, Vimeo etc.)

Jogos e *games*

Ferramentas virtuais de inteligência artificial (robôs, chatbot), realidade virtual (simuladores) ou realidade aumentada (Pokemon Go etc.)

Leis ativas no país

Nenhum deles

Não sei/não quero responder

A seguir há uma lista de HABILIDADES E COMPETÊNCIAS. *

P39a. Na sua opinião, quais são as mais importantes para um jovem aprender? (Até três)

P39b. E quais são as mais importantes para um jovem participar na sociedade? (Até três)

P39c. E quais são as mais importantes para um jovem empreender? (Até três)

P39d. E quais são as mais importantes para um jovem decidir quem quer ser? (Até três)

HABILIDADES E COMPETÊNCIAS

Pensamento crítico

Comunicação e escuta

Conhecimento de tecnologias

Capacidade de resolver problemas

Criatividade

Capacidade de tomar decisão

Trabalho em equipe e cooperação

Flexibilidade

Valorização da diversidade

Empatia (colocar-se no lugar do outro)

Influência pessoal/liderança

Autodidatismo (aprender por conta própria)

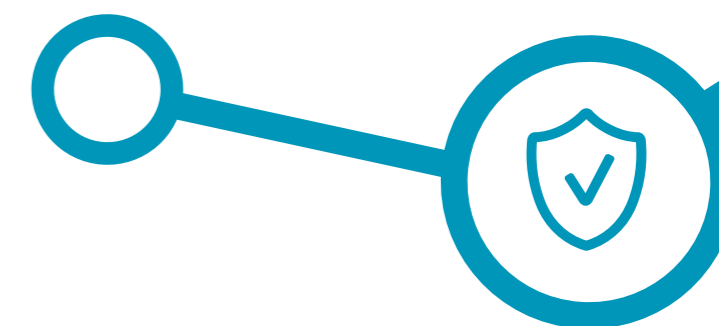
Curiosidade e interesse intelectual

Vontade de aprender sempre

Autocuidado e saúde

Nenhum deles

Não sei/não quero responder



* Item ou pergunta novos!

Instituições envolvidas

Idealização

Telefônica
FUNDAÇÃO | vivo

A Fundação Telefônica Vivo, responsável pelos projetos sociais da Telefônica Vivo, acredita na Inovação Educativa como forma de inspirar novos caminhos para o desenvolvimento do Brasil a partir da educação. Guiada pela inovação e disposição em contribuir para a construção de um futuro com mais oportunidades para todos, a Fundação desenvolve projetos que utilizam a tecnologia para gerar novas metodologias de ensino-aprendizagem, estimular o empreendedorismo social e o exercício da cidadania.

Realização



A Rede Conhecimento Social é uma organização sem fins lucrativos que dá continuidade às ações do Instituto Paulo Montenegro e tem como missão promover a construção participativa de conhecimento, conectando pessoas, grupos e organizações, para gerar mobilização e transformação social. A partir de diferentes abordagens, baseadas na colaboração, cocriação e compartilhamento de saberes, propõe o uso de pesquisas como prática formativa e método para fortalecimento de territórios e causas.

Parceria

IBOPE
inteligência

O IBOPE Inteligência é uma empresa nascida no Brasil, com mais de sete décadas de história, que segue contribuindo com o amadurecimento da democracia e dos mercados aos quais atende. Sua missão é gerar conhecimento relevante e confiável, produzindo e integrando informações em soluções que apoiem as estratégias e tomadas de decisão de seus clientes.

Esta edição do Juventudes e Conexões e as anteriores estão disponíveis para download em fundacaotelefonica.org.br.

Acompanhe a Fundação Telefônica Vivo pelas redes sociais:

 [fundacaotelefonica](https://www.facebook.com/fundacaotelefonica)

 [ft_brasil](https://twitter.com/ft_brasil)

 [ft_brasil](https://www.instagram.com/ft_brasil)

 [fundacaotelefonica](https://www.youtube.com/fundacaotelefonica)

Telefonica / vivo
FUNDAÇÃO



IBOPE
inteligência